

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)**

ROSANGELA JOVINO ALVES

**CONSTRUÇÕES COM *TANTO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
SEGUNDO UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

MARINGÁ-PR

2016

ROSANGELA JOVINO ALVES

**CONSTRUÇÕES COM *TANTO QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
SEGUNDO UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Pante

MARINGÁ - PR

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

A474c Alves, Rosangela Jovino
 Construções com tanto que no português brasileiro
 segundo uma perspectiva funcionalista / Rosangela
 Jovino Alves. -- Maringá, 2016.
 144 f. : il.

 Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Regina Pante.
 Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
 Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
 Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

 1. Funcionalismo. 2. Orações subordinadas. 3.
 Gramaticalização. 4. Tanto que. I. Pante, Maria
 Regina, orient. II. Universidade Estadual de
 Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
 Programa de Pós Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 415

MRP-003524

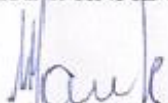
ROSANGELA JOVINO ALVES

**CONSTRUÇÕES COM TANTO QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO UMA
PERSPECTIVA**

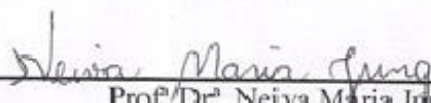
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração: **Descrição Linguística**.

Aprovada em 04 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Regina Pante
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Jung
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Marcel Messias Alves da Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.^a Dr.^a Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL/ Londrina-PR



Prof.^a Dr.^a Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/ Ponta Grossa-PR

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me apoiou.

Ao meu esposo Glaucio, que sempre me incentivou.

À minha filha Anna Clara, que sempre me motivou.

Ao meu bebê, já tão amado, que está a caminho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Problematização e Justificativas	12
Objetivos e Hipóteses	14
Corpus e Metodologia	15
Roteiro da Tese	17
1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO	19
1.1 O que é Funcionalismo?	19
1.2. O que é Função?	24
1.3 A língua é uma competência comunicativa	27
1.4 A explicação linguística deve ser buscada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua	28
1.5 As estruturas linguísticas não são objetos autônomos	29
2- GRAMATICALIZAÇÃO: UNIDIRECIONALIDADE X MULTIDIRECIONALIDADE	31
2.1 O que é Gramaticalização?	31
2.1.1. Princípios e mecanismos da gramaticalização	38
2.1.1.1. Princípio de unidirecionalidade	38
2.1.1.2. Mecanismos de gramaticalização	40
2.1.1.2.1. Processo metafórico	43
2.1.1.2.2. Processo metonímico	46
2.1.2. Outros aspectos presentes no processo de gramaticalização	49
2.1.2.1. Erosão fonológica	49
2.1.2.2. A perda da iconicidade	50
2.1.3. A Perspectiva de Ataliba de Castilho	51
3. ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES	57
3.1. Abordagens Funcionalistas	57
3.1.1 A correlação	64
3.1.1.1. As orações consecutivas	67
3.1.1.1.1. As correlatas consecutivas	69
3.2. A gramaticalização de orações	72
4. TANTO QUE – PRIMEIROS OLHARES	77
4.1 Tanto que – Contexto histórico	77
4.2 Construções correlatas consecutivas	86

4.3 <i>Tanto que</i> – outras construções	92
5 – TANTO QUE - PERSPECTIVA MULTISSISTÊMICA	106
5.1 Semanticização	106
5.2 Discursivização	110
5.2.1 <i>Conectivos Textuais</i>	110
5.3 Gramaticalização de <i>Tanto que</i>	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS.....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formalismo e Funcionalismo, segundo Dik (1978/1981:4), e adaptado por Castilho (2012, p. 21).	21
Quadro 2: Resumo da evolução dos estudos de gramaticalização segundo Gonçalves <i>et al.</i> (2007).	35
Quadro 3: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes (GONÇALVES <i>et al</i> 2007, p. 45).	44
Quadro 4: Diferenças entre metáfora e metonímia, propostas por Bisang (1998, p. 16).	48
Quadro 5: Unidirecionalidade vs Mecanismos de Gramaticalização na proposta de Gonçalves <i>et al</i> (2007, p. 37).	49
Quadro 6: Sistemas linguísticos e processos a eles vinculados, segundo Castilho (2010a).	53
Quadro 7: subsistemas gramaticais e os processos a eles vinculados.	54
Quadro 8: Diferenças apresentadas entre as propostas funcionalistas que entendem a língua como processo linear e a proposta de Ataliba de Castilho (2010a, p.505-506).	55
Quadro 9: Encaixamento de orações proposto por Halliday (1985).(Adaptado por Neves, 2006, p. 228).	60
Quadro 10: Estruturações identificadas nos processos de combinações de cláusulas de consequência (Adaptado de SANTOS, 2009, p.101).	69
Quadro 11: Características das construções tanto que com valor temporal e consecutivo com base no trabalho de Bellay (2011).	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estágios do processo de gramaticalização (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).....	42
Figura 2: Representação dos sistemas linguísticos, segundo a proposta de Castilho (2003a).	52
Figura 3: Continua de articulação de orações propostos por Lehmann (1988).	74
Figura 4: Propriedades relevantes para o cline de combinação de cláusulas (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 179).....	75
Figura 5: Movimento fórico textual realizado pela construção <i>tanto que</i> (exemplo 43).	114
Figura 7: Movimento fórico textual realizado pela construção <i>tanto que</i> (exemplo 44).	117

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

DSC- Dispositivo Sociocognitivo

GF - Gramática Funcional

GDF - Gramática Discursivo-Funcional

GSF - Gramática Sistêmico-Funcional

NGB- Nomenclatura Gramatical Brasileira

RRG – Role and Reference Grammar

RST – Rhetorical Structure Theory

SAdj - Sintagma Adjetival

SAdv - Sintagma Adverbial

SN – Sintagma Nominal

SV – Sintagma Verbal

UEM – Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Neste trabalho, cuja perspectiva de análise é funcionalista, investigamos o comportamento sintático-semântico-pragmático da construção *tanto que* em textos contemporâneos do português, tendo como arcabouço teórico os pressupostos que estão nas correntes funcionalistas da linguagem, em específico os que dizem respeito às abordagens das orações complexas e também à gramaticalização. Nos compêndios gramaticais, essa construção está presente em conjunções correlativas consecutivas, introdutoras de orações subordinadas adverbiais consecutivas, que expressam, além da consecução, a relação de causa e consequência. Entretanto, nos dados analisados nesta pesquisa, *tanto que* se apresenta, normalmente, após ponto final e transgredir a norma padrão, pois funciona como ponte de transição entre o que foi dito e o que será dito, ou seja, anaforicamente, recupera o conteúdo antecedente, mas, cataforicamente, introduz um argumento para reforçar, realçar, o que foi mencionado. Não apresenta, portanto, o mesmo comportamento dessa estrutura quando está empregada no interior de uma cláusula, evidenciando causa-consequência. Sendo assim, analisamos as propriedades sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas dessas novas construções com *tanto que* no português contemporâneo bem como as correlacionamos às tradicionais construções consecutivas que também têm a construção *tanto que* em sua estrutura. Como *corpus* de análise, foram selecionadas ocorrências diversas de *tanto que* e suas variantes em gêneros textuais da modalidade escrita da língua. Essas ocorrências foram analisadas qualitativamente, buscando compreender o funcionamento dessa construção nos usos linguísticos. A partir dessa análise, pudemos caracterizar essas “novas” construções como articuladoras do discurso, as quais têm como objetivo introduzir a comprovação do que foi dito e o reforço argumentativo.

Palavras-chave: Funcionalismo. Orações Subordinadas. Gramaticalização. *Tanto que*.

ABSTRACT

On this research, which is based on a perspective of Functional analysis, we study the use of "tanto que", according to a syntactic, semantic and pragmatic view collected from contemporary texts in Portuguese, formed on the theoretical assumptions of a functional language oriented approach, considering mainly the concepts of complex clauses and grammaticalization. In the grammar compendium, this construction is showed as a correlative-consecutive conjunction, introducing consecutive adverbial clauses, which express, besides the consecutive idea, the cause-consequence relation. Although, based on our analysis, "tanto que" is usually used after the period and transgress the standard language, as it works as a transition mechanism between what was said and what will be said. In other words, it refers to the previous content anaphorically and, as a cataphora, introduces an argument to reinforce what was mentioned. "Tanto que" doesn't show the same structure use when in the middle of a clause, giving evidence of cause-consequence. Therefore, we analyse the syntactic, semantic, pragmatic and discursive properties of these new constructions with "tanto que" in contemporary Portuguese, as well as relating them to the standard consecutive clauses which use this expression on their structure. Our corpus is composed by a wide range of "tanto que" occurrences-and its variations selected from written textual genres. These occurrences were analysed on a qualitative method to help us to understand their linguistic behavior. Based on this study, we could feature these "new" constructions as discourse connectors, which aim to introduce the prove about what was said and also shows an argumentative reinforcement.

Keywords: Functionalism. Subordinate clauses. Grammaticalization. *Tanto que*.

INTRODUÇÃO

Os estudos da língua em uso, seja na modalidade oral ou escrita, tiveram grande destaque nas últimas décadas. No Brasil, os estudos funcionalistas ganharam adeptos, e os trabalhos que seguem essa perspectiva teórica têm crescido em aprofundamento e importância, pois oferecem uma nova perspectiva de análise linguística.

Assim como são variados os usos linguísticos, também o são os estudos funcionalistas. Na tentativa de explicar a funcionalidade dos elementos linguísticos a partir das situações comunicativas, isto é, considerando seu uso no sistema linguístico, os funcionalistas desdobram-se e oferecem subsídios que contribuem para a descrição dos usos que integram os sistemas gramatical, lexical, semântico e discursivo. Neste trabalho, buscamos contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas no Brasil e, em específico, para as pesquisas na linha de Descrição Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM) por meio da realização da investigação de ocorrências com a construção *tanto que*, para as quais a classificação tradicional não é suficiente.

Na tradição gramatical, é comum a divisão binária no tratamento das orações complexas. Esse sistema binário divide as orações entre coordenadas e subordinadas, considerando ora critérios sintáticos, ora critérios semânticos. As orações subordinadas abrigam, sob esse rótulo, três grupos de orações: as adverbiais, as substantivas e as adjetivas, cada uma com suas subclassificações. Em relação às subordinadas adverbiais, há, entre elas, as chamadas consecutivas, assim denominadas por expressarem semanticamente, entre as duas orações, uma relação de causa e consequência. Essas orações têm em sua expressão sintática uma conjunção ou locução conjuntiva que, em sua forma mais prototípica, é a construção *tanto que*.

Neste trabalho, investigamos orações que têm em sua estrutura sintática a construção *tanto que* e, por isso, têm recebido em algumas gramáticas a classificação de consecutiva, mas não podem, após considerados outros critérios gramaticais e até mesmo categorias discursivas, ser encaixadas entre as consecutivas. Demonstramos, a partir da caracterização dessas construções em

usos concretos da modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo, que essa é uma construção que está sendo utilizada com valores semânticos e discursivos diferentes daqueles expressos pelas tradicionais subordinadas consecutivas.

Este trabalho tem como perspectiva teórica a concepção funcionalista dos estudos da língua, com ênfase nos estudos sobre a Gramaticalização e nas abordagens das orações complexas. Esses conceitos teóricos servirão como parâmetros para a análise teórico/prática das construções *tanto que* as quais constituem o objeto de estudo deste trabalho.

Problematização e Justificativas

A corrente de estudos denominada funcionalista é assim chamada por estudar a funcionalidade da estrutura linguística no sistema linguístico, considerando que essas estruturas refletem características determinadas pelo uso/função. Sendo assim, os elementos passam a ser investigados a partir de seu contexto de uso, o que contribui para a compreensão da gramática em funcionamento na língua. Segundo Givón (2012, p. 49), não faz sentido compreender a língua desvinculada de seu contexto de uso, pois,

Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim não estão lá “porque elas são pré-instaladas no código genético do organismo”. Nem estão lá por razão alguma. Ao contrário, elas estão lá para servir a funções comunicativas específicas.

Em relação às orações subordinadas adverbiais, os trabalhos funcionalistas nesse tema propõem novas perspectivas para a classificação dessas orações e também para o estudo das conjunções que a elas estão relacionadas. Para oferecer um contexto dos estudos sobre orações adverbiais que estabelecem, direta ou indiretamente, relação com o tema deste trabalho, selecionamos, como exemplo, os trabalhos de Módolo (2004), de Santos (2009) e de Bellay (2011), conforme segue.

O trabalho de Módolo (2004), cujo título é “A gramaticalização das conjunções correlativas no português”, apresenta um estudo acerca das orações correlativas, considerando que há correlação, e não coordenação ou subordinação, por exemplo, em determinadas orações aditivas como as constituídas por *não só... mas também*; entre orações comparativas e entre orações consecutivas, dentre as quais estão as constituídas pela construção *tanto que*. Entretanto, em suas análises, o autor mantém as construções com *tanto que*, objeto de estudo neste trabalho, dentre as tradicionais correlativas consecutivas. Nosso objetivo neste trabalho é mostrar, justamente, que há diferenças entre as orações correlativas consecutivas com a construção *tanto que* e outras orações que têm *tanto que* em sua constituição.

A dissertação de mestrado intitulada “Gramaticalização da Noção de Consequência nos Processos de Combinação de Cláusulas”, defendida por Evelyn Cristina Marques dos Santos, em 2009, sob orientação da professora Dra. Violeta Virgínia Rodrigues, também aponta a existência do tipo de construção que estudamos. A autora considera, como Neves (2000), que essas ocorrências com *tanto que* são orações correlativas que ocorrem externas à predicação. Santos (2009) ressalta, ainda, que essa “externalização” pode levar ao desgarramento. Por ter outros objetivos em seu trabalho, Santos (2009, p. 151) não oferece mais detalhes sobre as propriedades da construção *tanto que* e afirma que se pretende “em trabalhos futuros estudar mais a fundo esse uso da cláusula consecutiva externo à predicação verbal e discutir se esse uso, realmente, deve ser inserido dentro das cláusulas de encaixamento, já que apresenta um comportamento mais frouxo em relação aos outros pares”.

O trabalho de Bellay (2011) faz uma excelente contextualização histórica acerca da construção *tanto que*. A autora investigou o processo de gramaticalização dessa construção em *corpora* dos séculos XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX. Em seus resultados, a autora mostrou diferentes valores semânticos e diferenças sintáticas de ocorrências com a construção *tanto que*, dentre as quais estão os valores temporal, consecutivo e um terceiro, que a autora denomina evidencial. Esse terceiro tipo de ocorrência com *tanto que* coincide com o tipo de construção que nos propomos a investigar neste trabalho, entretanto os objetivos de Bellay são diferentes dos nossos, uma vez que a autora identificou que havia diferenças entre essa construção e as outras com *tanto que*, mas não ofereceu uma explicação ou maiores detalhes sobre suas propriedades gramaticais e discursivas atuais.

Além das pesquisas supracitadas, no decorrer de nosso trabalho, apresentamos as contribuições de outros autores brasileiros e suas propostas de abordagem para o tratamento das orações adverbiais.

A partir desse levantamento de trabalhos realizados, no Brasil, que já propõem, respectivamente, novas perspectivas para a compreensão das construções correlativas, das orações consecutivas e do contexto histórico da construção *tanto que*, este trabalho se justifica por oferecer uma contextualização sobre as orações correlativas consecutivas e por estender os estudos sobre a construção *tanto que*, de forma a oferecer uma nova visão para a abordagem de orações introduzidas por tal construção e que transcendem os aspectos sintáticos e semânticos das correlatas consecutivas que têm a mesma construção em sua estrutura sintática. Analisamos, assim, de que modo essas orações contribuem para a argumentação, focalização e outras estratégias que cedem às pressões do uso e às necessidades comunicativas do falante.

Objetivos e Hipóteses

Por haver uma tendência à classificação de construções com *tanto que* como consecutivas, neste trabalho, nosso objetivo geral é investigar construções em uso no português brasileiro contemporâneo que, apesar de terem, em sua estrutura sintática, os elementos *tanto* e *que*, distanciam-se, em outros aspectos, das construções correlatas consecutivas.

Ademais, constituem objetivos específicos de nosso trabalho:

- apresentar exemplos de *tanto que* em outras sincronias do português;
- analisar parâmetros das consecutivas tradicionais e de novos usos de *tanto que*;
- discutir as propriedades sintáticas, semânticas e discursivas de construções com *tanto que*, as quais não se encaixam no grupo das consecutivas tradicionais.

A partir da concretização desses objetivos, esperamos confirmar nossa hipótese de que há construções com *tanto que* no português brasileiro cuja funcionalidade no sistema linguístico transcende o aspecto semântico da causa e da consequência. Nossa hipótese é de que essas construções atuam com propriedades

muito mais discursivo-pragmáticas, constituindo, sintaticamente, uma ponte discursiva cujo objetivo é introduzir um argumento de confirmação para algo que foi dito anteriormente.

Corpus e Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, nosso trabalho conta com a análise de *corpus* constituído por ocorrências da construção *tanto que* no português brasileiro nos séculos XX e XXI. O *corpus* de pesquisa deste trabalho não foi limitado por gênero ou número. Para a sua constituição, selecionamos ocorrências de *tanto que* em textos da modalidade escrita da língua, ONLINE ou impressa. A não delimitação de um gênero específico deve-se ao objetivo de encontrar o maior número de ocorrências possível e, assim, poder demonstrar, de modo geral, que há uma frequência de uso dessa construção em gêneros diversos do português brasileiro.

Fizemos a análise, aleatoriamente, em gêneros diversos, tendo como critério a ocorrência da construção *tanto que* após pausa - vírgula ou ponto, com os dois elementos em adjacência. Também foram consideradas, no processo de constituição do *corpus*, as variáveis da construção *tanto que*, isto é, sentenças em que o elemento *tanto* ocorre após pausa, porém não está adjacente ao elemento *que* como: *tanto é que*, *tanto é assim que*, *tanto é verdade que*, *tanto isso é verdade que*. Nesse processo, então, já há uma pré-análise das ocorrências, levando em consideração o critério sintático.

No processo de seleção do *corpus*, além do critério sintático, as ocorrências também foram pré-analisadas a fim de separar ocorrências que mantinham, no aspecto semântico, o valor de causa e de consequência, ou seja, consecutivas. Essas ocorrências consideradas correlatas consecutivas foram reanalisadas no decorrer do trabalho e conservadas em arquivo separado. No total, após o processo de constituição do *corpus*, foram identificadas 140 ocorrências de *tanto que* e de suas variáveis, já excluídas as ocorrências de *tanto que* em sentenças correlatas consecutivas.

Este trabalho tem como princípio metodológico a abordagem qualitativa dos dados. Sendo assim, a análise tem início a partir do estabelecimento de um contexto

histórico dos usos de *tanto que* em diversos séculos, tendo como base o trabalho desenvolvido por Bellay (2011). Após essa contextualização, fazemos o trabalho com as ocorrências contemporâneas. Para isso, as analisamos, primeiramente, considerando sua estrutura sintática, isto é, seu posicionamento no eixo sintagmático. A partir do critério sintático, separamos ocorrências em que *tanto* e *que* ocorrem após pausa (vírgula ou ponto), introduzindo sentença e em adjacência e ocorrências em que *tanto* e *que* estão pós-pausa, mas com a presença de outros elementos entre eles.

Como segundo passo, consideramos o critério semântico. A partir dele, identificamos a relação estabelecida entre *tanto* e *que* e o restante da sentença. Como ponto de partida, consideramos a relação de causa e consequência presente nas construções correlatas e a buscamos nas diferentes construções sintáticas identificadas.

Após essas análises mais estruturais, adotamos, dentre as propostas para o tratamento do processo de gramaticalização, a abordagem mais coerente para atender aos nossos objetivos. Nossa opção foi analisar a construção *tanto que* em uma perspectiva multissistêmica, isto é, a língua é entendida como um conjunto multilinear de sistemas. Segundo Castilho (2010a, p.509), ela é entendida como um conjunto de processos mentais, os quais são pré-verbais e se organizam em um multissistema. “Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).”

Sendo assim, não analisamos apenas o processo de gramaticalização, pois, nessa perspectiva, as mudanças nos sistemas linguísticos ocorrem de forma dinâmica e multilinear, e não só em um dos sistemas, por isso há os processos de lexicalização, de gramaticalização, de semanticização e de discursivização, os quais ocorrem, respectivamente, nos sistemas (e em seus subsistemas): do léxico, da gramática, da semântica e do discurso.

Para este trabalho, analisamos as mudanças da construção *tanto que* em três desses sistemas. No sistema semântico, analisamos a propriedade de *tanto* como um predicador, por meio da qual verificamos, por exemplo, estruturas em que esse advérbio funciona como intensificador ou quantificador, tendo como escopo um termo.

No sistema gramatical, selecionamos o subsistema da sintaxe para destacar as mudanças ocorridas (sintaticização) na estrutura da sentença, seus arranjos sintagmáticos e funcionais.

Por último, analisamos a construção *tanto que* no sistema discursivo, considerando a importância das categorias discursivas para as realizações linguísticas. Por meio da análise dos aspectos discursivos de *tanto que*, buscamos identificar se esses elementos funcionam como marcadores discursivos, conectivos textuais, suas propriedades de referenciadores textuais e de que maneira contribuem para a constituição do discurso e da argumentação.

Roteiro da Tese

Esta tese está dividida em cinco capítulos. Neles, constam os fundamentos teóricos que embasam nossa pesquisa e os resultados das análises feitas com as ocorrências obtidas por meio da coleta do *corpus*.

No primeiro capítulo, estão os fundamentos teóricos que dizem respeito ao Funcionalismo em Linguística. O objetivo desse capítulo é oferecer subsídios teóricos sobre a corrente de investigação linguística que fundamenta nossa perspectiva de análise linguística, nossa concepção de língua, de função etc.

No segundo capítulo, estão os pressupostos teóricos acerca da gramaticalização. A partir da hipótese de que as construções que estudamos neste trabalho são novas construções que surgiram daquelas cristalizadas com *tanto que*, em função dos usos linguísticos, destacamos os princípios da gramaticalização, seus mecanismos, suas características e outros aspectos importantes, uma vez que as teorias que investigam esse fenômeno são as que poderão nos oferecer subsídios para confirmar nossa hipótese de que as construções com *tanto que* por nós investigadas constituem, ou não, um caso de gramaticalização.

No terceiro capítulo, tecemos considerações acerca das orações complexas. Nosso objetivo nesse capítulo é oferecer um recorte das principais abordagens teóricas no que diz respeito à relação entre orações. Para isso, apresentamos as abordagens propostas pelas diferentes teorias cuja perspectiva é funcionalista. Ao

final desse capítulo, apresentamos alguns dos princípios que norteiam a gramaticalização de orações.

No quarto capítulo, estão as reflexões que fizemos a partir da análise de nossos *corpora*. Inicialmente, traçamos uma contextualização histórica das ocorrências da construção *tanto que* no português arcaico levando em consideração os resultados do trabalho de Bellay (2011). Em seguida, passamos à análise dos dados contemporâneos, a partir dos quais destacamos as propriedades sintáticas e semânticas que caracterizam as construções correlatas consecutivas. Além disso, ressaltamos as diferenças sintáticas e semânticas entre essas construções e as outras construções com *tanto que*, as quais despertaram nosso interesse para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para finalizar nossa análise, no quinto capítulo, relacionamos as construções com *tanto que* e o fenômeno da gramaticalização, destacando nossa opção pela teoria proposta por Ataliba de Castilho. Por meio da análise multissistêmica, verificamos as mudanças ocorridas na construção *tanto que* nos sistemas da semântica, da gramática e do discurso.

Ao final, elencamos as referências utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho.

1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Neste capítulo, tecemos considerações sobre o Funcionalismo a fim de nortear o leitor acerca das diferentes abordagens dessa corrente de investigação linguística. Para isso, apresentamos as diversas acepções do termo “função” e também as diferenças e proximidades entre as “subteorias” de orientação funcionalista,

1.1 O que é Funcionalismo?

Autores têm afirmado que apresentar uma definição para o que seja o Funcionalismo não é algo simples, pois são diversas as correntes de perspectivas funcionalistas e que apresentam entre si diferenças em seus postulados. Segundo Neves, essa definição

é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. (2004, p. 1)

Apesar dessas diferenças, todas elas têm a característica comum de serem distintas de outras que consideram a língua destituída de sua funcionalidade, como um sistema autônomo, no qual são valorizados seus aspectos formais internos, como o Estruturalismo e o Gerativismo, correntes denominadas Formalistas. Os formalistas não negam que a língua possui funções sociais e cognitivas, todavia priorizam a forma e consideram que os aspectos funcionais são secundários para a investigação linguística.

Castilho (2012) adaptou o quadro proposto por Dik (1978) em que são apresentadas as características relacionadas ao Paradigma Formal e ao Paradigma Funcional no que diz respeito: 1. à definição de língua; 2. à sua função; 3. ao correlato psicológico; 4. ao sistema e ao uso que se faz dele; 5. à relação entre língua e contexto; 6. à aquisição da linguagem; 7. aos universais linguísticos; 8. à

relação entre Sintaxe, Semântica e Pragmática:

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
1	A língua é um conjunto de sentenças.	A língua é um instrumento de interação social.
2	A função primária da língua é a expressão dos pensamentos.	A função primária da língua é a comunicação.
3	O correlato psicológico da língua é competência: a capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças.	O correlato psicológico da língua é a competência comunicativa: a habilidade de conduzir a interação social por meio da língua.
4	O estudo da competência tem uma prioridade lógica e metodológica sobre o estudo do desempenho.	O estudo do sistema linguístico deve ter lugar no interior do sistema de usos linguísticos.
5	As sentenças de uma língua devem ser descritas independentemente do contexto em que ocorreram.	A descrição dos elementos linguísticos de uso de uma língua deve proporcionar pontos de contacto com o contexto em que ocorreram.
6	A aquisição da língua é inata. Os <i>inputs</i> são restritos e não estruturados. A teoria do estímulo é pobre.	A criança descobre o sistema que subjaz à língua e ao uso linguístico, ajudada por <i>inputs</i> de dados linguísticos extensos e altamente estruturados, presentes em contextos naturais.
7	Os universais linguísticos são propriedades inatas do organismo biológico e psicológico dos homens.	Os universais linguísticos são especificações inerentes às finalidades da comunicação, à constituição dos usuários da língua e aos contextos em que a língua é usada.
8	A Sintaxe é autônoma em relação à Semântica. A Sintaxe e a Semântica são autônomas em relação à Pragmática, e as propriedades vão da Sintaxe à Pragmática via	A Pragmática é a moldura dentro da qual a Semântica e a Sintaxe devem ser estudadas. A Semântica é dependente da Pragmática, e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via

	Semântica.	Semântica.
--	------------	------------

Quadro 1: Formalismo e Funcionalismo, segundo Dik (1978/1981:4), e adaptado por Castilho (2012, p. 21).

Verificamos no quadro apresentado que o Funcionalismo difere do Formalismo em diversos aspectos no que diz respeito à língua e aos elementos relacionados ao seu estudo. Essa corrente de investigação linguística considera a língua como um instrumento de interação social, cuja principal função é a comunicação e, a partir dessa compreensão da língua, analisa os elementos linguísticos em seu contexto de uso, considerando a pragmática no estudo da semântica e da sintaxe.

Essas diferenças entre Formalismo e Funcionalismo não são consenso entre os autores que discutem esse tema. O trabalho de Votre e Naro (1989), por exemplo, se apresenta favorável a essa distinção, pois postula que o Formalismo e o Funcionalismo são excludentes e considera que há primazia do Funcionalismo em relação ao Formalismo.

Por outro lado, trabalhos como o de Nascimento (1990) e de Castilho (2012) fazem novas considerações a respeito da relação Formalismo X Funcionalismo. Nascimento (1990) rejeita a ideia de que essas correntes são distintas e não concorda que haja primazia de uma sobre a outra, pois são correntes com objetos de estudo diferentes. Segundo Castilho (2012), é preciso reconhecer que, nesse começo de século, essas duas correntes de investigação linguística passaram por muitas transformações, diminuindo as distâncias captadas no quadro apresentado, devido, sobretudo, ao domínio do discurso e ao da semântica. De acordo com esse autor,

Entendendo que a sintaxe, juntamente com a fonologia e a morfologia, compõem a gramática, e esta, juntamente com o léxico, o discurso e a semântica integram os quatro sistemas linguísticos das línguas naturais, veremos que o formalismo e o funcionalismo se distinguem apenas na estratégia de abordagem do fenômeno linguístico e no papel conferido a esses sistemas. Fora daqui, essas teorias se assemelham, por exemplo, no reconhecimento das categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, mudando a ênfase em seu enfoque. (CASTILHO, 2010, p.64)

Importante destacar que, apesar desse contraste com o Estruturalismo, as primeiras considerações das *funções* dos elementos linguísticos surgem em meio a

essa corrente linguística. A Escola Linguística de Praga, originada do Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius, é conhecida como o marco da produção dos primeiros trabalhos de cunho funcionalista. Os trabalhos de Trubestzkoy e Roman Jakobson, ambos de origem russa, tiveram destaque nas pesquisas relacionadas aos aspectos funcionais da fonologia, de um modo geral, e à morfologia, respectivamente. Além disso, atribuem-se à Roman Jakobson os postulados sobre uma abordagem da *função* de acordo com os elementos da comunicação. Essa abordagem será posteriormente apresentada neste trabalho quando forem discutidas as acepções do termo *Função*.

Os trabalhos de Vilém Mathesius, por outro lado, estenderam-se para o âmbito da sentença, preocupando-se com o fluxo da informação. Essas considerações dos aspectos funcionais da sentença deram origem à teoria que ficou conhecida como *perspectiva funcional da sentença*.

Como anteriormente citado, o Funcionalismo não é uma corrente homogênea. Castilho (2012, p. 21) reforça a ideia de heterogeneidade do Funcionalismo, afirmando que este não é uma abordagem monolítica, pois “reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua”. Desse modo, na perspectiva funcionalista, a gramática de uma língua não é algo fixo, imutável, pelo contrário, torna-se flexível diante dos usos que os falantes fazem de seus elementos linguísticos para atender a seus anseios comunicativos. Busca-se, assim, atribuir à forma uma função decorrente de seu uso, evidenciando a relação forma-função nas correntes funcionalistas.

As correntes funcionalistas são comumente divididas em três tipos, a partir da consideração do maior ou menor grau das influências externas no sistema linguístico. Segundo Nichols (1984), o Funcionalismo pode ser classificado em:

- conservador: apenas reconhece a inadequação do Formalismo ou Estruturalismo sem propor uma nova análise da estrutura;
- moderado: não apenas reconhece a inadequação dos pressupostos formalistas, mas também propõe uma análise funcional da estrutura;
- extremado: nega restrições sintáticas ao negar a realidade da estrutura como estrutura, considerando que as regras se baseiam internamente na função.

Nessa concepção, a gramática é construída a partir dos usos.

Segundo Furtado da Cunha (2012), há modelos mais antigos de Funcionalismo em que se priorizam as funções associadas à organização interna do sistema linguístico, como a Fonologia linguística de Praga. Esses modelos podem ser inseridos no Funcionalismo considerado conservador.

A autora considera que, em uma postura mais moderada de Funcionalismo, admite-se uma interação maior entre forma e função, considerando-se que as funções externas atuam juntamente com a organização formal inerente ao sistema linguístico, influenciando-a em certos aspectos, sem, todavia, ser fundamental na definição de suas categorias básicas.

Na postura mais radical, considera-se que as categorias gramaticais são influenciadas por funções externas, não sendo necessário postular categorias autônomas e independentes. “Em outras palavras, não existiria o nível estrutural chamado sintaxe: a língua poderia ser descrita unicamente com base nos princípios comunicativos” (FURTADO DA CUNHA, 2012, p. 159).

Segundo Castilho (2010, p. 68),

o funcionalismo acolhe uma série de teorias auxiliares: (i) A língua como competência comunicativa; (ii) a língua como um conjunto de funções socialmente definidas; (iii) a língua como um conjunto de atos de fala; (iv) a língua como variação e mudança; (v) a língua como discurso.

Os trabalhos funcionalistas têm destaque na Europa na *Functional Grammar* (Gramática Funcional - GF), proposta por Dik, e na *Functional Discourse Grammar* (Gramática Discursivo-Funcional – GDF), proposta por Hengeveld e que pode ser considerada uma ampliação da GF. Destaca-se também a *Systemic Functional Grammar* (Gramática Sistêmico Funcional – GSF), proposta por Halliday. Na Alemanha, um grupo de estudiosos funcionalistas (entre eles, Bernd Heine e Tânia Kuteva) dedica-se aos estudos de gramaticalização e mudança linguística.

Na América, o Funcionalismo também tem destaque com trabalhos como o de Foley e Van Valin Jr. (1984), que desenvolveram a Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* – RRG); e com uma linha funcionalista que ficou conhecida como Funcionalismo da Costa Oeste, da qual fazem parte trabalhos como os de Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, entre outros.

Neste trabalho, adotamos os pressupostos de autores pertencentes ao

Funcionalismo da Costa Oeste, corrente linguística que considera a gramática maleável, pois cede às pressões impostas por funções externas ao sistema linguístico. Nas palavras de Givón (2012, p. 49),

Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim não estão lá “porque elas são pré-instaladas no código genético do organismo”. Nem estão lá por razão alguma. Ao contrário, elas estão lá para servir a funções comunicativas específicas.

Conforme observamos nas palavras de Givón, a gramática serve à função da língua em situações comunicativas. Entretanto, a noção de função não é monolítica, pois há vários modos de conceber o que é **função**. Desse modo, no próximo tópico, apresentamos as definições de “Função” na acepção de diferentes autores.

1.2. O que é Função?

Segundo Martelotta (2012, p.31), ao depararmos com a expressão “funções da linguagem”, temos de nos perguntar em que sentido o vocábulo “função” está sendo empregado, pois “trata-se de um termo de difícil definição, já que, além de ser utilizado com acepções distintas por autores diferentes, não é raro um mesmo autor lhe atribuir significados um pouco distintos”.

Vários autores já apresentaram suas definições para a concepção de função da linguagem, entre eles, por exemplo, Jakobson (1969), o qual propôs que, para compreendermos as funções da linguagem, devemos levar em conta os elementos que fazem parte do ato comunicativo. Com base nos elementos da comunicação, Jakobson propôs seis funções para a linguagem, a saber: função referencial (centrada no contexto); função emotiva (centrada no remetente); função conativa (centrada no destinatário); função poética (centrada na mensagem); função fática (centrada no canal); função metalinguística (centrada no código).

Nuyts (1992) afirma que a noção de “função” é usada por várias ciências para fazer referência a diferentes fenômenos, o que não implica ambiguidade, pois é uma

característica inerente a itens lexicais que têm flexibilidade no uso. A verdadeira questão é se existe uma regularidade no que é referido pelo termo.

Em relação às definições nos estudos linguísticos, segundo o autor, o termo função aponta para o fato de que entidades ligadas ao sistema linguístico têm propriedades ou fazem coisas por meio das quais colaboram para o funcionamento de outras entidades.

Assim, o termo função é usado para referir-se ao estado pragmático (informação estrutural), semântico ou sintático de constituintes em um enunciado, o que os faz cumprir algum papel entre si e/ou contribuir para a funcionalidade de um enunciado como um todo. (p. 32) *(tradução nossa)*

De acordo com esse autor, a língua possui:

- **função Informativa:** a língua possibilita aos usuários explicitarem suas considerações relevantes na situação comunicativa;
- **função Intencional:** a língua permite aos usuários explicitar intenções em suas considerações;
- **função Social:** a língua permite aos usuários que seu uso seja feito de acordo com as normas e regras existentes no que diz respeito às relações interpessoais e sociais;
- **função Contextual:** a língua permite aos usuários adaptá-la às características específicas do contexto em que ocorre a interação.

Halliday (2004), a partir da consideração de que a linguagem interpreta a experiência humana, apresenta três metafunções da linguagem. O autor ressalta que opta por essa nomenclatura “metafunção”, em detrimento de simplesmente “função”, por entender que há uma longa tradição em torno das funções da linguagem em contextos em que esse termo simplesmente significa propósito ou maneira de usar a língua e não tem significância para a análise da própria linguagem. Isso não condiz com sua análise sistêmica para a qual a arquitetura da língua está intrinsecamente relacionada a aspectos funcionais. Suas metafunções dividem-se em:

- **metafunção ideacional:** está relacionada à expressão do conteúdo. Segundo

o autor, não existe qualquer faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado. Assim, essa metafunção, que possui dois componentes, o experiencial e o lógico, diz respeito ao modo como a experiência da realidade humana é construída nos discursos por meio dos recursos léxicos e gramaticais.

- **metafunção Interpessoal:** sugere que a linguagem tem ação interativa e pessoal ao mesmo tempo. Essa metafunção diz respeito aos usos que fazemos da língua em um evento de fala, ou seja, é a linguagem em ação. A essa metafunção está associado o sistema gramatical, de modo que a gramática não é apenas uma figura com seus vários participantes e circunstâncias; é também

uma proposição, ou uma proposta, por meio da qual nós informamos ou perguntamos, damos uma ordem ou fazemos uma oferta, expressamos nossa avaliação e atitude em relação a quem nos endereçamos e sobre o que estamos falando (p. 29). (*tradução nossa*)

- **metafunção Textual:** diz respeito à criação do texto. Por meio dela, a linguagem contextualiza as unidades linguísticas. Em certo sentido, pode ser considerada uma função que permite ou facilita a construção de sequências discursivas, organizando o fluxo discursivo, criando coesão e continuidade.

Castilho (2012, p.18) resume essa problemática e afirma que, na terminologia linguística, o termo “função” encerra pelo menos três conceitos:

- o uso das línguas para um determinado propósito;
- as relações estruturais entre signos;
- os papéis assumidos pelos constituintes numa sentença.

Apesar da “variedade” de teorias de vertente funcionalista, Castilho (2012) afirma que há postulados que as colocam na mesma direção. Segundo o autor, são três esses postulados, e as correntes funcionalistas diferem apenas na ênfase que dão a eles:

1.3 A língua é uma competência comunicativa

O termo “competência” foi utilizado por Chomsky em seu livro “Aspects of the Theory of Syntax” para descrever o conhecimento linguístico inato, inconsciente que o falante-ouvinte tem da linguagem, isto é, a capacidade natural e inconsciente de produzir e de entender frases. Essa noção de competência linguística distingue-se da “performance” (também chamada de *desempenho* ou *atuação*), que é a utilização concreta da competência, ou seja, é a produção e a compreensão de frases. Vale ressaltar que Chomsky considera a competência o objeto de estudo da linguística, e o trabalho do linguista consiste em descrevê-la, pois “o que interessa fundamentalmente ao gerativista é o funcionamento da mente que permite a geração das estruturas linguísticas” (KENEDY, 2012, p. 134), e não o uso das estruturas, considerando o contexto de sua produção e a influência de variáveis.

Hymes (1972) contesta a definição de competência linguística de Chomsky. O autor propõe o termo *competência comunicativa* e propõe que essa competência diz respeito não somente a uma competência gramatical, mas também a uma habilidade de fazer uso dessa competência gramatical em diversas situações comunicativas, considerando o contexto, o que dizer, para quem dizer, quando dizer e em que circunstâncias dizer. Segundo Neves,

quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. (1997, p.15)

Para Castilho (2012, p. 22), podemos observar a competência comunicativa nos usos linguísticos que fazemos, “nos quais comunicamos conteúdos informativos, sentimentos pessoais e instruções que devem ser seguidas”.

1.4 A explicação linguística deve ser buscada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua

Visto que os usos dos elementos linguísticos possuem motivações extralinguísticas, como o interesse dos falantes e seus objetivos, além de fatores pragmáticos, para explicá-los devem-se considerar esses usos e todos os fatores neles envolvidos. De acordo com Furtado da Cunha (2012, p. 157), o interesse da investigação linguística do Funcionalismo

vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Segundo Pezatti (2004, p.173), como o Funcionalismo considera a língua um instrumento de comunicação que possui propósitos comunicativos, deve-se levar em conta as circunstâncias de uso das expressões linguísticas. De acordo com a autora, “as expressões linguísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal e suas propriedades codeterminadas pela informação contextual e situacional disponível aos interlocutores”.

Além de se considerar que a explicação linguística deve ser buscada em circunstâncias efetivas de uso, também é um postulado do Funcionalismo que a investigação da língua seja feita de uma perspectiva pancrônica, o que significa romper com a dicotomia Sincronia X Diacronia, proposta pelo Estruturalismo de Ferdinand de Saussure. Nessa dicotomia, esses dois eixos de pesquisa linguística não se misturam, ou seja, cada um fica restrito ao seu domínio de aplicação. Nos estudos funcionalistas, todavia, essa noção não é mais mantida e surge a possibilidade de adotar uma perspectiva pancrônica para as investigações linguísticas. Dessa forma, são adotadas conjuntamente, como complementares, a perspectiva sincrônica, isto é, os usos dos elementos linguísticos em um determinado momento do tempo, suas variações, e a perspectiva diacrônica, ou seja, a consideração do percurso percorrido pelos elementos linguísticos no decorrer do tempo, investigando as possíveis mudanças neles ocorridas.

1.5 As estruturas linguísticas não são objetos autônomos

Se, em abordagens de cunho formalista, considera-se uma autonomia da Sintaxe em relação à Semântica, e uma autonomia da Sintaxe e da Semântica em relação à Pragmática, no Funcionalismo se considera uma integração desses fatores, ou seja, levam-se em conta fatores pragmáticos para a compreensão da Semântica e da Sintaxe. Nesse sentido, não é possível considerar as estruturas linguísticas autônomas; elas “cedem” às necessidades do uso e, por isso, sua interpretação e significado devem ser considerados a partir dos usos que os falantes fazem delas.

Castilho (2012, p. 23) destaca algumas propriedades por meio das quais as estruturas linguísticas podem ser descritas e interpretadas:

(1) as estruturas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso, combinando-se a estabilidade dos padrões morfossintáticos cristalizados com as estruturas emergentes, ainda não cristalizadas; (2) as estruturas não são totalmente arbitrárias; (3) as estruturas são dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes, através do processo de gramaticalização.

De acordo com Mackenzie (2012, p. 8), uma constante comum a todas as abordagens funcionalistas é a aplicação de princípios, em vez de regras, pois, “enquanto as regras não permitem exceções, os princípios podem interagir dinamicamente para produzir a complexidade do sistema”. Fundamenta-se, assim, a consideração da flexibilidade das estruturas linguísticas, pois se investigam princípios de funcionalidade dos elementos linguísticos em decorrência do uso.

Ademais, segundo Cezario (2012, p. 20),

A abordagem funcionalista estuda a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo. Procura nesses elementos a motivação para os fenômenos investigados. Dessa forma, os funcionalistas não consideram a língua como uma entidade autônoma, uma vez que fatores sociais, cognitivos e históricos, dentre outros, podem influenciar a forma de se codificar a informação.

Os estudos a respeito da gramaticalização, por exemplo, evidenciam essa

não autonomia das estruturas linguísticas, em que às estruturas gramaticais estáveis e cristalizadas são “agregados” novos sentidos e novos valores, como poderemos ver no desenvolvimento deste trabalho.

Neste capítulo, apresentamos, de uma forma geral, as concepções que norteiam um estudo funcionalista. Por meio dessa contextualização, esclarecemos os conceitos que norteiam nosso trabalho: nossa concepção de língua, de função e de estudo da gramática. Para estender nossa fundamentação teórica, no próximo capítulo, especificamos, dentro dos conceitos abordados nos estudos funcionalistas, o conceito da gramaticalização. Apresentamos a perspectiva dos estudos de gramaticalização e as abordagens teóricas sobre esse processo e suas principais características a fim de contribuir para a compreensão das construções com *tanto que* as quais têm ocorrido no português brasileiro.

2- GRAMATICALIZAÇÃO: UNIDIRECIONALIDADE X MULTIDIRECIONALIDADE

Neste capítulo, tecemos considerações a respeito de aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno da gramaticalização: as diferentes abordagens teóricas, as características, os princípios, os mecanismos, entre outros. Sendo assim, apresentamos, de um lado, as considerações de autores que consideram a gramaticalização um fenômeno que tem como princípio norteador a unidirecionalidade e, de outro lado, as considerações de Ataliba de Castilho, o qual, ao lado de outros autores, não concorda com o princípio de unidirecionalidade por considerar a língua um multissistema, no qual todos os sistemas são independentes e têm seus processos de mudanças linguísticas.

2.1 O que é Gramaticalização?

A instabilidade e a flexibilidade dos elementos linguísticos de qualquer língua em uso fazem que esses elementos sejam alvos de variação ou mudança linguística. Tanto a variação quanto a mudança ocorrem porque as formas linguísticas alteram-se em função do uso, e essas alterações envolvem o discurso e a gramática da língua.

Primeiramente, é importante destacar o que se entende por *gramática* e por *discurso*. A gramática de uma língua pode ser compreendida como um conjunto de regularidades que rege a estrutura da língua e compreende aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Esses elementos constitutivos da gramática não são estruturas fixas, estáveis, como defendem os manuais de gramática. Pelo contrário, são instáveis, pois sofrem pressões do uso e de aspectos cognitivos e pragmático-discursivos e são, por isso, renovados ou “readaptados”, mantendo, ao mesmo tempo, uma regularidade e uma sistematicidade em sua base.

Segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 50), “entende-se por *gramática* o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso”. As pressões cognitivas são um dos motivos

responsáveis pela regularidade presente na gramática, pois configuram também uma consequência do modo como os humanos interpretam o mundo e organizam mentalmente as informações decorrentes dessa opinião. As pressões de uso, por outro lado, são responsáveis por irregularidades ou regularidades na língua e fazem com que a gramática nunca seja estática (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996).

O *discurso*, por sua vez, pode ser compreendido como as situações em que há uso efetivo da língua pelo falante, em que há o processo de interação falante-ouvinte, por meio do qual o falante constrói o seu discurso em função da necessidade de interação e do momento.

A gramática e o discurso estão correlacionados, pois a gramática serve ao discurso e o discurso serve à gramática. Isso ocorre porque as formas linguísticas, fruto da criatividade do falante no momento da situação discursiva, em função de seu uso constante, podem passar a fazer parte da *Gramática*. Por outro lado, termos com funções gramaticais consideradas cristalizadas podem assumir novos sentidos e passar a integrar outros valores gramaticais em função do discurso.

Quando um fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não-previsíveis, em termos de regras seletivas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 50)

O fenômeno em que as formas linguísticas saem da gramática e retornam ao discurso tem sido denominado *discursivização*. Martelotta; Votre; Cezario (1996) compreendem a *discursivização* como um processo de mudança, em que um elemento linguístico perde suas restrições gramaticais e assume restrições de caráter pragmático e interativo.

Em síntese, entendemos a discursivização como um processo de mudança linguística que basicamente gera marcadores discursivos (sendo a função de preenchimento de pausa a que reflete estágios mais avançados da discursivização, por ser a que menos guarda características dos usos originais). Partimos do princípio de que o que motiva esse processo é o fato de que o falante precisa de elementos que marquem estratégias interativas no sentido de reorganizar o fluxo de pensamento e, ao mesmo tempo, registrar

essa reorganização para o ouvinte. (MARTELOTTA; VOTRE,;CEZARIO, 1996, p. 36 - 37)

Exemplo desse fenômeno na língua é o uso de certas expressões como: *aí, daí, certo, né (não é), então, tipo*, entre muitas outras que, após um processo de abstratização, passaram a servir como estratégias discursivas para o falante: como sequenciadores, marcadores das mudanças da direção comunicativa, marcadores de hesitação etc. Esses elementos, dependendo da literatura adotada, têm sido denominados: *marcadores discursivos, marcadores conversacionais, bordões, entre outros*.

Segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996), a *discursivização* pode ter as seguintes trajetórias: léxico > gramática > discurso (como é o caso de *assim*) e *léxico > discurso* (é o caso de certos verbos como *sabe*).

A este trabalho interessa o fenômeno da *Gramaticalização*, o qual se configura como um processo paralelo ao da discursivização e que ocorre quando as formas linguísticas, em função do discurso, alteram-se na gramática. Para Furtado da Cunha (1996, p.100), o termo “gramaticalização” possui dois sentidos: um que é o de paradigma e o outro que é o de processo:

Como paradigma, a gramaticalização focaliza como as formas e construções gramaticais surgem, como são usadas e como modelam a língua. Assim, o paradigma de gramaticalização diz respeito à interdependência entre estrutura e uso, buscando, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação/mudança linguística e o grau de desgaste/manutenção das formas que mudam. Como processo, o termo gramaticalização se refere ao fenômeno linguístico que o paradigma de gramaticalização procura entrever, ou seja, aos processos pelos quais os itens se tornam mais gramaticais ao longo do tempo.

Seja como paradigma ou como processo, a gramaticalização, como tem sido abordada por inúmeros trabalhos, tem como base a distinção entre *categorias lexicais* e *categorias gramaticais*.

De acordo com Gonçalves *et al* (2003, p.17), itens lexicais são entendidos como signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais. Ser lexical “identifica categorias prototípicas cujas propriedades fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades”. Por outro lado, os itens gramaticais são

signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias. Ser gramatical “identifica categorias prototípicas, cujas propriedades cuidam de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo, por ligarem palavras, orações e partes do texto”. Desse modo, podemos entender como itens lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos etc. e itens gramaticais os advérbios, os morfemas flexionais etc.

O trabalho pioneiro, precursor da acepção de gramaticalização como conhecemos hoje, foi o do francês Antoine Meillet (1972), intitulado *L'évolution des formes grammaticales*. Meillet propunha que a gramaticalização ocorria a partir da passagem de itens lexicais para itens gramaticais. Como base para essa transição, o autor considerava que as classes de palavras poderiam ser divididas em três: as *principais* (itens lexicais), as *auxiliares* e as *gramaticais* (itens gramaticais, palavras “vazias”).

Nessa proposta de Meillet, já podem ser identificados os *clines* de mudança, ou seja, a mudança linguística, em qualquer língua, não ocorre de maneira abrupta, imediata, pelo contrário, ela pode demorar décadas para se efetivar. Sendo assim, esse processo de mudança é constituído por mudanças graduais e transições.

Segundo Hopper e Traugott (2003), do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra. Pelo contrário, há uma série de transições graduais, transições que tendem a ser de tipo similar em todos os idiomas. Esses autores exemplificam que a progressão de um item lexical para um advérbio ou para uma preposição, ou até mesmo um afixo, define o que eles entendem por *cline*. Outra observação que se faz em relação ao termo *cline* é que ele pode ser interpretado de um ponto de vista sincrônico ou diacrônico. Hopper e Traugott (2003) apresentam a seguinte distinção: na perspectiva diacrônica, um *cline* representa um caminho natural, ao longo do qual as formas evoluem, o qual orienta o desenvolvimento de formas linguísticas. Na perspectiva sincrônica, por outro lado, um *cline* pode ser entendido como um *continuum*, um arranjo de formas ao longo de uma linha imaginária, que tem em uma extremidade formas do léxico e em outra extremidade formas gramaticais.

Além do termo *cline*, essas transições que ocorrem na gramaticalização têm recebido diversos nomes dependendo da literatura adotada:

- a. *Cline* – Hopper e Traugott (1993);

- b. Path – Bybee *et al.* (1994);
- c. *Pathway* – Bisang (1996);
- d. *Grammaticalization chain* – Heine (1992; 1993) (ROSÁRIO, 2010, P. 10).

As ideias de Meillet são o ponto de partida para outros estudos, os quais ampliaram essa noção de gramaticalização, considerando que há na gramaticalização não somente a passagem de itens lexicais para itens gramaticais, mas também uma transição de itens gramaticais para mais gramaticais. A proposta de Givón (1979), a partir do slogan “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”, considera que as motivações pragmático-discursivas influenciam na constituição da sintaxe de uma língua, ou seja, nesse processo de gramaticalização, “o modo mais pragmático de comunicação abre caminho para um modo mais sintático, com isso, expressões linguísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 24 e 25). É por essa razão que Givón faz uso do termo *sintatização* para identificar esse processo de mudança.

Desse modo, evidencia-se uma ampliação do que se entende por gramaticalização, pois esse termo deixa de ser restrito às alterações do léxico e passa a considerar também aspectos sintáticos. Gonçalves *et al.* (2007) propõem a seguinte escala evolutiva dos estudos de gramaticalização:

Meillet	Entende a gramaticalização como a passagem <i>[lexical] > gramatical</i>
Kurilowicz	Amplia a proposta de Meillet e considera a passagem <i>[-gramatical] > [+ gramatical]</i>
Estudos atuais	<i>[qualquer material linguístico] > [+gramatical]</i>

Quadro 2: Resumo da evolução dos estudos de gramaticalização segundo Gonçalves *et al.* (2007).

A partir dessas considerações, encontramos definições, como a de Furtado da Cunha (2012), para quem a gramaticalização é um processo segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais: é “um fenômeno relacionado a essa *necessidade de se refazer* que toda gramática apresenta” (p.173). Em outras palavras, na gramaticalização, as estruturas linguísticas alteram-se para atender às necessidades

e aos interesses dos falantes, para servir ao discurso. Segundo Neves (2007, p. 20), a gramaticalização tem destaque no Funcionalismo linguístico, pois “reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele”.

A gramaticalização é um dos fatores que justificam a ideia de Gramática Emergente, proposta por Paul J. Hopper (1987). Nessa perspectiva, a gramática de uma língua está sujeita às pressões do uso e tende a renovar-se nesses usos. Para Tavares (2012, p. 34),

Na constituição do discurso, temos, por um lado, a repetição de construções gramaticais já rotinizadas, reforçando-se cada vez mais sua regularização. Essa é a gramática em sua face mais habitual, aquela que tende ao reaparecimento na fala de diversos indivíduos. Por outro lado, a gramática pode emergir diferente a cada vez que é usada, pois as construções gramaticais são suscetíveis ao rearranjo e à remodelação a cada situação comunicativa. Desse agrupamento diversificado podem surgir as novas estratégias de constituição do discurso, das quais apenas umas poucas se tornam de fato gramaticais.

Em um trabalho pioneiro sobre gramaticalização, Martelota, Votre e Cezário (1996, p.25) entendem a gramaticalização como um processo unidirecional por meio do qual itens lexicais e construções sintáticas, em certos contextos, passam a assumir funções gramaticais e, depois de gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Os fenômenos de mudança linguística apresentados a seguir, inclusive seus exemplos, são apresentados por esses autores como relacionados à gramaticalização:

- a. a trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a verbo auxiliar. Exemplo: o verbo de movimento **ir** que passa a designar futuro como auxiliar.
- b. a trajetória de vocábulo a morfema. Exemplo: tranquila + mente = tranquilamente.
- c. a trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular). Essa trajetória envolve a influência da analogia entre as formas linguísticas. Exemplo: **seja – seje**.

- d. a trajetória do elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referentes extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes e, em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto. Exemplo: o advérbio de tempo **logo**, que passa a assumir função argumentativa como conjunção conclusiva.
- e. A trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical. Exemplo: a construção verbo-sujeito, que funciona como introdutora de informação nova e de sujeito não-tópico.
- f. A trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de sua regularização e sistematização.
- g. A trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas.

Observamos, por meio desses fenômenos, que a gramaticalização é abordada a partir de uma perspectiva diacrônica. Realmente, até a década de 70 do século XX, os estudos a respeito da gramaticalização viam-na de uma perspectiva histórica, como um processo diacrônico de mudança linguística. Entretanto, uma perspectiva sincrônica para sua abordagem passou a ser considerada, paralela a sua abordagem diacrônica. Além de poder ser considerada em uma ou outra dessas perspectivas, estudos têm reforçado a importância de abordá-la, também, a partir de uma perspectiva pancrônica.

Hopper e Traugott (2003) apresentam a diferença de se abordar a gramaticalização do ponto de vista da diacronia e do ponto de vista da sincronia. Segundo os autores, na abordagem diacrônica, a gramaticalização é vista de uma perspectiva histórica, em que são investigadas as fontes gramaticais e os caminhos típicos das mudanças que os afetam. Na abordagem sincrônica, por outro lado, considera-se a gramaticalização especialmente como um fenômeno sintático ou discursivo-pragmático, que deve ser estudado do ponto de vista de padrões fluidos dos usos linguísticos. Atualmente, tem-se buscado romper essa barreira entre diacronia e sincronia por meio da abordagem pancrônica, que entende a gramaticalização como um processo diacrônico que se desenvolve em um *continuum* sincrônico.

Ao considerar a gramaticalização na perspectiva diacrônica, deve-se levar em consideração que a mudança linguística ocorrida não é algo imediato, constitui-se, sim, em um processo lento e gradual. Durante esse processo, há uma coocorrência das duas formas (a antiga e a nova), sem que, necessariamente, haja o desaparecimento da forma mais antiga. De acordo com Rosário (2010, p.9), na gramaticalização, em função de esse processo de mudança ser lento e gradual, não se pode falar em categorias discretas, isto é, elas não podem ser precisamente delimitadas.

2.1.1. Princípios e mecanismos da gramaticalização

Brinton e Traugott (2005) apresentam, como traços característicos da gramaticalização: a gradualidade, a unidirecionalidade, *a fusão, a coalescência, a demotivação, a metáfora, a metonímia, o desbotamento, a subjetivação, a produtividade, a frequência, e a generalização tipológica*. Dentre essas características, a unidirecionalidade, para muitos autores, é o princípio que rege o fenômeno da gramaticalização.

2.1.1.1. Princípio de unidirecionalidade

Um princípio fundamental, defendido por inúmeros autores como presente na gramaticalização, é o da unidirecionalidade. Ele diz respeito a *como* ocorre a gramaticalização e não é consenso entre todas as propostas funcionalistas. Esse princípio está presente no percurso em que o elemento linguístico sai da criatividade do discurso e, evolutivamente, adquire maior regularidade e estabilidade por meio do uso, passando a ocupar um espaço na gramática e a ser considerado unidirecional e irreversível. Isto é, considera-se que os elementos saem do léxico para entrar na gramática, mas o contrário não é comum. Para Gonçalves *et al.* (2007, p. 41), o único princípio que pode ser atribuído à gramaticalização é o da unidirecionalidade e, metaforicamente falando, ele pode ser entendido como “o bisturi que recorta um

tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário”.

Esse princípio pode ser verificado, como hipótese, por meio da atuação dos vários mecanismos que constituem o fenômeno da gramaticalização. Os mecanismos considerados em um processo de gramaticalização, seja em sua fase final ou em curso,

são regidos pelo princípio da unidirecionalidade, este único e essencial, aqueles variáveis em número e espécie e, portanto, não necessários nem suficientes para caracterizar um processo de gramaticalização como tal. Assim, necessária se faz a apresentação conjunta dos mecanismos e do princípio que regem a gramaticalização (GONÇAVES *et al.*, 2007, p. 37-38).

Desse modo, há propostas de *continua* unidirecionais para representar esse processo de mudança. A proposta de Hopper e Traugott considera a seguinte escala:

ITEM DE SIGNIFICADO PLENO > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIXO FLEXIONAL

Givón (1979) defende a existência de um processo cíclico na constituição do processo de gramaticalização. Desse modo, o autor propõe a seguinte escala:

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFONÊMICA > ZERO

O *continuum* de Givon é cíclico, pois a forma linguística sai do discurso e, por meio do uso, vai se tornando uma nova construção sintática, com características morfológicas que podem chegar a ser um clítico ou afixo. Esse processo envolve desgaste formal e também fonológico e pode, com o tempo, levar a forma a desaparecer, chegando à escala zero do processo, o que reiniciaria o ciclo.

Heine *et al* (1991), ao considerarem o *continuum* de gramaticalização no processo metafórico, propõem uma escala de abstratização. Segundo Martelotta; Votre; Cezario (1996, p.27), “os elementos dessa escala constituem domínios de conceptualização importantes para estruturar a experiência em termos cognitivos”. Esses domínios possuem uma relação de natureza metafórica, e qualquer elemento

dessa escala pode ser usado para conceptualizar um elemento a sua direita. Esse processo resulta em “Metáforas conceptuais”, na denominação de Heine *et al* (1991).

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Esse processo irreversível defendido na unidirecionalidade tem, todavia, recebido propostas do que seriam processos inversos. Desse modo, termos como degramaticalização (MATISOFF, 1991 e HEINE *et al.*, 1991) e regramaticalização (HEINE *et al.*, 1991) representam processos em que termos gramaticais se tornam menos gramaticais ou lexicais, e termos sem função alguma adquirem funções gramaticais, respectivamente. Entretanto, apesar de proporem os termos, Heine *et al* (1991) afirmam que são casos cujas ocorrências são irrelevantes e que, muitas vezes, são resultados de uma análise inadequada. Outros autores discordam dessa perspectiva unidirecional em função do processo denominado *lexicalização*, por meio do qual elementos linguísticos saem da gramática e passam a integrar o léxico.

Outra observação que se faz em relação à mudança unidirecional está em Ferreira (2003) que, ao apresentar considerações sobre pesquisas de enfoque pancrônico, afirma que um ponto em comum entre as análises dessas pesquisas está no princípio de unidirecionalidade atribuída ao *continuum concreto > abstrato*.

Na medida em que a maioria das formas e dos sentidos examinados, mesmo os mais abstratos, já estava disponível nas sincronias mais distantes do português e do latim, não foram encontradas evidências de que os sentidos mais abstratos e genéricos são derivados dos mais concretos e específicos no curso do tempo. Mesmo nos casos em que não foram identificados usos mais abstratos em uma sincronia mais distante, não se pode ter certeza de que não circulavam pela língua. (FERREIRA, 2003, p.74)

2.1.1.2. Mecanismos de gramaticalização

De acordo com Martelotta; Votre; Cezario (1996, p.29), não há na literatura sobre gramaticalização um consenso em relação aos mecanismos de mudança que

veiculam esse processo. Os autores consideram que a gramaticalização envolve vários níveis:

a. **nível cognitivo** – pelo menos no que diz respeito ao nível morfológico, a gramaticalização segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que o da gramática;

b. **nível pragmático** – o nível pragmático na gramaticalização configura-se na intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Na passagem concreto > abstrato, pode-se verificar uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de ideias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo;

c. **nível semântico** – na gramaticalização, como processo de mudança que ocorre no léxico, é necessário que haja conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; ou o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte;

d. **nível sintático** – a gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que os aspectos sintáticos, além de propiciarem a gramaticalização, são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho.

Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2012) apresentam os mecanismos motivadores desse fenômeno, tendo como subsídio as discussões de Bybee; Perkins e Pagliuca (1994). Esses mecanismos são: *extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção*.

- *extensão metafórica*: caracteriza-se por meio de duas propriedades: 1) mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; 2) preservação de algum traço da estrutura relacional original;

- *inferência*: remete diretamente à implicatura¹, pois, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia (atendendo aos apelos da velocidade de produção e da consciência via memória), o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção;
- *generalização*: representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso;
- *harmonia*: é um mecanismo restrito aos elementos gramaticais, os quais se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico, isto é, passam por um desbotamento/esvaziamento semântico. Por esse motivo, esse mecanismo ocorre nos estágios finais da gramaticalização;
- *absorção*: representa a fase em que há a completa gramaticalização, em que um esquecimento histórico impede que se atribua qualquer sentido mais concreto ao item na nova função, a mais abstratizada.

Na proposta desses autores, esses mecanismos de mudança estão relacionados a diferentes estágios da gramaticalização e podem ser representados da seguinte maneira:

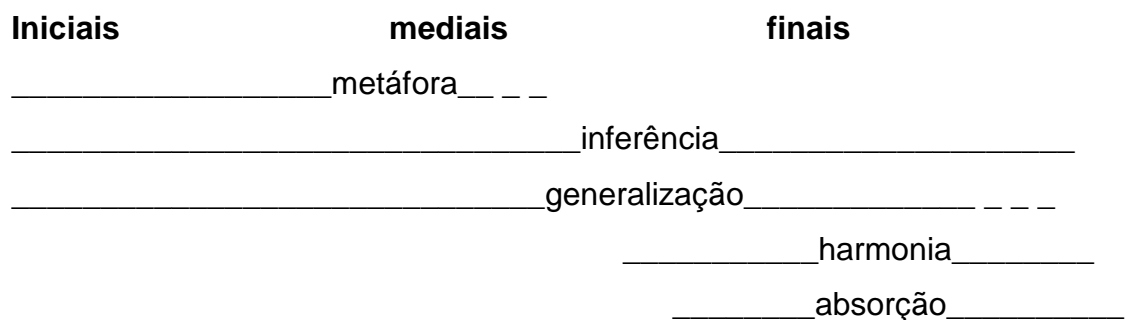


Figura 1: Estágios do processo de gramaticalização (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

Como é possível observar, esses mecanismos de mudança no processo de gramaticalização reforçam a presença de fatores cognitivos e pragmáticos nesse processo. Compreender elementos metafóricos, inferir, compreender mesmo o uso

¹ Implicaturas são inferências baseadas no conteúdo do que foi dito e algumas suposições específicas a respeito da natureza cooperativa da interação verbal comum. (LENVISON, 2007, p. 129)

mais generalizado, por exemplo, são ações comuns nas interações dos falantes e que envolvem a consideração do uso da cognição e dos elementos pragmáticos. Segundo Martelotta; Votre; Cezario (1996), os mecanismos presentes na gramaticalização são de natureza metafórica e de natureza metonímica. Desse modo é sobre esses mecanismos que trata o próximo tópico.

2.1.1.2.1. Processo metafórico

A metáfora diz respeito ao uso mais abstrato de um conceito concreto. É um conceito comum do qual fazemos uso diariamente, nas mais diversas situações comunicativas, e que é abordado como uma figura de linguagem, por meio da qual fazemos usos de formas linguísticas existentes, concretas, para expressar outra ideia, mais abstrata. Ou seja, nesse processo, formas linguísticas já existentes servem a novos propósitos comunicativos, assumindo novo sentido em função do contexto de uso.

Para Heine *et al.* (1991), a metáfora que se considera na gramaticalização não é semelhante à estudada nas figuras de linguagem, pois é voltada para a função da gramática e possui motivação pragmática. Segundo Gonçalves *et al* (2012), a metáfora pode ser compreendida como a transferência conceptual que aproxima domínios cognitivos diferentes. Nos estudos linguísticos, a metáfora tem sido assim definida:

constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. (MARTELOTA, 1996, p. 29)

um processo de transferência semântica, em que usamos uma forma ou construção para representar um significado estreitamente relacionado com o significado a que, até então, a forma vinha sendo relacionada. (VOTRE, 1996, p.17),

associada a processos de (des)semantização, a metáfora, em gramaticalização, envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos

metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 42 – 43)

Para tentar exemplificar essa transferência semântica e abstratização presente nas definições do que é metáfora, tomemos como exemplo a palavra *pele*. Na expressão: *Salvar a pele de alguém*, por exemplo, a palavra *pele* não exerce seu sentido concreto de parte do corpo humano; assume um novo sentido em que significa *situação, vida*. Esse novo sentido não é muito fácil de identificar, sem considerar o contexto pragmático de sua utilização, e muitas vezes não admite um sinônimo perfeito, pois possui uma carga pragmático-discursiva difícil de ser substituída sem perder a expressividade. No exemplo apresentado, observa-se que há uma alteração conceptual da palavra *pele*, pois passa de um domínio conceptual mais concreto para um domínio conceptual mais abstrato.

A proposta do *continuum* presente no uso da palavra *pele* está presente no trabalho de Martelotta e Rocha (1996), os quais realizaram um estudo sobre metáforas de origem corporal, propondo um *continuum* cuja trajetória é *corpo > objeto > mente* e outro cuja trajetória é *corpo > mente*. Um dos objetivos desse trabalho era uma reflexão e uma reformulação parcial da proposta de Heine *et al.* (1991), para quem a escala de abstratização metafórica fica assim organizada:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Gonçalves *et al.* (2007) apresentam um quadro em que se contempla a proposta de Heine *et al.* (1991) da correlação entre essas categorias metafóricas, as classes de palavras e os tipos de constituintes.

Categoria	Classes de Palavras	Tipos de Constituintes
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adjetivo, verbo de estado, advérbio	Modificador

Quadro 3: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes (GONÇALVES *et al.* 2007, p. 45).

Observamos que, no processo metafórico, não se está lidando com a criação de novas formas linguísticas, mas sim atribuindo novos usos e sentidos a formas existentes, bem como novas funções e novas categorias conceptuais. Essa “reutilização” de formas linguísticas ocorre por meio de um mecanismo estritamente relacionado ao processo metafórico, a saber: a *analogia*. Pode-se afirmar que todo o processo metafórico opera por analogia, a qual é assim definida por Gonçalves *et al* (2007, p. 49-50):

a *analogia* se refere à atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático. Se considerado apenas o eixo sintagmático, a analogia propicia o surgimento de formas não situáveis no sistema linguístico. Assim, itens analisáveis sobre o prisma da analogia não são criações gramaticais, mas resultados de extensão de regras metafóricas de regras operantes na língua.

Exemplos comuns da presença da analogia na língua estão na fala das crianças, pois é por meio dela que elas dizem *fazi, fazej*, em vez de *fiz, di*, em vez de *dei*, e muitos outros exemplos. Entretanto, não é só na fala das crianças que ela tem vasto território, uma vez que é por analogia, também, que ocorrem certos “erros” que contrariam a gramática normativa da língua. Exemplo disso é uso de *seje* (cada vez mais comum em lugar de *seja*, forma comum do presente do subjuntivo); *menas* (atribui-se variação a uma palavra invariável); formas verbais referentes ao pretérito perfeito de verbos de primeira conjugação como: *cantemo, falemo, dancemo*.

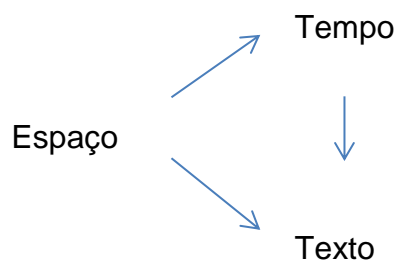
Outro processo metafórico que ocorre por uma extensão analógica diz respeito à transição que determinados elementos linguísticos fazem e corresponde a um *continuum* cuja trajetória é do espaço para o discurso = *espaço > discurso* (texto). Esse processo ocorre quando elementos dêiticos, ou seja, que fazem referência ao momento do discurso, com referência ao espaço (advérbios: *aqui, aí, lá* etc.; pronomes demonstrativos: *isso, aquele, este* etc.) passam a assumir funções textuais, representando, nesses casos, anáfora ou catáfora, ou seja, fazendo referências anteriores ou posteriores a elementos presentes no texto.

O *continuum* *espaço > texto* pode ser encontrado no uso de certos advérbios espaciais, como *abaixo* e *acima*, que passaram a ser utilizados em textos para fazer referência a partes do texto, mantendo analogicamente a mesma noção espacial

utilizada em seu uso como advérbios. Exemplo do trajeto *tempo* > *texto* também parte de advérbios como *anteriormente* e *posteriormente*, que passam a ser utilizados para indicar uma “localização” para as informações do texto, mantendo uma referência analógica com as noções temporais de passado e futuro.

Heine *et al.* (1991) argumentam que, em relação ao desenvolvimento de conectivos, o que ocorre é uma mudança espaço > tempo > texto, em que há uma transferência do mundo das experiências sensório-motoras, dos objetos visíveis, das relações espaciais e temporais para o mundo do discurso.

Podemos citar como exemplo de processo metafórico o *continuum* espaço > discurso (*texto*) na comum trajetória de advérbios (mais concretos) a conectivos. Entretanto, considerando que, durante essa transição, esses advérbios possam assumir, ou não, função temporal, Heine *et al.* (1991) propõem o seguinte esquema:



Nesse esquema proposto, verificamos um processo unidirecional de mudança dos advérbios para conectivos, que pode ser esmiuçado da seguinte maneira:

Espaço > Texto

ou

Espaço > Tempo > Texto

Segundo Martelotta (2008), a proposta de Heine *et al.* (1991) justifica-se, pois a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a expressão de dados temporais, que, por sua vez, é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais.

2.1.1.2.2. Processo metonímico

A metonímia, do modo como tradicionalmente a conhecemos, é uma figura de linguagem que consiste na utilização de um termo em lugar de outro, e há entre eles estreita relação de sentido. Nesses casos, podemos usar o autor em vez da obra (*Li Machado de Assis*), o continente em lugar do conteúdo (*Comi três pratos de comida*), a parte em lugar do todo (*Pedi a mão de Maria em casamento*), entre outros. Entretanto, o processo metonímico dos estudos sobre gramaticalização adota uma concepção de metonímia que transcende aquele compreendendo uma categoria por meio da qual há uma extensão do significado, a partir da contiguidade.

Segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996), a metonímia diz respeito aos processos de mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

Estamos usando a metonímia para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada. A contiguidade a que nos referimos é uma contiguidade posicional ou sintática, no sentido de que a mudança não ocorre apenas com a forma em si, mas com a expressão toda da qual a forma faz parte. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 30).

Entende-se, assim, que a metonímia diz respeito a uma reinterpretação dos sentidos, das funções e das alterações de categorias que uma forma linguística adquire em função do contexto sintático em que ocorre, estando dependente e relacionada com a ordenação linear, ou seja, tem forte relação sintagmática, associativa.

Do mesmo modo que a analogia está para a metáfora, a reanálise está para a metonímia. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), a *reanálise* difere da analogia, pois permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, de forma gradual, são alteradas as fronteiras de constituintes em uma expressão, o que leva uma forma a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da original.

Como exemplo de um processo metonímico, Martelotta, Votre e Cezario (1996) apresentam três exemplos a fim de mostrar como se dá a reanálise:

- a) [João] [vai] [à escola].
- b) [João] [vai] [falar] [com o professor]
- c) [João] [vai começar] [o trabalho] [amanhã]

Os autores observam que, no primeiro exemplo, o verbo *ir* expressa movimento em direção à escola. No segundo exemplo, o verbo *ir* expressa movimento e também o objetivo (*falar com o professor*). No terceiro exemplo, o verbo *ir* se liga ao verbo *começar* e deixa de expressar movimento, indicando noção de futuridade. Observa-se, assim, um caso de reanálise do verbo *ir*.

Martelotta, Votre e Cezario (1996) relacionam ao processo da metonímia o mecanismo denominado *pressão por informatividade*, termo cunhado por Thraugott e König (1997), e que se trata

de um processo em que, por convencionalização de implicaturas conversacionais, o elemento linguístico passa a assumir um valor novo, que emerge de determinados contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do primeiro sentido, independentemente do valor textual das cláusulas envolvidas no processo. (MARTELOTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996, p. 31)

Desse modo, por meio dessa pressão de informatividade os usuários fazem inferências e associam uma forma à outra, sem prejuízo para a comunicação.

É importante frisar que os processos metonímicos e metafóricos não são excludentes, ao contrário, são complementares e estão na base de um mesmo processo: a gramaticalização. Entretanto, pensando nas diferenças existentes entre esses dois processos, Bisang (1998, p. 16) propõe um quadro em que se apresentam essas diferenças. Uma adaptação desse quadro é apresentada a seguir:

Metonímia	Metáfora
Atua no nível sintagmático (associação)	Atua no nível paradigmático (escolhas)
Reanálise (abdução)	Analogia
Implicaturas conversacionais	Implicaturas convencionais
Opera por meio da interrelação sintática dos constituintes.	Opera através de domínios conceptuais

Quadro 4: Diferenças entre metáfora e metonímia, propostas por Bisang (1998, p. 16).

Os mecanismos de gramaticalização caracterizam mudanças nos diferentes níveis de análise: Fonológico, Morfológico, Sintático, Semântico, Pragmático. A partir disso, Gonçalves *et al.* (2007, p. 37) propõem um quadro em que se apresentam o nível de análise, o *continuum* de mudança e o processo que ocorre, como pode ser observado a seguir:

Nível	Mudança Unidirecional	Processo
Fonologia	Mais material fonológico > menos material fonológico	Redução fonológica
Morfologia	Lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	Menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	Concreto > abstrato	Dessemantização, processos metafóricos
Pragmática	Estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	sintatização

Quadro 5: Unidirecionalidade vs Mecanismos de Gramaticalização na proposta de Gonçalves et al (2007, p. 37).

2.1.2. Outros aspectos presentes no processo de gramaticalização

2.1.2.1. Erosão fonológica

Até agora, foram apresentados mecanismos que demonstram uma alteração no sentido durante o processo de gramaticalização. Entretanto, a forma não está livre dessas alterações, pois pode, paralelamente a processos metafóricos e metonímicos, haver uma erosão fonológica, ou seja, perda de material fonológico, levando a uma *redução fonológica*.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 35), a partir do *princípio de quantidade*, segundo o qual o tamanho de um item linguístico é proporcional à

quantidade de informações por ele codificada, a erosão fonética parece atuar ao longo da gramaticalização “para ajustar formas antes lexicais ao domínio das formas gramaticais, normalmente composto por palavras de curta extensão fonológica, como é o caso dos pronomes, preposições, conjunções, clíticos, afixos etc.”.

Outra alteração que pode ocorrer em relação à forma é a *fusão* de formas linguísticas. Pode-se citar como exemplo: *amar hei > amarei*, em que duas formas independentes unem-se e formam uma só forma.

Esses processos de alteração na forma têm como motivador a *frequência de uso*. Segundo Bybee (2003), quanto mais um item está presente no discurso, ou seja, quanto maior seu uso, maior é a possibilidade de desgaste, em função de sua previsibilidade em contextos discursivos apropriados.

2.1.2.2. A perda da iconicidade

Saussure propunha, como característica do signo linguístico, a arbitrariedade, presente na relação entre o significante e o seu significado. Essa arbitrariedade foi relativizada pelo próprio Saussure em certos casos em que a criação de um signo era motivada por outro existente (derivado). Nesses casos, ele considerou uma arbitrariedade relativa. Os fundamentos de Saussure, todavia, eram estruturalistas e sua proposta era condizente com essa perspectiva, que não leva em conta a língua em seu contexto de uso.

Por outro lado, os estudos linguísticos funcionalistas têm justamente a língua em uso como objeto de estudo e, por isso, em lugar da arbitrariedade, adotam o princípio da *iconicidade* no tratamento da relação entre a forma e o significado das formas linguísticas. Segundo Furtado da Cunha (2012, p. 167),

O princípio de iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo). Os linguísticos funcionais defendem que a ideia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência”.

Em princípio, pode-se entender a iconicidade presente na relação forma X significado como isomórfica, biunívoca, ou seja, uma forma para uma função.

Entretanto, essa noção não pode ser considerada, pois deixa de lado a homonímia, a polissemia e a sinonímia, em que uma forma se relaciona a mais de um significado e o mesmo significado pode ser obtido a partir de várias formas, além de ser possível expressar uma mesma ideia de várias maneiras.

Apesar de as relações icônicas serem opostas à noção de arbitrariedade. Votre (1996) atenta para a hipótese de que, em um determinado estágio da mudança linguística, tudo o que é icônico e transparente tenderá a ser, um dia, opaco e aparentemente arbitrário. Nesse sentido, devem ser observados os três momentos apresentados por esse autor para cada emparelhamento entre *forma* e *significado*:

1. um momento de origem e consolidação progressiva do processo, com nova associação metafórica entre forma e significado. Esse processo comumente está associado com indefinição de forma e com o tateamento no uso, de onde surge a impressão de variação, com mais de um significado associado a uma só forma;

2. um momento de estabilização aparente, com gramaticalização reguladora das relações entre forma e significado. (nesse momento, tem-se um nível de iconicidade máxima);

3. um momento de desgaste, com deterioração das relações entre forma e significado, com liberdade progressiva da forma em termos de restrição de ocorrência, e com liberdade progressiva do significado em termos de empaldecimento e mesmo esvaziamento semântico. (há, assim, uma arbitrariedade aparente).

Desse modo, durante o processo de gramaticalização, pode haver uma perda do princípio de iconicidade em função da evolução e da transformação dos significados e de formas já existentes.

2.1.3. A Perspectiva de Ataliba de Castilho

Neste tópico apresentamos, brevemente, as ideias de Castilho para o tratamento da gramaticalização. Esse autor parte da teoria multissistêmica para o

tratamento da língua, estando ao lado de autores como W. Von Humbolt, Charles Morris, Carlos Franchi, M. A. K. Halliday, R. Jackendoff, entre outros. Nessa perspectiva, que difere das que apresentamos até aqui, a língua é considerada um multissistema, e não um sistema monolítico.

A língua, entendida como multissistema, é composta por quatro sistemas, os quais são independentes e dispõem de categorias próprias. Segundo Castilho (2006, p.4), “nossa mente opera simultaneamente sobre o conjunto das categorias recolhidas nesses sistemas – as categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais”, ou seja, em qualquer expressão linguística haverá, simultaneamente, propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. Esse autor entende que a língua pode ser entendida em um sistema radial, o qual tem no centro o Léxico, à volta a Semântica, o Discurso e a Gramática, conforme o esquema que segue:

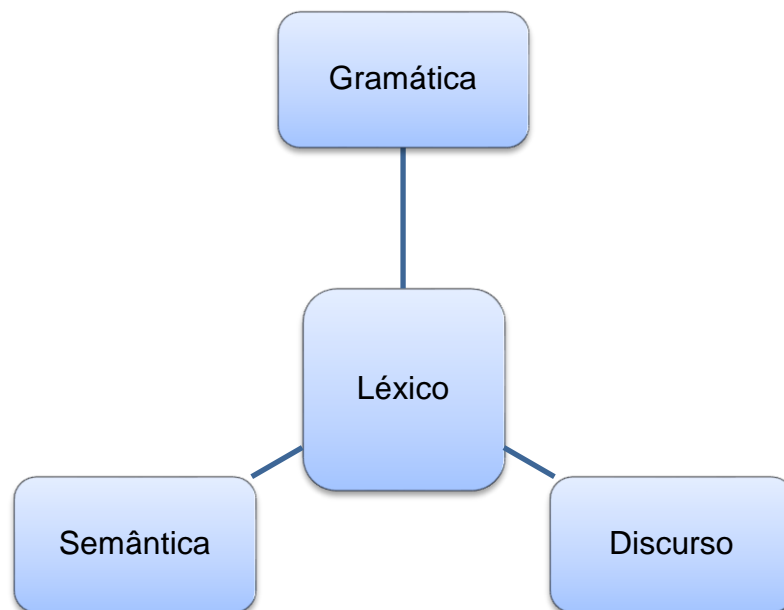


Figura 2: Representação dos sistemas linguísticos, segundo a proposta de Castilho (2003a).

Em seu trabalho de (2010a, p.510), Castilho reformula essa proposta em que o Léxico aparece como um sistema central. Segundo o autor,

não se postulará a existência de subsistemas centrais e de subsistemas periféricos, e com isto reformulo Castilho (2003a), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica

Nessa perspectiva, a língua é dinâmica e sofre alterações em seus sistemas, e a gramaticalização é apenas um dos processos de mudança que pode ocorrer na língua, pois cada um dos sistemas linguísticos possui um processo a si relacionado, como verificamos no quadro a seguir:

SISTEMA	PROCESSO
Léxico	Lexicalização
Semântica	Semantização
Discurso	Discursivização
Gramática	Gramaticalização

Quadro 6: Sistemas linguísticos e processos a eles vinculados, segundo Castilho (2010a).

As alterações que ocorrem nos sistemas linguísticos não ocorrem linearmente, pelo contrário, elas ocorrem de forma multilinear ou multidirecional, simultaneamente, tendo por base os princípios:

- de *ativação*, isto é, o movimento mental de seleção de propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas. Segundo Castilho (2010), é por meio desse princípio que organizamos a estrutura argumental das sentenças simples e complexas.

- de *reativação*, também conhecido como princípio de correção, é o movimento mental que possibilita ressignificações das propriedades linguísticas (a repetição, a paráfrase e a correção são exemplos de reativação);

- de *desativação*, ou movimento mental do silêncio, corresponde ao abandono de propriedades linguísticas escolhidas. Esse processo evidencia o silêncio como um constituinte da linguagem.

Para Castilho (2006, p.5-6), a Gramática é constituída por subsistemas, a saber: Fonologia, Morfologia e Sintaxe, os quais são compostos por estruturas razoavelmente cristalizadas e governadas por regras de determinação interna.

Essas estruturas se expressam por meio das categorias gramaticais, definíveis em termos de classes (palavra, sintagma, sentença), relações (regência, concordância, colocação) e de funções (construções de tópico, organização das estruturas argumentais, adjuntos).

A gramaticalização, por sua vez, ocorre por meio das alterações e das criações que ocorrem nesses subsistemas gramaticais, pois cada um deles tem um processo a ele vinculado, por meio do qual ocorrem alterações e criações na gramática, dando origem à gramaticalização. O quadro a seguir apresenta os subsistemas da gramática e os processos a eles vinculados:

SUBSISTEMA	PROCESSO
Fonologia	Fonologização
Morfologia	Morfologização
Sintaxe	Sintatização

Quadro 7: subsistemas gramaticais e os processos a eles vinculados.

Em relação à gramaticalização, Castilho (2010) faz objeções ao tratamento atribuído à língua pelos estudiosos desse processo, pois, conforme pode ser verificado nas considerações apresentadas neste trabalho, parece haver consenso na adoção de *continua* para o tratamento da gramaticalização. Esses *continua* representam um processo unidirecional que parte de itens lexicais para itens gramaticais, ou de itens concretos para itens abstratos. É justamente dessa postura em assumir a língua como entidade-processo que Castilho (2010, p. 139) discorda, pois, segundo ele, acaba-se assumindo a língua “como uma entidade estática, passível de uma representação linear em que as categorias são dispostas umas após as outras, de tal forma que derivações podem ser estabelecidas entre elas”.

Sendo assim, o autor aponta três percepções sobre a língua, assumidas por inúmeros estudiosos de gramaticalização, e das quais ele discorda. No quadro que segue, foram organizadas as perspectivas assumidas por estudiosos de gramaticalização, os quais assumem a língua como uma entidade linear (denominados por Castilho (2010a) de “gramaticalizadores” funcionalistas) e as perspectivas da proposta de Castilho (2010a).

“Gramaticalizadores” – língua como entidade linear	Castilho – língua como multissistema
(i) as línguas naturais são um conjunto de signos lineares e suas modificações ocorrem unidirecionalmente.	(i) não se aceita que as línguas são conjuntos de signos lineares – e, portanto, as modificações tampouco são lineares.
(ii) os produtos linguísticos avançam do léxico para a gramática, de tal sorte que categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais.	(ii) os produtos linguísticos não avançam do léxico para a gramática, visto que esses sistemas são autônomos.
(iii) a fonética, a sintaxe, a semântica e o discurso são domínios linguísticos conectados por derivações.	(iii) não há derivações entre léxico, semântica e discurso.

Quadro 8: Diferenças apresentadas entre as propostas funcionalistas que entendem a língua como processo linear e a proposta de Ataliba de Castilho (2010a, p.505-506).

Desse modo, considerando que não há derivações entre os sistemas gramaticais, Castilho propõe, em oposição ao princípio de unidirecionalidade, a multidirecionalidade. O autor assume que uma expressão linguística exhibe, simultaneamente, propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, variando na saliência entre elas por razões pragmáticas. Esses sistemas linguísticos são independentes e dispõem de categorias próprias entre as quais podem ocorrer situações de interface sem implicar subordinação ou derivação.

Insisto em que esses sistemas são independentes uns de outros, não sendo postuláveis implícita ou explicitamente regras de determinação entre eles. Isto quer dizer que o Discurso não estipula a criação dos sentidos e das estruturas gramaticais. Analogamente, Semântica não estipula a criação das categorias discursivas, nem as estruturas gramaticais que “empacotam” sentidos e categorias gramaticais. No atual quadro dos meus conhecimentos, não vejo vantagem em estabelecer uma hierarquia entre Discurso, Semântica e Gramática, como tacitamente pretendem os autores de estudos sobre a gramaticalização. (CASTILHO, 2003, p.16)

Por desconsiderar a derivação entre os sistemas, Castilho não concorda que haja um princípio de unidirecionalidade na gramaticalização ou em qualquer outro fenômeno de mudança linguística – Semantização, Lexicalização, Discursivização - que ocorre nos sistemas linguísticos e em seus subsistemas. Para o autor, em relação à gramaticalização, apenas no tratamento das palavras no interior de seus subprocessos (fonologização, morfologização, sintetização) pode ser comprovada a unidirecionalidade, mas encerra-se por aí sua presença.

Neste trabalho, também rejeitamos a noção de unidirecionalidade no fenômeno da gramaticalização, pois seria admitir também um processo irreversível. A multidirecionalidade proposta por Castilho é mais pertinente, pois oferece uma noção pormenorizada dos inúmeros processos de mudança linguística, além de desconstruir a distinção lexical X gramatical e a possibilidade de derivação entre os sistemas linguísticos. Ainda, entender a língua como um multissistema nos permite uma análise mais ampla da construção *tanto que*,

Neste capítulo, apresentamos alguns dos principais conceitos que norteiam os estudos sobre gramaticalização. Esses conceitos serão fundamentais no estudo da construção *tanto que*, pois poderemos entender se há, na relação entre essa construção e as consecutivas com *tanto que*, um processo de mudança linguística.

Ressaltamos, porém, que os estudos sobre gramaticalização não se limitam a construções como sintagmas ou frases, eles estendem-se para o nível de orações, verificando a gramaticalização presente na articulação das orações. Nesse sentido, no capítulo seguinte deste trabalho, apresentamos considerações sobre as diferentes abordagens atribuídas às orações complexas, inclusive algumas propostas para a compreensão da relação entre gramaticalização e a articulação de orações.

3. ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Neste capítulo, tecemos considerações acerca da articulação de orações, com ênfase nas construções adverbiais. Desse modo, apresentamos as propostas de abordagem funcionalista, as quais rejeitam a simplificação dos rótulos tradicionais e propõem novas abordagens para a compreensão da articulação de orações. Para finalizar, ainda na perspectiva funcionalista, apresentamos propostas que relacionam a integração de cláusulas ao processo de gramaticalização.

3.1. Abordagens Funcionalistas

Segundo Neves (2006), os estudos de orientação funcionalista mostram que o rótulo *subordinação*, estabelecido pela tradição e pela (Nomenclatura Gramatical Brasileira) NGB nesse amplo bloco de construções complexas, não pode ser simples e indiscriminadamente definido como designador de construções em que uma oração exerce função sintática em outra.

No mesmo sentido, Decat (1999) questiona os critérios utilizados pela tradição gramatical para a classificação de uma oração como coordenada ou subordinada e ressalta a importância dos estudos que consideram a língua em uso. Segundo a autora,

as diversas pesquisas que se preocupam com a língua em sua manifestação oral têm mostrado, através da evidência dos dados, que a caracterização de cláusulas coordenadas e subordinadas em termos de dependência não é assim tão simples. Faz-se necessário verificar que tipo de dependência está sendo considerado para essas definições: dependência de forma? de sentido? dependência pragmática? Além disso, não constitui novidade a existência, seja na língua oral, seja na escrita, de conexões implícitas e conexões explícitas. (DECAT, 1999, p. 24).

Um dos questionamentos que se faz em relação ao tratamento tradicional da subordinação, por exemplo, é a inclusão de orações adverbiais entre as orações subordinadas. Segundo Neves, Braga e Dall’Aglio-Hattner (2008, p. 937),

Esse tipo de classificação vem sendo questionado, indicando-se, 'por meio de testes diversos, que sentenças desse tipo são mais bem caracterizadas por meio de outras propriedades especialmente seu modo de articulação com a sentença principal (que distingue as justapostas das conectivas), e sua forma (que distingue as desenvolvidas das reduzidas). Quanto ao critério de classificação das diferentes adverbiais, a base tradicional é o conectivo que as introduz, havendo por vezes remissão a critérios semânticos.

Dentre os trabalhos funcionalistas que abordam as orações complexas, está o de Halliday, *An Introduction to Functional Grammar*, com primeira edição em 1985 e da qual utilizaremos a terceira edição (2004). A proposta de Halliday desenvolve a noção de que, na organização dos blocos enunciativos complexos, é preciso levar em conta dois eixos sistemáticos. O primeiro eixo diz respeito à interdependência entre os elementos. Segundo o autor, nesse eixo de interdependência, a relação de modificação, por meio da qual um elemento modifica o outro, não é a única relação que pode ser obtida entre os membros de um complexo. Quando um elemento modifica o outro, o estatuto dos dois é desigual e há uma relação de dependência (hipotaxe). Entretanto, dois elementos podem ser unidos em uma colocação igual, na qual um não é dependente do outro (parataxe). É importante ressaltar que, para Halliday, tanto a primeira oração de uma sequência paratática quanto a oração dominante em uma sequência hipotática são denominadas primárias. Já as orações que sucedem as primárias de uma sequência paratática e a oração dependente de uma sequência hipotática são chamadas de secundárias.

Halliday (2004) apresenta também um mecanismo chamado integração ou encaixamento, em que uma oração encaixada não estabelece relações táticas com outras orações, apenas lógico-semânticas. É importante distinguir as relações por encaixamento e as relações de parataxe e hipotaxe. A parataxe e a hipotaxe são relações entre orações; e encaixamento é um mecanismo por meio do qual uma oração funciona como um constituinte no interior da estrutura de uma oração, sendo ela mesma, um constituinte da oração.

Segundo Halliday (2004),

Grau de interdependência é conhecido tecnicamente como *taxe*; e os dois diferentes graus de interdependência são conhecidos como *parataxe* (mesmo *status*) e *hipotaxe* (*status* diferente). *Hipotaxe* é a relação entre um elemento dependente e seu dominante, o elemento

do qual ele é dependente. Contrastando com a parataxe, que é a relação entre dois elementos de mesmo *status*, um iniciando e o outro continuando. (HALLIDAY, 2004, 374-375)² (tradução nossa)

O segundo eixo proposto pelo autor diz respeito às relações lógico-semânticas entre as orações. Segundo o autor, existe um amplo alcance de diferentes relações lógico-semânticas, algumas das quais podem manter-se entre os membros de um complexo oracional, mas é possível agrupá-las em tipos gerais, baseados em duas relações fundamentais: (1) expansão e (2) projeção. Na relação de projeção, uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística: ou se expressa uma locução (identificada pelo sinal “..”) ou se expressa uma ideia (identificada pelo sinal ‘..’) (NEVES, 2006).

A relação de expansão pode se dar por: *elaboração*, uma oração elabora o significado de outra; *extensão*, uma oração amplia o significado de outra; ou *realce*, em que “uma oração realça o significado da outra, qualificando-a quanto a tempo, lugar, modo, causa ou condição; as conjunções típicas são *assim* e *então*”. (NEVES, 2006, p.228). As orações adverbiais, na proposta de Halliday, são, no eixo tático, uma hipotaxe, e são, no eixo lógico-semântico, um caso de realce.

		EIXO TÁTICO → INTERDEPENDÊNCIA	
		Parataxe (ou continuação) - Ambas as orações são elementos livres (cada uma é um todo funcional). - A segunda oração faz a expansão (ordem fixa)	Hipotaxe (ou: dominação) - Uma oração domina / modifica a outra (há dependência). - A oração dominante é livre, a dependente, não.
Eixo Semântico	Expansão	Elaboração =	- coordenadas assindéticas - justapostas
		Extensão +	- coordenadas sindéticas (aditivas, alternativas, etc)
			- relativas explicativas
			- hipotáticas de adição

² Degree of interdependency is known technically as taxis; and the two different degrees of interdependency as parataxis (equal status) and hypotaxis (unequal status). Hypotaxis is the relation between a dependent element and its dominant, the element on which it is dependent.* Contrasting with this is parataxis, which is the relation between two like elements of equal status, one initiating and the other continuing. (HALLIDAY, 2004, 374-375)

		Realce x	- falsas coordenadas (com matiz circunstancial: conclusivas, etc.)	- adverbiais
Projeção -----				

Quadro 9: Encaixamento de orações proposto por Halliday (1985). (Adaptado por Neves, 2006, p. 228).

Outra proposta funcionalista, no que diz respeito às orações complexas, é a de Matthiessen e Thompson (1988). Esses autores consideram que se devem levar em consideração as funções discursivas, propondo que a combinação de orações reflete na estrutura retórica do discurso, ou seja, diferentes tipos de relações retóricas que se processam nos textos em geral se atualizam através de diferentes processos de vinculação de orações. Nessa relação retórica, situam-se as relações de listagem (parataxe) e relações entre núcleo-satélite (hipotaxe). Quanto a este último tipo de estrutura, considera-se que uma informação realiza o objetivo central do autor e a outra serve de suporte para esses objetivos ou um objetivo suplementar. As relações estabelecidas entre núcleos e satélites são retóricas, uma vez que os satélites, de modo geral, criam um contexto necessário ao entendimento das informações mais importantes.

A *Rhetorical Structure Theory* (RST, como é comumente conhecida) está relacionada à organização dos textos e à caracterização das relações que se estabelecem entre as partes do texto. De acordo com Decat (2010), para os estudiosos da RST, as relações retóricas têm a ver com a intenção comunicativa do falante/escritor, e com a avaliação que ele faz de seu interlocutor.

Segundo Neves (2006), as orações hipotáticas são compreendidas como uma gramaticalização das relações núcleo-satélite que caracterizam a organização retórica de certos tipos de discurso. Segundo essa autora, um ponto importante na proposta de Matthiessen e Thompson é que fica rejeitada a consideração de subordinação como um mesmo rótulo para as relações de hipotaxe e as de encaixamento.

Diferentemente das propostas de Halliday (2004) e de Mathiessen e Thompson (1988), Hopper e Traugott (2003) propõem um *continuum*, em um percurso que vai da subordinação à parataxe, passando pela hipotaxe. Esse *continuum* é estabelecido levando-se em conta a dependência semântica e a integração sintática entre as orações. Como segue:

- parataxe (– dependência semântica; – encaixamento);
- hipotaxe (+ dependência semântica, – encaixamento);
- subordinação (+ dependência semântica; + encaixamento)

Verificamos nesse *continuum* que, nos casos de parataxe, não há dependência (eixo semântico) e não há encaixamento (eixo sintático). A hipotaxe, por sua vez, apresenta dependência semântica (eixo semântico), mas não apresenta encaixamento (eixo sintático). As subordinadas são as que apresentam dependência semântica (eixo semântico) e encaixamento (no eixo sintático).

Nessa proposta, fica evidente a diferença entre a hipotaxe, território das adverbiais, e a subordinação, o que rejeita a tradicional generalização de que as orações adverbiais sejam subordinadas do mesmo modo que as adjetivas e as substantivas.

Em seu trabalho de 2004, Bechara³, ao abordar as orações subordinadas, adota a análise em constituintes imediatos. Em relação às orações subordinadas adverbiais, o autor leva em consideração a heterogeneidade dos advérbios e divide essas orações em dois grupos:

1) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes. Para o autor, as orações *temporais, locativas e modais* são substituíveis por advérbios; por outro lado, as orações *causais, concessivas, condicionais e finais* são substituíveis por locuções adverbiais.

2) as orações subordinadas adverbiais *comparativas e consecutivas*;

Segundo Bechara (2004), as subordinadas adverbiais do primeiro grupo são as que exercem função própria de advérbio, e, do ponto de vista constitucional, estão representadas por advérbios ou locuções adverbiais. Essas orações possuem semelhanças com as subordinadas substantivas, pois “se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de transposição” (p.473).

³ O autor está entre os funcionalistas, pois, neste trabalho, consideramos, assim como NEVES (1999), que ele é um dos pioneiros na abordagem estruturalista-funcionalista.

As subordinadas adverbiais do segundo grupo, por outro lado, guardam certa analogia com as adjetivas “porque dependem de um antecedente de natureza quantificadora ou de unidade quantificada e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente.” (BECHARA, 2004, p. 473).

Outros estudos funcionalistas, como o de Lehman (1985) e o de Givón (1990), também adotam a ideia de um *continuum* para explicar as diferenças que separam as diversas orações que se articulam em um texto.

No *continuum* proposto por Lehman (1985), que vai da parataxe ao encaixamento, há inserção da correlação, conforme pode ser verificado a seguir:

Parataxe → Díptico Correlativo → Hipotaxe → Cosubordinação → Encaixamento

Como vemos, Lehmann (1985) agasalha as chamadas orações correlatas no *continuum* de integração de orações. Para o autor, elas se situam entre a parataxe e a hipotaxe e não podem ser encaixadas. A proposta de Castilho (2010) corrobora a de Lehmann, pois também apresenta um *continuum* de orações em que se considera, entre os extremos *coordenação* e *subordinação*, a hipotaticização adverbial e a correlação. Segundo Castilho (2010), as sentenças complexas podem ser descritas a partir de três parâmetros:

1. **coordenação ou independência:** nesse parâmetro, o autor faz distinção entre *sentenças complexas justapostas*: em que uma sentença se opõe a outra, sem qualquer nexos conjuncional (justapostas ou coordenadas assindéticas); e *sentenças complexas coordenadas*: em que uma sentença coordena a outra por meio de nexos conjuncionais. “Como não há dependência entre elas, não é adequado considerar a primeira como a *principal*”. (p. 339)
2. **subordinação ou dependência:** nesse parâmetro, são consideradas as *sentenças complexas encaixadas*: em que uma sentença está encaixada em um constituinte de outra, gerando diferentes tipos de dependência; e as *sentenças complexas em adjunção*: em que uma sentença está em relação de adjunção com outra, sem encaixamento (subordinadas adverbiais).

3. **correlação ou interdependência:** nesse parâmetro, estão as *sentenças complexas correlatas*, em que as duas sentenças possuem relação de interdependência, pois “na primeira figura uma expressão correlacionada com outra expressão, constante da segunda sentença. As complexas correlatas verbalizam dois atos de fala com relacionamento recíproco”. (p.340)

Nesse sentido, Castilho (2010) defende que as propriedades sintáticas diversas levam a concluir que há três tipos de relações de subordinação: as substantivas (que são argumentais), as adjetivas e as adverbiais (que são adjuncionais). Segundo o autor (2010, p.373),

as adverbiais não ficam confortáveis ao lado das substantivas e das adjetivas, pois apresentam uma ligação mais fraca com a sentença matriz. Se de um lado elas são menos estruturadas sintaticamente, o que faz a delícia dos gramaticalizadores, de outro elas são mais sensíveis às necessidades do discurso, animando tremendamente a tribo dos funcionalistas.

Para Castilho (2010), as adverbiais podem ser integradas em três grandes tipos:

- - causalidade *lato sensu*: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas;
- - temporalidade: temporais e proporcionais;
- - finalidade: finais.

As orações comparativas e as consecutivas, para o autor, são consideradas *correlatas*. A correlação é estabelecida por uma conjunção que se desdobra em duas expressões em que uma fica na primeira oração e a outra na segunda oração. “Essas sentenças não são, portanto, ligadas por coordenação nem por subordinação, e sim por correlação” (p. 386). Observa-se, nessa classificação proposta por Castilho (2010), que há exclusão das consecutivas e comparativas. Todavia, tal exclusão não faz sentido, uma vez que, apenas do ponto de vista sintático, as correlatas diferenciam-se de outras adverbiais. Do ponto de vista semântico, segundo o qual o autor faz a supracitada divisão de adverbiais, não se

pode negar que as consecutivas devem figurar entre aquelas que integram a causalidade *lato sensu*, pois a relação que se estabelece entre essas orações é integralmente de causa X consequência. Para as comparativas, talvez seja necessária a inclusão de um novo item na classificação do autor. Desse modo, não se corre o risco de optar ora por critérios sintáticos, ora por critérios semânticos para a classificação das orações.

É importante ressaltar que aquilo que aqui se apresenta é apenas parte dos estudos funcionalistas que abordam as relações entre as orações complexas. Entretanto, é possível observar que há entre eles um consenso na rejeição da divisão tradicional entre coordenação e subordinação.

Surge, assim, dentro do que se acostumou chamar de subordinação, a diferenciação entre estruturas de encaixamento e estruturas de hipotaxe. Em outras palavras, cumpre distinguir: a) cláusulas dependentes que têm a ver com fatos da gramática da língua, isto é, aquelas cuja dependência é determinada pela escolha do item lexical, que desempenham um papel gramatical em constituição com um item lexical; b) cláusulas dependentes que representam opções organizacionais para o usuário da língua (DECAT, 1999, p. 4).

No tópico a seguir, discutimos e apresentamos outras considerações em relação às correlativas.

3.1.1 A correlação

Segundo Silva (2011), em relação às orações que envolvem correlação, pode-se dividir os autores não tradicionais em dois grupos: o primeiro, constituído pelos que incluem a correlação em um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação, como Oiticica (1952) e Castilho (2010), e o segundo, constituído pelos que diluem a correlação nos processos sintáticos de subordinação e de coordenação, como Neves (2000) e Azeredo (2008).

O trabalho de Oiticica (1952) “A Teoria da Correlação” é o pioneiro na consideração da correlação. Para o autor, existem processos sintáticos em que não há coordenação ou subordinação entre as orações, há sim correlação, motivo pelo

qual essas orações são chamadas por ele de correlatas. Sendo assim, ele propôs quatro tipos de organização sintática entre as orações: a subordinação, a coordenação, a correlação e a justaposição.

Para Castilho (2010), orações como as adverbiais comparativas, as adverbiais consecutivas, as coordenadas alternativas e as coordenadas aditivas são consideradas correlatas, ou seja, a conjunção desdobra-se em duas expressões, ficando uma na primeira sentença e outra, na segunda. A partir da análise de exemplos de correlação, Castilho afirma que o elemento gramatical presente na primeira sentença possui correspondência obrigatória com o elemento sintático da segunda oração, sem o qual o arranjo sintático seria inaceitável ou duvidoso. Essa correspondência entre os elementos equivale à criação das conjunções correlatas que são, segundo Castilho (2010), mais uma consequência do processo sintático de redobramento.

O processo de redobramento sintático está na base da gramaticalização das conjunções correlatas. Esse processo consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y. Os efeitos do redobramento sintático estão por toda parte na gramática do português, porém nem sempre nos damos conta de que estamos diante de um mesmo fenômeno (CASTILHO, 2010, 387).

Exemplo de redobramento em sentenças correlativas pode ser visto no exemplo que segue, em que *tanto* e *que* estão em sentenças diferentes, mas estão sintaticamente interligados:

Com o crescimento da classe média, a troca de milhas por passagens aéreas ganhou volume no Brasil. O negócio cresceu **tanto que** companhias de aviação criaram empresas para cuidar do setor de fidelização (Multiplus, da TAM, e Smiles, da Gol). (VEJA, 22 de maio de 2013).

A partir dessas considerações e do processo de gramaticalização das relações intersentenciais, Castilho (2010, p. 390) propõe um *continuum*, em que as relações coordenadas e as subordinadas constituem os extremos, mediadas pelas correlatas e pelas hipotáticas adverbiais:

Hipotaticização adverbial

Coordenação-----Subordinação
Correlação

Foley e Van Valin Jr. (1984) definem as correlações como uma relação de [-encaixamento] e [+dependência], ou seja, os dois elementos conjuntivos não estariam em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de dependência no que diz respeito à força ilocucionária e ao tempo absoluto.

Para Castilho (2010, p. 387),

Não é adequado tratar as aditivas e as alternativas exclusivamente como coordenadas, nem as comparativas e as consecutivas como subordinadas adverbiais. Elas são diferentes (i) discursivamente, pois põem em relevo dois atos de fala; (ii) semanticamente, pois combinam diferentes categorias; e (iii) gramaticalmente, pois são interligadas por meio de conjunções complexas.

Um estudo mais aprofundado pode evidenciar uma proximidade sintática entre as correlatas aditivas binárias (*não só... mas também*) e comparativas de igualdade (*tanto...quanto, tanto... como*). A esse respeito, Neves e Dall’Aglio Hattner (2002, p.127), em um trabalho sobre as construções comparativas, observam que há, na estrutura sintagmática dos enunciados, uma proximidade entre as construções aditivas binárias e as construções comparativas de igualdade. As autoras ressaltam, porém, que “nas comparativas, há dois turnos que se fecham em uma combinação binária, diferentemente do que ocorre com as coordenadas aditivas, nas quais, prototipicamente, combinam-se turnos, indefinidamente”.

Além das alternativas, aditivas, consecutivas e comparativas, há autores que consideram também as orações subordinadas adverbiais proporcionais como correlativas. Módolo (2005) considera, além de todas as correlações citadas, a correlação equiparativa, a correlação hipotética e a correlação diferenciativa.

Para definir a correlação, Módolo (1999, p. 3-4) apresenta considerações sobre sua funcionalidade na sentença. Segundo esse autor,

a correlação pode ser definida como um tipo de conexão sintática de uso relativamente frequente, particularmente útil para emprestar vigor

a um raciocínio, aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos, que se destacam mais por expressarem opiniões, defenderem posições, angariarem apoio, do que por informarem com objetividade os acontecimentos.

No tópico a seguir, abordamos a correlação nas construções consecutivas, interesse de estudo neste trabalho.

3.1.1.1. As orações consecutivas

Em relação à correlação em construções consecutivas, entende-se que essas construções são assim chamadas por apresentarem um efeito ou resultado de algo, ou seja, a conhecida relação causa-consequência.

Santos (2009), por meio da realização de um estudo do processo de gramaticalização e sua relação com construções consecutivas, verificou que a noção de consequência não é exclusividade de construções correlatas, pois essa noção está presente também em: estruturas justapostas e coordenadas (parataxe), em estruturas finitas e não-finitas (hipotaxe) e em cláusulas correlatas (a autora aborda a correlação como um tipo de encaixamento). A partir dessa constatação, ela propõe o seguinte quadro:

PARATAXE	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Estruturação Justaposta</u> <p>Sequência formalmente desconexa em que as relações são depreendidas pelo contexto: Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ...fui no Nelson da Capitinga não gostei... Ari Toledo... Ari Toledo foi bom ... Ari Toledo foi bom... eles têm umas piadas inteligentes... você tem que parar para pensar... para depois achar graça (Oc-B-9C-1f-002)
----------	---

	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Estruturação Coordenada</u> <p>Cláusulas introduzidas por conectivos prototípicos de outros conteúdos semânticos, mas que desencadearam uma relação consecutiva. Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ...o barco fica mais bojudo na traseira e fica mais seco na frente então o barco anda menos (Op-B-90-2m-001)
HIPOTAXE	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Estruturação finita</u> <p>Equivale às subordinadas adverbiais consecutivas encabeçadas por elos consecutivos não-correlatos, a saber as locuções conjuntivas “de modo que”, “de forma que” etc.: Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O varejista não póde custear as suas despesas com uma tão pequena margem de lucro. E, depois, o artigo é mal pesado, nas feiras, de modo que o comprador leva sempre de menos. (E-B-92-Je-001) <ul style="list-style-type: none"> • <u>Estruturação não-finita</u> <p>Equivale às cláusulas reduzidas de infinitivo encetadas por locução conjuntiva “a ponto de” e preposições “para” e “sem”, além de cláusulas reduzidas de gerúndio, que expressavam conteúdo consecutivo: Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Razões de peso devem ter influido no animo dos actuais governantes, para tomarem uma

	<p>deliberação destas, que não pode deixar de influir notavelmente nas finanças publicas. (E-P-92-Je-006)</p>
ENCAIXAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Estruturação intermediária 1 (Cláusulas correlatas)</u> <p>Estendendo o conceito de Hopper & Traugott (2003) do que sejam as estruturas de encaixamento, têm-se não apenas cláusulas integradas estruturalmente em outra, mas também cláusulas que apresentam termos interdependentes estruturalmente. Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas havia tanta coisa pra se fazer no jardim que nós fizemos uma parte do jardim muito grande, era uma parte que era um declive... (Oc-B-70-2f-002)

Quadro 10: Estruturações identificadas nos processos de combinações de cláusulas de consequência (Adaptado de SANTOS, 2009, p.101).

A este trabalho interessam as construções em que ocorre *tanto que*. Esse tipo de construção, conforme o trabalho de Santos (2009), estabelece uma relação de encaixamento com estruturação intermediária, pois apresenta termos interdependentes estruturalmente. No tópico que segue, abordamos com mais detalhes a constituição dessas construções que são correlatas e consecutivas.

3.1.1.1.1. As correlatas consecutivas

Neste tópico, abordamos somente as construções correlatas consecutivas que possuem sintaticamente duas orações, uma expressando causa e a outra a consequência, as quais estão correlacionadas pelo que Castilho (2010) chama de *conjunções complexas*.

Em relação às conjunções complexas que constituem as construções consecutivas, os pares *tanto... que* e *“tão...que”* são os mais prototípicos dessas

estruturas. Para Neves (2000), há dois tipos de construções consecutivas: as consecutivas com antecedente (correlatas) e as construções sem antecedente (a oração consecutiva é iniciada pelas tradicionais locuções conjuntivas consecutivas). No exemplo que segue, observamos uma construção consecutiva com antecedente, na qual há correlação entre o par *tanto... que*, em que *tanto* figura como um intensificador da ação verbal da primeira oração e *que* introduz a consequência da dessa intensidade da ação na segunda oração:

Estou dando prazo para engravidar até o ano que vem. Há uma condição física e biológica que precisamos entender, então, meu deadline para uma possibilidade de tratamento é antes dos 45. “Amo **tanto** o Marcelo **que** vou mesmo é lhe dar um irmão”, disse a baiana. (CORREIO DA BAHIA, 14 de agosto de 2015)

Segundo Neves (2000), são mais restritos os casos em que, na oração antecedente da consecutiva, não há intensificação ou quantificação, mas qualificação (intensiva) de um termo. Há uma forte relação entre os pares das correlativas consecutivas. Ademais, de acordo com essa autora, o quantificador ou intensificador da construção correlativa consecutiva depende do modo de introdução da oração consecutiva. Sendo assim, quando a oração consecutiva é introduzida, por exemplo, pela conjunção *que*, estando o verbo em um modo finito, são usados: *advérbios do tipo tanto e tão; locuções adverbiais de modo; locuções adverbiais de limite e pronomes*. Por outro lado, quando a oração consecutiva é introduzida pela preposição *para*, estando o verbo no infinitivo, usam-se advérbios, como: *muito, bastante, suficientemente, demais*.

Os exemplos a seguir apresentam construções consecutivas nas quais as orações consecutivas são introduzidas por *que* e são antecidas por um intensificador (gramaticalmente representado pelo advérbio de intensidade *tão*) e por um quantificador (representado gramaticalmente pelo pronome indefinido *tamanha*).

Ainda naquele ano, Jimenez escreveu em seu diário de viagem que o clima de tensão nas reuniões com a empresa francesa era **tanto que** executivos chegavam a sair da sala. “Ficou **tão** insuportável **que** pedi que

a reunião fosse suspensa. A Alstom se comportou vergonhosamente”, escreveu. (VEJA, 11 de agosto de 2013)

A deterioração é **tamanha que** há quem veja tempestade perfeita se aproximando do Brasil no ano que vem, com mudança na política monetária americana provocando fuga aguda de recursos, mais deterioração fiscal e nas contas externas, alta do dólar, repique inflacionário, colapso acionário. (FOLHA UOL, 28 de novembro de 2013)

Mira Mateus *et al* (2003), a fim de evidenciar as diferenças entre as construções consecutivas e outras subordinadas adverbiais, apresentam algumas características relevantes, a saber:

1) têm um segundo membro da construção frásico e não sintagmático, o qual não pode ser substituído por um pronome de valor anafórico, como ocorre com as comparativas.

2) não podem ser objeto de clivagem nem têm mobilidade, o que as aproxima das relativas e das comparativas, e as distingue das subordinadas adverbiais;

3) não são adjuntos nem ao sintagma verbal (SV) nem à oração matriz, como são as adverbiais;

4) são caracterizadas pela relação com os sintagmas de que dependem. Sendo assim, integram-se no sintagma nominal (SN), no sintagma adjetival (SAdj), no sintagma adverbial (SAdv) ou no SV da oração matriz, por isso, a expressão de intensidade não pode ser suprimida.

Ilari (2008), ao tratar das conjunções correlatas, observa duas hipóteses colaterais:

1) a sentença consecutiva é uma espécie de completiva de advérbios como *tão* ou *tanto*, cuja distribuição está por determinar;

2) ela não é completiva por ser exigência da estrutura argumental de um item lexical típico (como em *ciente (de que.., boato (de que...), decisão (de que...)*, mas por ser exigência de um operador que interfere na estrutura argumental, ampliando-a (*x é óbvio/ x é tão óbvio que y*).

As construções mais prototípicas das consecutivas são representadas por *tanto... que*, ou *tão...que*; todavia há outras formas de se expressar a consequência. Segundo Módolo (2008, p.1099), há as seguintes possibilidades de formação, em textos de várias épocas:

(i) o primeiro elemento conjuntivo normalmente é: *tanto, tão, tal, tamanho, quamanho, assim*, e o segundo elemento a conjunção *que*;

(ii) formas substantivas entram na composição do primeiro membro da consecutiva, com o elemento *tal*, antecedido de preposição: *de tal arte... que de tal feição... que, de tal sorte... que, em tal maneira...que, por tal figura...que, por tal guisa...que*;

(iii) às vezes, o advérbio *tal* pode ser elidido: *de feição... que, de forma...que, de guisa...que, de jeito...que, de maneira...que, de modo...que, de sorte...que, por forma...que, por maneira...que. por modo...que*.

A este trabalho interessa a construção *tanto que* em estruturas correlatas consecutivas e em outras construções em que *tanto que* aparece, sintaticamente, fora do eixo da predicação.

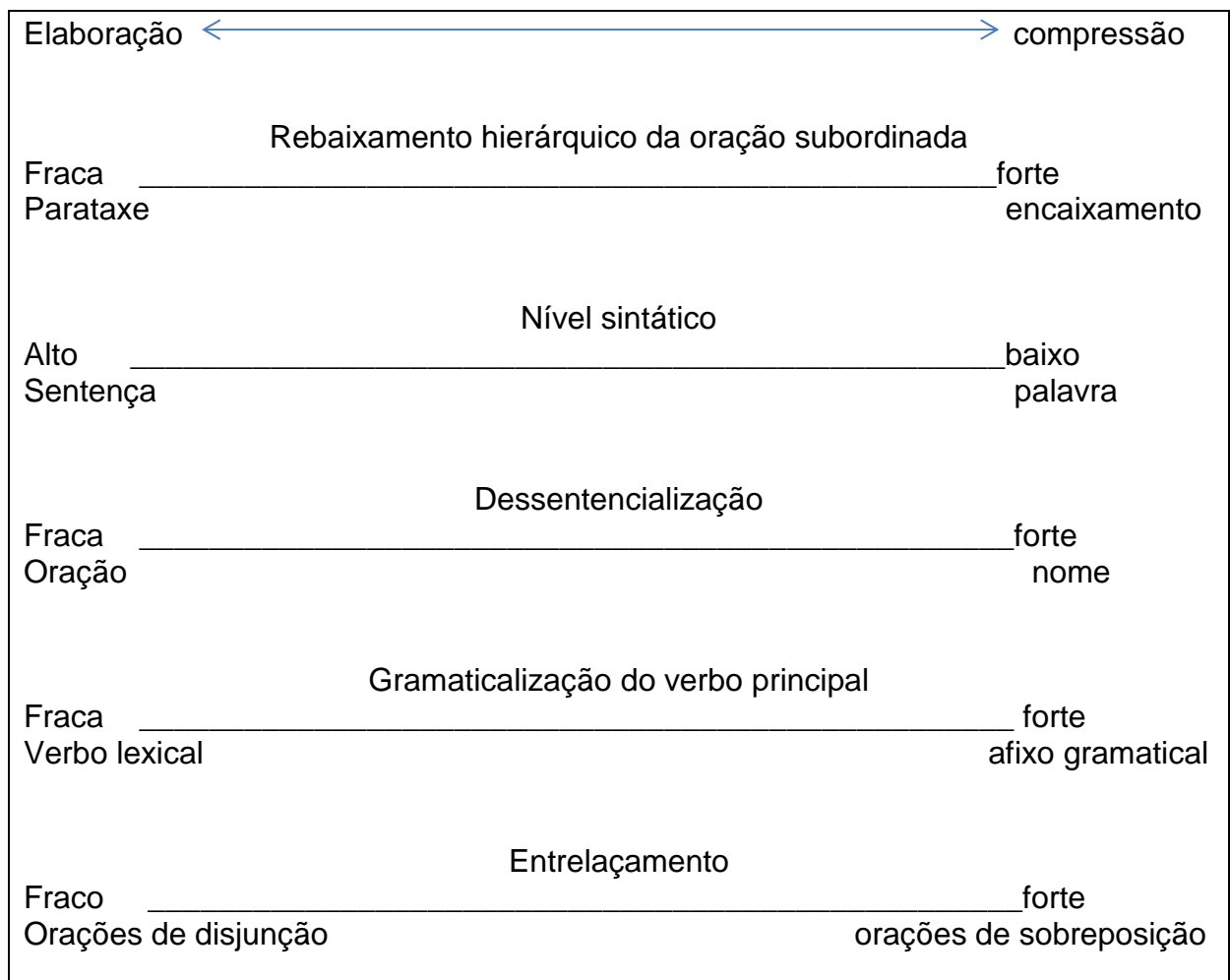
3.2. A gramaticalização de orações

No que diz respeito à articulação de orações, a gramaticalização pode ocasionar mudança de um tipo de sentença complexa para outro, ou fazer que uma cláusula complexa torne-se simples. Alguns estudos funcionalistas apresentam propostas para esse processo. Um deles é o de Lehmann (1988), que apresenta

seis parâmetros semântico-sintáticos os quais julga relevantes para o estudo da articulação de cláusulas em qualquer língua. São eles:

- (a) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada;
- (b) nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula;
- (c) dessentencialização da subordinada;
- (d) gramaticalização do verbo principal;
- (e) entrelaçamento das duas orações;
- (f) explicitude da articulação.

Cada um desses parâmetros propostos pelo autor é analisado a partir de um *continuum* que vai de um polo de máxima elaboração a outro de máxima compressão, como se pode observar na figura que segue:



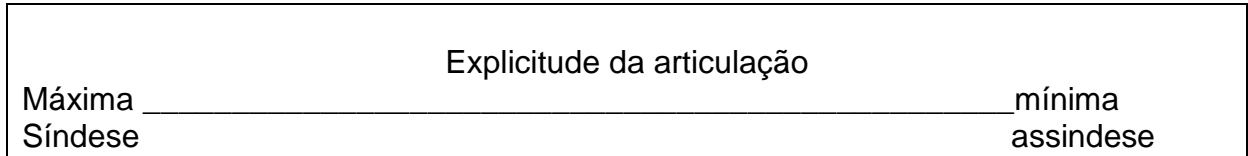


Figura 3: Continua de articulação de orações propostos por Lehmann (1988).

Segundo Lehmann (1988:214-215), esses parâmetros nem sempre atuam isolados, pois podem ser estabelecidas correlações entre eles. Gonçalves e Carvalho (2008, p.87) apresentam três dessas relações:

(a) uma gramaticalização forte do verbo principal pressupõe uma dessentencialização avançada ou um grau forte de entrelaçamento. Isso se dá pelo fato de essa gramaticalização poder transformar o verbo da oração principal em um operador gramatical da sentença subordinada, reduzindo o escopo sintático desse verbo ou poder ocasionar uma dessentencialização da cláusula subordinada (quando essa passa a ser empregada na forma não-finita) ou entrelaçamento de sentenças (por exemplo, por processo de alçamento de constituinte);

(b) o entrelaçamento de cláusulas por operação de alçamento de constituinte pressupõe rebaixamento hierárquico e, por conseguinte, integração da cláusula subordinada. Isso ocorre porque essa operação de alçamento é controlada pela cláusula principal, o que, em outros termos, equivale a dizer que a sentença subordinada é regida pela principal;

(c) o entrelaçamento de cláusulas mediante controle do sujeito da sentença subordinada leva à dessentencialização dessa sentença, uma vez que esse controle de sujeito tende a favorecer uma construção subordinada não-finita, o que implica uma forte dessentencialização. O autor ressalta que essas correlações representam tendências e não leis.

Hopper e Traugott (2003) também apresentam sua proposta sobre a articulação de orações e sua relação com o processo de gramaticalização. Os autores dividem as sentenças complexas em parataxe, hipotaxe e subordinação e consideram um *cline* para a combinação de cláusulas, representado do seguinte modo:

Parataxe	hipotaxe	Subordinação
(independência relativa)	(interdependência)	(dependência)
Nuclear		marginal
Mínima integração		máxima integração
Mínima vinculação		máxima vinculação

Figura 4: Propriedades relevantes para o cline de combinação de cláusulas (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 179).

Pode-se compreender que a parataxe, em que há maior independência, menor integração e menor vinculação entre as cláusulas, tem correspondência com um grau menor de gramaticalização. A subordinação, por outro lado, por apresentar maior dependência, maior integração sintática e vinculação entre as orações, tem correspondência com um maior grau de gramaticalização.

Nesse sentido, Hopper e Traugott (2003) afirmam que a gramaticalização não envolve princípios especiais que fazem referência apenas à morfossintaxe, mas é um subconjunto dos tipos de alteração do idioma em geral. Assim, os autores buscam explicações nos conectivos que ligam as orações complexas para explicar a gramaticalização na articulação das cláusulas. Afirmam que as línguas do mundo exibem uma ampla variedade de técnicas para a ligação de cláusulas em relações mais intrínsecas. Essas técnicas vão desde formas e expressões que são indistinguíveis de itens lexicais, tais como 'tempo', 'lugar', até afixos que indicam subordinação e cujas origens são completamente desconhecidas. Ainda assim, generalizações significativas sobre as origens de tais formas podem ser feitas.

O desenvolvimento histórico de conectivos tende, por conseguinte, a ser semelhante ao de outros itens lexicais, embora as suas características posicionais e suprasegmentais possam torná-los sujeitos a tipos especiais de mudanças. Os conectivos de cláusulas têm suas fontes em substantivos, verbos, advérbios, pronomes, morfemas de casos (incluindo preposições e posposições), afixos derivacionais, e em combinações frasais destes. Ou seja, no processo de integração das orações do ponto de vista da gramaticalização, deve-se considerar a gramaticalização do conectivo.

A partir das considerações acerca das abordagens das orações complexas nos estudos funcionalistas, vemos que não é tão simples classificar as relações existentes entre as orações. Desse modo, constatamos que há tentativas de dar conta de tamanha complexidade, mas nem todas conseguem uma vez que as relações entre as orações, sejam coordenadas, subordinadas, correlatas ou hipotáticas, estão subsidiadas por critérios semânticos, sintáticos e, até mesmo, pragmáticos.

Neste capítulo, apresentamos as perspectivas funcionalistas no que diz respeito à articulação de orações. Por meio das considerações apresentadas, verificamos uma ampliação no que diz respeito aos rótulos de subordinação e coordenação, tradicionalmente conhecidos. As perspectivas funcionalistas nos servirão de subsídio para a compreensão das orações introduzidas pela construção *tanto que* a fim de que possamos entender qual a relação sintática e semântica estabelecida entre tal oração e a parte do texto a que está relacionada.

4. **TANTO QUE – PRIMEIROS OLHARES**

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados e os resultados obtidos durante a pesquisa das construções com *tanto que*. Inicialmente, temos uma contextualização histórica dessa construção tendo como base os resultados obtidos por Regiane Bellay⁴ ao longo da realização de sua dissertação. A partir dessa contextualização, refletimos sobre a expressão *tanto que* e seus usos contemporâneos desde construções prototípicas da correlação, a qual tem como característica semântica expressar causa e consequência, até outras construções que se distinguem desses tipos prototípicos e assumem novos valores semântico/pragmáticos.

4.1 *Tanto que* – Contexto histórico

O trabalho de Bellay (2011), intitulado “O Processo de Gramaticalização do uso de *tanto que* (e variantes) em *corpora* dos séculos XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX”, o qual foi realizado sob orientação da Professora Dr^a. Maria Regina Pante, apresenta dados importantes sobre o processo de gramaticalização da construção *tanto que* e suas variantes. Esses dados são indispensáveis para que possamos situar o contexto histórico que norteia as construções analisadas sincronicamente neste trabalho, por isso apresentamos aqui alguns dos resultados de sua pesquisa.

Nos resultados de pesquisa obtidos pela autora, foram identificados, a partir de critérios semânticos e sintáticos, três diferentes tipos da construção *tanto que* ao longo dos séculos. Com base nos valores semânticos, esses três tipos de construção expressam *tempo, consecução e evidência*.

Em textos do século XIII, a autora identificou ocorrência da construção *tanto que* com valor temporal, tendo correspondência semântica com *assim que*. Esse valor temporal mantém-se no texto “Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense” (XIII ~XIV) e coocorre com o valor consecutivo, pois, das 25

⁴ Pós- graduada no Programa de pós-graduação em Letras - Mestrado e Doutorado (PLE) da Universidade Estadual de Maringá.

ocorrências encontradas, 13 apresentam valores temporais e 12, valores consecutivos:

1. E **tanto que** esto disse leixou a vistidura de molher... (Vida de Eufrosina)
[E, **assim que** disse isso, deixou a vestimenta de mulher...] (TEMPORAL)
2. **Tanto que** chegou ao rryo de Jordam braadou-lhe hũa voz. (Vida de Santa Maria Egipcíaca)
[**Assim que** chegou ao rio de Jordão, uma voz lhe bradou.] (TEMPORAL)

Nos exemplos 1 e 2, observamos que, sintaticamente, *tanto* e *que* estão adjacentes, pospostos à conjunção *e* e introduzindo sentença, respectivamente. Na leitura das Crônicas escritas por Ruy de Pina, em específico na Chronica de El-Rei D. Affonso V (Vol. I, século XVIII), encontramos os seguintes exemplos com valor temporal e com estrutura sintática semelhante às encontradas por Bellay (2011):

3. **Tanto que** a Rainha viu seu filho alevantado por Rei, logo fez chamar á sua casa o Infante D. Pedro, e o Arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, primo com irmão de seu pae d'ella, e as outras principaes pessoas que hi eram. (TEMPORAL)

[**Logo que (Assim que)** a Rainha viu seu filho ser elevado a Rei mandou chamar à sua casa o Infante Dom Pedro, o Arcebispo de Lisboa, Dom Pedro de Noronha, seu primo, seu irmão e seu Pai. Além das demais pessoas de destaque que ali estavam.

4. E **Tanto que** o Infante D. Pedro foi em Camarate, que era no começo de Setembro do anno de mil e quatrocentos e XXXIX, logo escreveu a todos los logares do reino notificando-lhe os movimentos que se esperavam, de que era certificado, e as causas de quem procediam, encommendando-lhe que logo se fizessem e estivessem prestes para quando vissem seu recado; (TEMPORAL)

Assim que Infante D. Pedro, no começo de setembro do ano de mil quatrocentos e trinta e nove, foi à Camarate, escreveu a todos os lugares do reino, notificando-lhes os movimentos que se esperavam, dos quais se certificara, e de quem procediam, encomendando-lhes que estivessem de prontidão quando recebessem seu recado.]

Nos exemplos de 1 a 4, em que o valor semântico de *tanto que* é temporal, observamos que essa construção ocorre no início do fragmento, por isso entendemos que seu valor temporal está relacionado a sua posição no fragmento, isto é, quando está no início, o valor semântico é sempre temporal.

Além do valor temporal, Bellay (2011) também identificou ocorrências com valor consecutivo, a exemplo da ocorrência 5:

5. E a moça em tam pouco tenpo ouve **tanta** sçiençia **que** o padre sse maravilhava muito. (Vida de Eufrosina)
 [E a moça, em tão pouco tempo, adquiriu **tanta** sabedoria **que** o padre se maravilhou muito.] (CONSECUTIVA)

Em 5, a construção com *tanto que* é consecutiva e semelhante aos exemplos tradicionais contemporâneos considerados sintaticamente correlatos. O quantificador *tanta* mantém correlação com a conjunção *que*, a qual introduz a segunda oração, sendo considerado um quantificador de tipo 1⁵. Como quantificador de tipo 1, *tanto que* quantifica um nome em função substantiva ou um nome em função adjetiva, motivo pelo qual o elemento apresenta-se flexionado em gênero e em número para concordar com esse sintagma, como observamos nos exemplos que seguem:

6. E no tempo que Crisnarao foy sobre esta cidade era ymverno, pella quoa causa a ribeira que a cercava hia tão grande, e levava **tanta augoa que** elrey não lhe podia fazer nenhũu dapno;

⁵ A nomenclatura *quantificador de tipo 1* e *quantificador de tipo 2* é proposta por Mattos e Silva (1989) In: MATTOS e SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989, e adotada por Bellay (2011).

[E no tempo em que Crisnarao esteve nesta cidade era inverno, motivo pelo qual, a ribeira que a cercava ia tão grande e levava **tanta água que** o rei não lhe podia fazer nenhum dano;]

7. ..e eram **tantos** amadores **que** ha amavam que muitos morriam por ella...
(Vida de Tarsis)
[...e eram **tantos** amantes **que** a amavam que muitos morriam por ela...]

Nos exemplos 6 e 7, o quantificador de tipo 1 quantifica nomes em funções substantivas. Em ambos os exemplos, o quantificador flexiona-se, em gênero (exemplo 6) e em número (exemplo 7), em função do substantivo com o qual se relaciona.

Além do quantificador do tipo 1, Bellay (2011) também identificou quantificadores do tipo 2. A autora classifica como quantificador de tipo 2 as ocorrências de *tanto que* nas quais *tanto* é empregado de forma descontínua, quantificando o processo verbal, motivo pelo qual não se apresenta flexionado, como pode ser verificado no exemplo 8:

8. ...e **tanto** sabia este santo velho das tãetaçooês e de veençer as batalhas dos pecados **que** muitos viinham a el dos houtros moesteyros.
(Visão de Santa Maria Egipcíaca)

[...e **tanto** sabia das tentações e de vencer as batalhas dos pecados, **que** muitos vinham a ele dos outros mosteiros]

Em textos do século XV e XVI, as ocorrências de valor temporal e valor consecutivo com quantificadores do tipo 1 e do tipo 2 continuam a ocorrer, e a autora verifica que os exemplos se apresentam mais gramaticalizados, pois são empregados de modo fixo. “Isso ocorre porque a adjacência ou contiguidade é marca de fixação do posicionamento de *tanto que*” (BELLAY, 2011, p. 62).

9. ...e deteu-sse **tanto, que** trespassou aquella hora em que auia de chegar ao loguar, e perdeo poren o galardom que ouuera dauer. (Orto do Esposo)

[...e deteve-se **tanto que** passou a hora em que tinha de chegar ao lugar e perdeu por isso a recompensa que deveria receber.]

É, também, em textos do século XVI, que Bellay (2011) identifica um novo tipo de quantificador, o qual ela denomina de tipo 3. Segundo a autora, nessas ocorrências a construção *tanto que* é empregada como elemento de realce, de evidência do fato ou de algo anteriormente mencionado:

10. no bairro de cada capitão tem sua praça, omde achaveis todas as carnes, convem a saber, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, lebres, perdizes, e outras aves, e ysto em grande abastança, **tanto que** vos parecia estardes na cidade de Bisnaga...

[no bairro de cada capitão há uma praça, onde achareis todas as carnes, a saber: carneiros, cabras, porcos, galinhas, lebres, perdizes e outras aves; e isto com grande fartura, **tanto que** parecia estardes na cidade de Bisnaga...]

11. lhe chegou gente do rey de Bisnaga, e a gente de Domaar, e asy outros muytos capitães com muyta em fimda gente, **tanto que** asy forão todos juntos...

[lhe chegou gente do rei de Bisnaga, e a gente de Domaar, e assim outros muitos capitães com uma infinidade de gente, **tanto que** assim foram juntos...]

Os exemplos 10 e 11 correspondem ao interesse primordial deste trabalho, ou seja, ocorrências com *tanto que* com um tipo de pausa sintática. Bellay (2011) atribui a essas construções a função de evidência/realce, em que a expressão *tanto que* não tem como escopo de incidência um processo verbal ou um nome em função

substantiva, adjetiva ou adverbial, e sim todo o conteúdo veiculado anteriormente. Nesses exemplos, já não está tão evidente a consecução e, conseqüentemente, a relação de causa e consequência.

A autora também identificou ocorrências como as dos exemplos 10 e 11 em *corpora* do final do século XIX e quase início do século XX. Em todas elas, a expressão *tanto que* ocorre precedida da conjunção coordenada aditiva *e*, embora esta não seja necessária.

12. Este piloto, que era muito entendido em cosmographia, parece que tinha seus agravos de Magalhães, e, ou por este motivo, ou porque ia doente, **e tanto que** morreu depois na viagem...

[Esse piloto, que era muito entendido em cosmografia, parece que tinha seus problemas com Magalhães e, ou por esse motivo, ou porque estava doente, **tanto que** morreu depois da viagem...]

Observamos nas ocorrências 10, 11 e 12 que *tanto* e *que* estão adjacentes, antecidos pela conjunção *e* e por pausa, ou somente por pausa, não mais expressando tempo ou consequência como acontece em construções com quantificadores dos tipos 1 e 2. Encontramos um tipo de ocorrência semelhante aos exemplos supracitados na *Chronica de el-rei D. Affonso V* (Vol. II, século XVIII), escrita por Rui de Pina:

13. cá em outra maneira não seria sua honra nem convinha a seu estado, ao que o Infante por não dar causa a mais danamento, logo satisfez e desistiu em todo do mandado e governança que tinha, em **tanto que** as cartas e provisões que d'antes foram por elle desembargadas, e eram feitas para se de seu nome assignarem, não as quis mais assignar, nem entender em cousa que a regimento pertencesse.

[não convinha a seu estado, nem aqui causaria mais honra que, para não causar mais danos, o Infante logo satisfez a Rainha, desistindo de seu

mandado e governo que havia recebido, **tanto que** as cartas e provisões que por ele haviam sido desembargadas, as quais levariam seu nome, não mais as quis assinar, nem entender a qual regimento pertenciam.

A proximidade que observamos entre os exemplos 10, 11, 12 e o exemplo 13 está no aspecto sintático, na adjacência entre *tanto* e *que* e na pausa que os antecede. Ademais, no aspecto semântico, nesses exemplos, a construção *tanto que* não expressa tempo ou causa e consequência; ela introduz uma oração cujo objetivo transcende esses aspectos semânticos, constituindo o que Bellay (2011) denominou de Tipo 3, o qual funciona como introdutor de realce, de evidência.

O estudo de Bellay (2011) revelou aspectos importantes em relação às ocorrências de *tanto que* em construções consecutivas e temporais, as quais podem assim ser resumidas:

TEMPORAIS	CONSECUTIVAS
- adjacência. Na ocorrência de classificação temporal, <i>tanto que</i> é indissolúvel.	- descontinuidade (adjacência não-obrigatória). - <i>tanto</i> exerce intensificação em uma parte da oração e <i>que</i> exerce a introdução do fato consecutivo.
- não há correlação	- há correlação.
- os elementos <i>tanto</i> e <i>que</i> não constroem o significado de tempo se analisados separadamente.	- os elementos <i>tanto</i> e <i>que</i> constroem a consecução, com ou sem adjacência, de modo que uma parte se localiza em uma oração e a outra parte se localiza na outra oração.
- ordem fixa: <i>tanto</i> e <i>que</i> ocorrem sempre no início da sentença; não – mobilidade.	- apresenta mobilidade relativa de <i>tanto</i> e de <i>que</i> , pois só não ocorre no início da sentença.
- passou por descategorização e caiu em desuso.	- não passou por descategorização ou caiu em desuso.
- possui propriedades morfológicas que o aproximam do advérbio, pois apresenta uma mesma forma de gênero	- possui propriedades morfológicas que o aproximam do adjetivo, pois apresenta as mesmas variações que este,

e de número.	concordando em gênero e número com o substantivo com o qual se relaciona.
- na formação temporal, ocorre a obrigatoriedade e a fixação da forma no masculino e no singular para o termo <i>tanto</i> , não remetendo a algum termo anterior, intercalado ou posterior a esse.	- quanto às variações (<i>tão, tanta, tantas, tanto</i>), observa-se que na consecução há a flexão de <i>tanto</i> para concordar com a palavra a que se refere.
- <i>tanto que</i> com sentido temporal não quantifica, e sim indica sequência temporal do que acompanha.	- <i>tanto que</i> com sentido consecutivo, quantifica o que acompanha, por exemplo, o verbo, o substantivo ou outra classe de palavra que <i>tanto que</i> consecutivo quantifique.

Quadro 11: Características das construções *tanto que* com valor temporal e consecutivo com base no trabalho de Bellay (2011).

Bellay (2011) também analisou a construção *tanto que* a partir dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper. O autor identificou cinco princípios que indicam o grau de gramaticalização dos elementos analisados: a *estratificação*, a *divergência*, a *especialização*, a *persistência* e a *descategorização*. (HOPPER, 1991). A partir desses princípios, Bellay (2011) considerou que essa construção *tanto que* com valor temporal encontra-se em um nível de gramaticalização mais avançado que seu valor consecutivo, pois se enquadra em todos os princípios propostos por Hopper, como resumimos a seguir:

- *estratificação*: surgimento de novas camadas, sem que, necessariamente, haja o desaparecimento das camadas antigas, pois elas podem coexistir. A autora identificou *estratificação* entre *tanto que* temporal e *tanto que* consecutivo, pois ambos são camadas emergentes cujas propriedades são similares às do advérbio ou às do adjetivo, mas constituem as locuções conjuntivas;

- *divergência*: uma forma lexical pode gramaticalizar-se como clítico ou afixo. Essa forma gramaticalizada pode coexistir com a forma lexical original, divergindo funcionalmente. A autora considerou que há *divergência* na ligação entre *tanto* e *que*

na formação temporal de modo que juntos constroem um único sentido (*quando, assim que*) não apresentando significação separadamente;

- *especialização*: estreitamento das possibilidades de formas com diferenças semânticas, o que reduz as opções de uso e faz que uma forma tenha sua frequência de uso aumentada. A especialização foi identificada pela autora na redução da forma *tanto que* (e variantes) para o sentido consecutivo. Prova disso é a prototipicidade atribuída, por pesquisadores do assunto, ao valor consecutivo, e que a coloca em situação oposta à da construção *tanto que* com valor temporal, o qual não ocorre mais nos usos atuais;

- *persistência*: permanência de características da forma lexical original na forma gramaticalizada, refletindo limitações em sua distribuição gramatical. A *persistência* foi identificada nas características do adjetivo (flexão) presentes na formação consecutiva, o que não ocorre com *tanto que* temporal, que se comporta como o advérbio;

- *descategorização*: perda ou neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas das categorias plenas e adoção dos atributos das categorias secundárias. A autora identificou a descategorização e a inexistência de *tanto que* temporal nos dias atuais como características de um nível mais elevado de gramaticalização, diferente de *tanto que* consecutivo, que não passou por essa descategorização ou desuso.

Os seguintes aspectos morfossintáticos foram destacados pela autora em relação às construções com *tanto que/tanto...que*:

a) quando o seu emprego é temporal, há ocorrência de expressões de tempo, tais como *logo, agora*, ou de outro sintagma, os quais enfatizam o valor temporal de *tanto que*; além disso, o emprego de *tanto que* após o conectivo coordenativo “e”⁶ evidencia uma relação de tempo com a ação expressa na oração antecedente, assim como a presença de elemento(s) empregado(s) anaforicamente, fato que comprova que o valor temporal está atrelado a algo anteriormente mencionado;

⁶ Ver o trabalho de Rosa Virgínia Matos e Silva (1989) e Simone Morais Limonta (2012). Mattos e Silva (1989) destaca que o *e* coordena elementos de um enunciado e também enunciados, funcionando, muitas vezes, como um encadeador das narrativas, o qual pode ser dispensado tanto do ponto de vista sintático quanto semântico.

b) quando o emprego de *tanto que* é consecutivo (com ou sem presença de antecedentes coordenados para uma consecutiva), seu emprego pode se dar de forma contígua ou não e, se contígua, é importante considerar sobre qual elemento recai o item *tanto*: se sobre a forma verbal, daí ser invariável e, portanto, advérbio, ou se sobre sintagmas de gênero masculino e/ou feminino, com os quais concorda, propiciando ênfase sobre eles. Nesse caso, trata-se de adjetivo;

c) quando o emprego de *tanto que* é de evidência, seu emprego recai na argumentatividade da oração, ou seja, remete a todo um contexto antecedente.

Verificamos, a partir dos dados pertencentes ao trabalho de Bellay (2011), que a construção *tanto que* passou por um processo de gramaticalização. Em dados contemporâneos, o valor temporal não mais existe; o valor consecutivo expresso por quantificadores dos tipos 1 e 2 permanece, e o valor considerado evidencial, bem como suas particularidades sintáticas, é o que motiva as investigações deste trabalho.

A partir das considerações apresentadas, abordamos, no próximo tópico, ocorrências da construção *tanto que* e suas variantes em uma perspectiva sincrônica, tendo por base dados contemporâneos.

4.2 Construções correlatas consecutivas

As orações consecutivas, tradicionalmente inseridas entre as subordinadas adverbiais, são assim denominadas por trazerem em sua extensão a consequência de algo ocorrido na oração matriz, explicitando a relação causa X consequência. Neste trabalho, tratamo-las como correlatas, por considerarmos que, do ponto de vista sintático, não há como negar que essas construções não possuem a independência presente nas paratáticas, a flexibilidade de posicionamento presente nas hipotáticas, nem o encaixamento presente nas subordinadas. Essas

orações são cossubordinadas, são interdependentes, em função da conjunção complexa⁷ que as integra.

Em sua forma mais prototípica, as orações correlatas consecutivas apresentam, na sentença que expressa a *causa*, um intensificador (*tanto, tamanha, tão*) que tem como par correlativo a conjunção *que*, presente na oração que indica consequência. Segundo Neves (2000), em construções consecutivas, a primeira oração contém a intensificação de um estado de coisas, da predicação, com um todo; ou a intensificação ou quantificação de um dos elementos (substantivo, adjetivo, advérbio), e a segunda oração contém a consequência do estado de coisas ou do elemento intensificado ou quantificado na primeira oração. Observemos o exemplo:

14. Já o morador do Bloco B, Carlos Augusto, cujo apartamento fica em frente ao local da explosão, contou que "o deslocamento de ar foi **tão forte que** levantou a cama, quebrou todas as vidraças e derrubou o computador no chão". (FOLHA UOL, 15 de dezembro de 2013)

Nesse exemplo, temos o advérbio *tão* intensificando o adjetivo *forte* e esse advérbio, presente na oração cujo valor semântico expressa causa, tem como par correlativo a conjunção *que*, presente na oração cujo valor semântico expressa consequência.

Nesse sentido, Ilari (2008), ao tratar das conjunções correlatas, observa duas hipóteses colaterais:

- 1) a sentença consecutiva é uma espécie de completiva de advérbios, tais como *tão* ou *tanto*, cuja distribuição está por determinar;
- 2) a sentença consecutiva não é completiva por ser exigência da estrutura argumental de um item lexical típico (como em *ciente (de que...)*, *boato (de que...)*, *decisão (de que...)*), mas por ser exigência de um operador que interfere na estrutura argumental, ampliando-a (*x é óbvio/ x é tão óbvio que y*).

⁷ Nomenclatura utilizada por Castilho (2010) correspondente a conjunções estruturadas, por exemplo, pela: Junção de advérbios de negação, focalização na primeira sentença, comparação e inclusão na segunda sentença; repetição de expressões; junção de advérbios de intensificação a complementadores.

Sendo assim, a partir da observação de Ilari (2008), evidencia-se que, no exemplo supracitado, a oração consecutiva não é empregada como uma completiva do adjetivo *forte*, e sim como uma necessidade apresentada pelo advérbio *tão*. Para exemplificar esse fato, basta apresentar a primeira oração sem a presença desse advérbio.

14. (*aqui recuperado*) Já o morador do Bloco B, Carlos Augusto, cujo apartamento fica em frente ao local da explosão, contou que "o deslocamento de ar foi forte".

Observamos nesse exemplo que não há necessidade de apresentar mais argumento algum; a estrutura pode ser encerrada desse modo sem que haja prejuízo para sua compreensão. Entretanto, ao se acrescentar o advérbio intensificador, cria-se uma necessidade de algo que apresente a consequência de tal intensificação. No exemplo a seguir, há a ocorrência da construção mais prototípica das orações consecutivas, o *tanto... que*.

15. No filme de 1985, *Marty McFly* (Michael J. Fox) viaja no tempo de volta para a sua cidade em 1955, onde se depara com os dramas juvenis vividos por seus pais. O longa — que ainda incluía no elenco Christopher Lloyd, Crispin Glover e Lea Thompson —, fez **tanto** sucesso **que** deu origem a duas sequências, uma em 1989 e outra em 1990. (FOLHA PRESS, 01 de fevereiro de 2014)

No exemplo 15, como ocorre no exemplo 14, em função da correlação e da dependência entre *tanto* e *que*, fica evidente que não seria possível, sem que houvesse perda de sentido, encerrar o texto após o substantivo *sucesso*, pois a necessidade de completude é irrefutável, o que caracteriza essas sentenças como *interdependentes* (independência constituída pela conjunção complexa correlativa). Ilari (2008, p. 815), ao fazer considerações a respeito da participação dos conectivos na estrutura das sentenças, afirma que, no mecanismo de correlação presente na consecutiva, “um termo presente na sentença regente justifica-se **exclusivamente** por **anunciar uma sentença subordinada**”. (grifo nosso).

Nesse sentido, também Módolo (2008), a partir do exemplo “*Tanto* o incentivei, *que* ele publicou o artigo”, observa que a consequência expressa resulta de uma ênfase referida ao fato causador, representada no exemplo pelo intensificador *tanto*, sem o qual não seria possível ligar a segunda sentença à primeira.

Uma importante observação que se faz em relação às construções correlatas consecutivas diz respeito ao primeiro item do par correlativo, que pode funcionar como quantificador ou intensificador. A função desse primeiro item correlativo é incidir sobre um termo da oração, modificá-lo, atualizá-lo. Esse termo oracional modificado pode ser constitutivo do Sintagma Nominal (SN) ou do Sintagma Verbal (SV):

16. “Ontem mesmo estava em Paris em um desfile no museu do Louvre com **tantos** grampos na cabeça **que** me formou um galo gigante”. (FOLHA UOL, 24 de fevereiro de 2014)
17. Na entrevista coletiva que concedeu na tarde desta sexta-feira, foram **tantas** perguntas sobre Jadson **que** o técnico chegou a avisar: “Ele não vai, vocês sabem, não é?” (DIÁRIO DE MARÍLIA, 08 de março de 2014)

Nesses exemplos, a construção correlata consecutiva tem como primeiro item do par correlativo os quantificadores indefinidos *tantos* e *tantas*. Ambos acompanham e atualizam nomes, núcleos do SN, e sofrem as mesmas flexões desses nomes, por isso: **tantos** (masculino, plural) **grampos** (masculino, plural); **tantas** (feminino, plural) **perguntas** (feminino, plural).

Segundo Moraes de Castilho (2008, p. 138), “os quantificadores são modificadores que se combinam com os nomes em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida”. Em relação ao termo “indefinido”, observa a autora, entenda-se mais amplamente desde um número indeterminado de objetos até uma quantidade indeterminada de uma substância qualquer, na dependência de ser contável ou não contável o nome que funciona como núcleo do SN respectivo.

Ainda em SNs, o primeiro item do par correlativo pode atualizar nomes em posição adjetiva. Nesses casos, todavia, não há ocorrências de quantificadores

indefinidos, e sim do advérbio intensificador *tão*, prototípico intensificador de adjetivos em construções correlativas consecutivas:

18. E é **tão** poética **que**, se tivesse sido criada por um frequentador da Mercearia São Pedro, sairia em forma de haicai... (FOLHA UOL, 11 de março de 2014)
19. O país estava empolgado com o time, sonhando com a vitória em casa. **Tão** animado **que** preferiu ignorar a inferioridade técnica da equipe que chegou às semifinais aos trancos e barrancos, sem enfrentar nenhum dos maiores concorrentes. (VEJA, 16 de julho de 2014)

Nos exemplos 18 e 19, *tão* está funcionando como um advérbio intensificador, denominado por Castilho e Ilari (2008, p. 443) como graduador intensificador, ou seja, é um item que gradua “para mais”.

No que diz respeito ao SV, há ocorrência de *tanto* funcionando como advérbio de intensidade:

20. Desde os tempos da campanha, um discreto motorista vai ao Villa Tevere, tradicional restaurante italiano da capital federal, comprar polpettone para a chefe. Dilma Rousseff gosta **tanto** do prato **que** pediu que sua cozinheira aprendesse a fazê-lo. (FOLHA UOL, 12 de março de 2014)
21. Burman consegue mostrar, com delicadeza, como muitas vezes as pessoas se acomodam **tanto** a seu cotidiano **que** constroem a partir dele uma ideia de felicidade. (FOLHA UOL, 9 de março de 2014)

Nesses exemplos, verificamos que *tanto*, advérbio, está intensificando os verbos *gostar* e *acomodar*, respectivamente.

Em nossas análises, constatamos que, no par correlativo, o primeiro item pode ser um quantificador ou intensificador e que os itens modificados por eles são *adjetivos*, *verbos*, *advérbios* e *substantivos*. Entretanto, em relação à conjunção complexa *tanto...que*, observamos que o primeiro item *tanto* não modifica adjetivos e advérbios (adjetivos e advérbios são intensificados, entre outros, pelo advérbio *tão*),

tanto (advérbio) intensifica verbos, e *tanto* (quantificador indefinido) quantifica substantivos.

4.2.1 Da posição no eixo sintagmático

É importante observar outros aspectos relevantes em relação ao posicionamento sintático do item *tanto* e sua relação com o item sobre o qual recai:

22. Uma vez me contaram a história de uma senhora que nunca jogava nada fora, muito menos o que não era perecível. **Tanto** acumulou **que** acabou morando num dos carros que também mantinha em seu quintal. Na casa, não cabia mais nada. (FOLHA UOL, 31 de janeiro de 2014)

23. Melo já sai de casa a caráter, para a alegria da criançada que joga bola em frente à batcaverna. Sem batmóvel, ele vai para os protestos de trem. Até a Central do Brasil, de onde vai a pé para as manifestações no centro, são 18 estações. A reação dos passageiros é mais amigável que a dos policiais.

"Já tomei muita bomba de gás lacrimogêneo. Na passeata dos professores, na Cinelândia, tossi **tanto que** perdi o rumo. Alguém viu que estava passando mal e me tirou do tumulto", lembra. (FOLHA UOL, 02 de fevereiro de 2014)

No exemplo 22, o advérbio *tanto* ocorre antecedendo o verbo *acumulou*, todavia embora possa haver alteração de sentido se ele estivesse em posição posterior ao verbo, ela não é suficiente para alterar a análise. Isso demonstra a flexibilidade do advérbio, que pode anteceder ou preceder o item modificado. Convém observar que fica elíptico, entre o verbo e a conjunção *que*, o que foi acumulado, no caso *as coisas* que a senhora nunca jogava fora. No exemplo 23, há também o advérbio *tanto* posterior ao verbo e, do mesmo modo que em 22, se ele estivesse em posição anterior ao verbo, a alteração de sentido não seria suficiente para alterar a análise.

24. O Almir foi. Ele substituiu o Pelé e entrou com muita garra. Lembro quando deixamos o vestiário para o segundo tempo, perdendo de 2 a 0, o Almir chegou até mim, apertou meu braço e disse 'Nós temos de ganhar'. Apertou **tanto que** até reclamei [risos]. (FOLHA UOL, 13 de novembro de 2013)
25. Ele nunca fica sozinho. Não tem como. Tenho uma empregada que mora em casa. Ele espera meu marido e eu até para escovar os dentes, porque tinha mania de escovar **tanto que** já estava se machucando. Quando demoramos para chegar em casa, ele liga: "Onde vocês estão? Preciso passar fio dental." (FOLHA UOL, 24 de novembro de 2013)

O exemplo 24 tem o advérbio posterior ao verbo e podemos inferir que há, entre o verbo e a conjunção *que*, um sintagma nominal implícito, nesse caso o *braço*. Estrutura semelhante está presente em 25, em que o advérbio *tanto* ocorre posterior ao verbo e traz implícito o sintagma nominal *os dentes*, complemento do verbo *escovar*. Nos exemplos de 22 a 25, constatamos que o advérbio *tanto* integra o *que* seria, como propõe Perini (2004), o objeto direto do verbo.

Nesses exemplos é possível, assim, identificar o âmbito de incidência do advérbio, ou seja, os termos por ele modificados, isto é, os verbos *acumular*, *tossir*, *apertar* e *escovar*.

4.3 *Tanto que* – outras construções

O interesse deste trabalho está em construções com *tanto que* as quais se diferenciam das construções correlatas consecutivas, seja no aspecto sintático, seja no aspecto semântico. Esses aspectos podem ser verificados nos exemplos 26, 27 e 28, os quais, apesar de manterem a construção *tanto que*, diferem dos exemplos anteriores no que diz respeito à posição desses elementos no eixo sintagmático e a seus aspectos semânticos.

26. No Natal, Gustavo voltou a jogar futebol, **tanto que** seu presente de Papai Noel foi uma bola de futebol e Daniella ganhou uma bola de basquete. (ALESSANDRINI, C. D. *A vida de uma grande garota*. 2007)
27. "Os políticos entendem muito bem de pesquisas, **tanto que** recorrem a elas com frequência. Alguns contratam mais de um instituto para trabalhar com os dados. Os políticos gostam tanto que querem as pesquisas só para eles", afirma Paulino. (FOLHA UOL, 09 de fevereiro de 2015)
28. Sem acordo e sem resposta do NIC.br sobre o impasse, a atriz entrou com a ação. No final de 2008, o NIC.br transferiu o domínio para a atriz, mas o processo indenizatório continuou tramitando.
O NIC.br acredita que a Justiça deverá reverter o caso. "Ele entra em conflito com o Marco Civil da Internet", diz Angelini. "Um provedor não pode ser responsabilizado por supostos crimes cometidos por terceiros."
Para ela, mesmo sem a lei já existia jurisprudência. "**Tanto que**, em mais de cem processos em que o NIC.br foi incluído como réu, a Justiça paulista retirou automaticamente do polo passivo. (FOLHA UOL, 03 de fevereiro de 2013)

Nos exemplos 26, 27 e 28, observamos que, sintaticamente, a construção *tanto que* ocorre após pausa marcada pela presença da vírgula ou por ponto final. Desse modo, ambos os termos estão em uma mesma oração, sem que um incida sobre o outro, ou seja, o advérbio *tanto* não ocorre como intensificador de um termo em específico no interior de uma oração de causa. Pelo contrário, ele está integrado à conjunção *que*, configurando, juntamente com ela, um novo sentido à oração que encabeça. Exemplos como esses são considerados, por Neves (2000) e Módolo (2008), construções consecutivas. Neves (2000) afirma que o intensificador que antecede a consecutiva pode funcionar não apenas no interior da predicação da oração principal, **mas externamente à predicação da oração principal (grifo nosso)**.

*Fosse lá como fosse, servia aos meninos, descobrindo logo o gosto de cada um, dona de grande personalidade. **TANTO QUE** foi ela a decidi a escolha de meu nome. (ANA) (NEVES, 2000, P. 923)*

*Bem, isto foi depois, porque ela demorou a acordar, **tanto que** imaginei: nem acredito, estou diante de uma viagem? (Neves, 2000: 923)*

No mesmo sentido, Módolo (2008), tendo como *corpus* o material do Projeto Nurc, apresenta dois exemplos em que há a adjacência dos dois elementos da conjunção. Um desses exemplos apresenta pausa (semelhante ao exemplo apresentado por Neves), todavia em um *corpus* de língua falada:

*L1 – não não não é não é uma casa grande né... apenas com um jardim com planta com passarinho com tudo quanto é bicho que pode existir... compreendeu? e a: a: a cem metros do rio Capibaribe que é o meu rio sagrado...**tanto que** quando eu morrer quero ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe. [D2 REC 05] (MÓDOLO, 2008, p. 1098)*

Seguindo a perspectiva de Neves (2000) e de Módolo (2008), buscamos algumas alternativas para verificar a configuração de nossos exemplos como ocorrência de orações consecutivas externas ao eixo da predicação. Para isso, o teste é reintroduzir a sentença ao eixo da predicação a fim de constituir novamente uma sentença correlativa. Nos exemplos que seguem, recuperamos os exemplos 26 e 27 e 28 e, em seguida, reescrevemos as possibilidades de reintroduzirmos nele (em negrito) as orações consecutivas que estavam externas.

26. (*aqui recuperado*) No Natal, Gustavo voltou a jogar futebol, **tanto que** seu presente de Papai Noel foi uma bola de futebol e Daniella ganhou uma bola de basquete.

*a. No Natal, Gustavo **tanto** voltou a jogar futebol **que** seu presente de Papai Noel foi uma bola de futebol e Daniella ganhou uma bola de basquete.*

- b. *No Natal, Gustavo voltou **tanto** a jogar futebol **que** seu presente de Papai Noel foi uma bola de futebol e Daniella ganhou uma bola de basquete.*

Como podemos observar, as reescritas 26a e 26b não são correlatas como tradicionalmente conhecemos. Em 26a, a posição de *tanto* anterior ao verbo favorece a argumentatividade, funcionando mais como um introdutor de comprovação do que como um intensificador.

Em 26b, por outro lado, a sentença pode ser considerada agramatical, pois não configura uma ocorrência possível nos usos do português contemporâneo. Essa agramaticalidade aparentemente é beneficiada pela presença da locução verbal e do verbo sobre o qual o elemento *tanto* recai.

27. *(aqui recuperado)* “Os políticos entendem muito bem de pesquisas, **tanto que** recorrem a elas com frequência. Alguns contratam mais de um instituto para trabalhar com os dados. Os políticos gostam tanto que querem as pesquisas só para eles”, afirma Paulino.

- a. *“Os políticos **tanto** entendem muito bem de pesquisas **que** recorrem a elas com frequência. Alguns contratam mais de um instituto para trabalhar com os dados. Os políticos gostam tanto que querem as pesquisas só para eles”, afirma Paulino.*

- b. *“Os políticos entendem **tanto** muito bem de pesquisas **que** recorrem a elas com frequência. Alguns contratam mais de um instituto para trabalhar com os dados. Os políticos gostam tanto que querem as pesquisas só para eles”, afirma Paulino*

A reescrita 27a, do mesmo modo que 26a, com *tanto* antecedendo os termos sobre os quais recai, tende à introdução de uma comprovação. Em 27b, por outro lado, não é possível considerar que a construção formada pela reinserção de *tanto* seja uma construção possível nos usos do português brasileiro. Essa possibilidade é reforçada pela presença de dois advérbios, um de modo e um intensificador. Ao observar o escopo desses advérbios, verificamos que restaria a *tanto*, nessa

posição, intensificar “para mais” um intensificador graduador que também intensifica “para mais”, isto é, *muito*.

No exemplo 28 (*aqui recuperado*), também há a presença da polifonia. A primeira sentença é a voz do jornalista, autor do texto; a segunda voz é a da atriz.

28. (*aqui recuperado*) Sem acordo e sem resposta do NIC.br sobre o impasse, a atriz entrou com a ação. No final de 2008, o NIC.br transferiu o domínio para a atriz, mas o processo indenizatório continuou tramitando. O NIC.br acredita que a Justiça deverá reverter o caso. "Ele entra em conflito com o Marco Civil da Internet", diz Angelini. "Um provedor não pode ser responsabilizado por supostos crimes cometidos por terceiros." Para ela, mesmo sem a lei já existia jurisprudência. "**Tanto que**, em mais de cem processos em que o NIC.br foi incluído como réu, a Justiça paulista retirou automaticamente do polo passivo.

a. *Para ela, mesmo sem a lei já existia **tanto** jurisprudência **que**, em mais de cem processos em que o NIC.br foi incluído como réu, a Justiça paulista retirou automaticamente do polo passivo”.*

b. *Para ela, mesmo sem a lei **tanto** já existia jurisprudência, **que**, em mais de cem processos em que o NIC.br foi incluído como réu, a Justiça paulista retirou automaticamente do polo passivo”.*

A primeira observação que fazemos em relação a 28a e 28b está na manutenção da forma invariável de *tanto*. Optamos por não fazer alterações de gênero ou número, pois, se se trata de uma oração consecutiva funcionando externa ao eixo da predicação, não há motivos para que seus elementos percam suas características morfossintáticas. Em 28a, a inaceitabilidade da sentença está justamente na falta de concordância entre o intensificador e o substantivo *jurisprudência*. Em 28b, por outro lado, a sentença só é aceitável em contextos em que funciona como comprovação para uma resposta dada, como reforço para um argumento.

Além dos exemplos 26, 27 e 28, outros exemplos podem ilustrar essa impossibilidade de reinserção das orações no eixo da predicação sob o argumento de que são subordinadas consecutivas.

29. Outra mudança que surtiu efeito: Luciano no lugar de Malcolm, que mal pegou na bola e, em seu primeiro lance, aos 31, ampliou para o Timão. Depois, aos 43, acertou cruzamento para Guerrero fechar o placar. Frágil, o Mogi mal conseguia ultrapassar a linha de meio-campo. **Tanto que** Cássio foi um mero espectador durante boa parte da etapa final. (GAZETA WEB, 01 de março de 2015)

- a. *Frágil, o Mogi **tanto** mal conseguia ultrapassar a linha de meio-campo **que** Cássio foi um mero espectador durante boa parte da etapa final.*
- b. *Frágil, o Mogi mal **tanto** conseguia ultrapassar a linha de meio-campo **que** Cássio foi um mero espectador durante boa parte da etapa final.*
- c. *Frágil, o Mogi mal conseguia **tanto** ultrapassar a linha de meio-campo **que** Cássio foi um mero espectador durante boa parte da etapa final.*

Nas reescritas 29a, 29b e 29c, a reinserção de *tanto* no eixo da predicação, a fim de constituir uma sentença consecutiva prototípica, não é possível. Isso se dá, em nossas considerações, pela presença da locução verbal e ainda pela presença do advérbio *mal*, que a modifica. Vale ressaltar, mais uma vez, que a alternativa a, em que *tanto* antecede a locução e seu modificador *mal*, tem força argumentativa de comprovação.

No exemplo 30, em que há a presença do advérbio intensificador *muito*, torna-se evidente que as sentenças que aqui analisamos não são consecutivas funcionando fora do eixo da predicação. Nesse exemplo, que faz parte de uma entrevista, não é possível simplesmente inserir *tanto* e *que* no eixo da predicação, pois ele introduz o argumento de comprovação à resposta dada para a pergunta feita. A resposta dada “Muito, muito arriscada” já pressupõe a retomada da pergunta “Ser PM é uma profissão de risco”. A continuação da resposta, introduzida por *tanto*

que, pressupõe a retomada não só da resposta (com o intuito de comprová-la), mas também da pergunta.

30. *Ao todo, 31 PMs foram mortos em 2014 e cinco este ano. Ser PM é uma profissão de risco?*

Muito, muito arriscada. **Tanto que**, no nosso juramento, nós dizemos “com o risco da própria vida”. É uma profissão arriscada, mas quando nós nos qualificamos, nos preparamos, o risco diminui. (CORREIO 24 HORAS, 02 de março de 2015)

Em relação aos exemplos anteriormente discutidos, é importante considerar também os aspectos semânticos dos verbos sobre os quais o advérbio *tanto* tem escopo quando é reinserido no eixo da predicação.

Em 26, a locução verbal *voltou a jogar* não pode ser semanticamente intensificada por *tanto*. Em certos contextos, individualmente, o verbo *voltar* pode ser intensificado por *tanto*, pois é um verbo que indica movimento, locomoção, sair de um ponto e dirigir a outro em que estava. Na locução verbal, o verbo *voltar* funciona como auxiliar e, por isso, não tem mais o sentido de locomoção. Quando constituindo locução verbal, o aspecto desse verbo passa a ser de repetição, reiniciar algo cuja execução estava parada. Em função disso, não é possível intensificá-lo para mais ou para menos: “*pouco voltar a jogar*” ou “*tanto voltar a jogar*”.

Por outro lado, o verbo *jogar*, por ser o verbo principal, pleno, mantém seu *status* de ação e, individualmente, pode ser intensificado. Sendo assim, a única possibilidade de reinserção do advérbio *tanto* é em posição posterior ao verbo *jogar*, porém ele terá como escopo apenas o verbo *jogar*, e não toda a locução *voltar a jogar*.

Em 27, o verbo *entender* permite semanticamente ser intensificado tanto para mais quanto para menos, pois podemos dizer que “*entendemos muito*” ou “*entendemos pouco*” de algo. Entretanto, na sentença já há um predicador desse verbo, o advérbio *bem*. Além de *bem*, há, também, *muito*, advérbio intensificador que tem *bem* como escopo. A presença desses dois predicadores dificulta uma posição ideal para a inserção do intensificador *tanto*, por isso sua posição mais adequada deve ser anterior ao verbo e seu escopo será não só o verbo, mas também seus outros predicadores *muito* e *bem*.

Em 28, o verbo *existir* não pode ser intensificado. Para confirmar isso, basta que tentemos inserir um intensificador antes ou depois desse verbo: *tanto existir, existir tanto, existir pouco, pouco existir*. O aspecto semântico desse verbo não pode ser intensificado, pois é pontual, não é uma ação, ninguém/algo existe pouco ou muito. Desse modo, no referido exemplo, o único elemento sobre o qual *tanto* poderia recair seria o substantivo *jurisprudência* (o que é impossibilitado pela falta de concordância).

No exemplo 29, o verbo *conseguir* também é um verbo que não pode ser intensificado, pois indica um resultado, não uma ação, não costumamos dizer: *consegui muito, consegui tanto, consegui pouco*, a não ser que haja um substantivo pressuposto. O verbo *ultrapassar*, por outro lado, pode ser intensificado para mais ou para menos. Podemos dizer: *ultrapassar tanto, ultrapassar pouco* ou *ultrapassar muito*. Nesse exemplo, como já há um advérbio modificando a locução verbal *mal conseguia ultrapassar*, apenas uma das possibilidades de reinserção de *tanto* faria sentido, aquela em que ele ocorre anteposto a *mal*, tendo como escopo todos os elementos (*mal conseguia ultrapassar*), e não apenas um verbo ou apenas a locução. Nessa posição de hiperpredicador, entretanto, *tanto* não tem mais como objetivo semântico a intensificação dos elementos; sua funcionalidade estende-se para a inserção de uma comprovação, de um argumento de verdade.

Outros exemplos, tais como 31 e 32, possuem semelhança sintática com os exemplos 26 a 30, ou seja, a construção *tanto que* ocorre após pausa, com os dois elementos em adjacência.

31. Com a autoridade de Carmelengo, o ex-secretário de Estado de Bento XVI tentou abreviar as congregações-gerais. Não conseguiu. Mandou que os americanos silenciassem. Conseguiu apenas em parte, porque eles passaram a vazar seus pontos de vista e suas descobertas a repórteres italianos. É uma forma de chamar a atenção dos cardeais da “massa de manobra”, que leem os jornais locais. **Tanto que** Bertone, como está no manual de malandragem, investiu contra a imprensa, dizendo que “a mídia procurava interferir no resultado do conclave”. (VEJA, 13 de Março de 2013)

32. A administração suspeita que pode ter ocorrido pagamento de propina porque um dia após à multa de R\$ 103, 5 mil, uma denúncia anônima à central de atendimento da prefeitura dizia que o dono do imóvel teria feito "um acerto" "junto à prefeitura" para que a construção fosse levada adiante. Segundo Haddad, a subprefeitura deveria ter acionado a Polícia Civil

"Não [houve propina]. Tenho certeza por mim. **Tanto que a** multa foi aplicada e o embargo também", afirmou o agente, que disse ainda ter conhecido Mostafa somente no dia da aplicação das multas e, segundo ele, o proprietário não lhe ofereceu propina. (FOLHA UOL, 03 de setembro de 2013)

As ocorrências em 31 e 32, como dito anteriormente, são semelhantes às ocorrências 26, 27 e 28 em aspectos sintáticos e semânticos. Naqueles, *tanto* e *que* constituem referenciadores que realizam um movimento anafórico e catafórico, pois retomam informações textuais previamente apresentadas e introduzem uma nova sentença a elas relacionada. Outra semelhança entre os exemplos em questão está na função discursiva. Compreendemos que, em todos eles, *tanto* e *que* introduzem uma sentença que busca construir um argumento que constitua como verdade o que foi apresentado anteriormente.

Os exemplos 33 e 34 são variações das construções com *tanto que* até aqui analisadas:

33. Para a OAB, o posicionamento do promotor contraria decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), de 2011, que autoriza a união estável entre pessoas do mesmo sexo, e resolução do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), de maio deste ano, que estabelece que cartórios não podem recusar a celebração de casamentos homoafetivos.

"Essa discussão já foi levantada dez anos atrás, já chegou aos tribunais superiores e já foi decidido. **Tanto é que** a Justiça tem acatado os casamentos", diz Waick. "Ele está só criando obstáculos. Ou está querendo aparecer. (FOLHA UOL, 29 de agosto de 2013)

O exemplo 33 apresenta a construção *tanto é que*, na qual se verifica a presença do verbo *ser*, configurando uma clivagem. Nesse caso, o âmbito de incidência do advérbio não corresponde a uma única palavra (um verbo, um substantivo ou adjetivo). A construção clivada *tanto é que* faz um movimento textual anafórico e catafórico, no qual *tanto* não funciona apenas como um advérbio intensificador, mas também, juntamente com a expressão *é que*, funciona como introdutor de um elemento comprobatório, o qual tem como objetivo apresentar uma informação que atesta a veracidade do que é afirmado anteriormente.

Caso semelhante ocorre no exemplo 34, no qual o verbo de ligação está acompanhado pelo advérbio de modo *assim*. Esse advérbio funciona como fórico textual anafórico, pois faz referência a informações já citadas no texto, indicando comprovação, podendo ser substituído por *desse jeito*, *dessa maneira*, *desse modo* (...), sem que haja prejuízo de sentido. Do mesmo modo, a construção *tanto que* estabelece relação catafórica, uma vez que introduz argumento para convalidação do que foi afirmado anteriormente. Funciona, assim, como uma espécie de *ponte* argumentativa, pois estabelece relação semântico-discursiva entre o que foi dito e o que introduz.

34. (...) a taxa de juros, virtualmente zerada nos Estados Unidos, pode subir agora que a economia volta a crescer mas a operação tem que ser cuidadosa para evitar que o dinheiro que se dirigiu aos emergentes, com juros altos, volte desordenadamente aos países ricos, mais seguros, causando a turbulência cambial que é o tema do momento na agenda econômica global.

Tanto é assim que o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, fez hoje, em voz alta, pedido idêntico ao que o governo brasileiro faz em voz baixa, enfatizando a "necessidade de uma saída ordenada da política monetária não-convencional [juros baixíssimos], de forma a evitar prejudicar as perspectivas de crescimento do mundo em desenvolvimento" (AMR NOTÍCIAS, 05 de agosto de 2014)

Nos exemplos 33 e 34, a construção *tanto que* não exerce a mesma função que exerce em construções consecutivas prototípicas. Muitos questionamentos podem ser levantados a esse respeito, todavia há que haver consenso no que diz

respeito à função expressa por esse tipo de construção. Não há como negar que, apesar da independência sintática em relação à oração, parágrafo, cotexto etc., não há independência semântica, ou seja, essa sentença possui forte vinculação semântica e discursiva com o conteúdo que a antecede. É por esse motivo que os exemplos aqui apresentados, mesmo ficando extensos, precisaram apresentar a porção de texto com a qual essas orações se relacionam, pois o âmbito de incidência do advérbio deixa de ser uma única expressão para ser uma porção maior de texto. Além disso, a função do advérbio deixa de ser o de intensificador ou quantificador para, juntamente com o elemento *que*, introduzir uma sentença cuja função é a de enfatizar, comprovar, realçar, evidenciar o que se apresenta anteriormente. Observemos:

35. "No julgamento esse documento não foi levado em consideração, até porque os auditores foram ao julgamento com seus votos prontos. Esse documento oficial da CBF, que é liberado por meio desse novo sistema, deu condições de jogo ao Héverton. **Tanto que** um funcionário da Portuguesa fez a consulta antes e depois do jogo", afirmou Felipe Ezabella, um dos advogados da Lusa. (FOLHA UOL, 18 de dezembro de 2013)
36. O ministro também diz não ver semelhanças entre o caso do boliviano e do italiano Cesare Battisti. Nesse caso, o Conare também foi contra o asilo, mas teve a sua decisão revista pelo então ministro da Justiça Tarso Genro.
- "Há sempre um juízo que se faz nesse ponto. No caso do Battisti, a concessão do refúgio foi afastada pelo Supremo. Houve a concessão e o Supremo entendeu que não configurava os requisitos da lei de concessão do refúgio. **Tanto que** a decisão foi especificamente em relação ao cumprimento do tratado. O tratado prevê condicionantes para a entrega do extraditado. O [então] presidente [Lula] entendeu que não estavam presentes essas condicionantes, portanto não entregou o extraditado, como o competia fazer." (FOLHA UOL, 28 de agosto de 2013)

No exemplo 35, a sentença introduzida por *tanto que* serve de comprovação das condições de jogo. O fato de o funcionário ter consultado esse documento antes e depois do jogo não é entendido como uma consequência de esse documento dar condições de jogo ao Héverton. É, na verdade, uma tentativa de **comprovar** que o documento dava condições, pois foi consultado antes e depois do jogo. O mesmo ocorre no exemplo 36, a construção *tanto que* introduz uma sentença cujo objetivo é convencer o outro (interlocutor) da verdade sobre o Supremo não ter concedido refúgio.

Em outros exemplos, a busca pela verdade, pela comprovação é reforçada pelo uso do próprio substantivo **verdade**, como observamos nos exemplos 37 e 38:

37. Ocorre que, para os portugueses, embora Cabral seja considerado um bom navegador, ele não é cultuado como o Descobridor do Brasil. Segundo os historiadores lusos, quando Pedro Álvares Cabral foi enviado com sua esquadra, na verdade, a Coroa portuguesa já sabia da existência do Brasil. Suas caravelas, portanto, haviam vindo tomar posse oficial da terra, cuja descoberta fora propositadamente encoberta pelos portugueses até o ano de 1500, por conta de sutilezas do Tratado de Tordesilhas. **Tanto isso é verdade que**, diferentemente do navegador Vasco da Gama, considerado herói português, os restos de Cabral só estão sepultados na Igreja das Graças, em Santarém, porque sua esposa havia sido governanta do rei Manoel, e não pelos seus supostos feitos. (ALVES FILHO, J., 1997)

38. Apesar de confessar ter "esticado o braço para trás e acertado o rosto" do adversário, Guerrero opina não ter merecido o cartão vermelho. "Ele simulou, se jogou no chão. **Tanto é verdade que** continuou jogando depois", explicou. (FOLHA UOL, 05 de fevereiro de 2015)

Nos exemplos 37 e 38, além dos elementos *tanto que*, do pronome demonstrativo fórico *isso* (em 37) e da clivagem, há o substantivo **verdade**, o qual reforça a justificativa de que a construção *tanto que* é utilizada para introduzir um argumento-chave para a comprovação de uma verdade.

Neste capítulo, apresentamos análises mais gerais sobre a construção *tanto que*. Com isso, pudemos verificar que essa construção não é recente, pois já ocorre desde o século XVI, conforme os textos exemplificados no trabalho de Bellay (2011). Constatamos também que, apesar de ser possível identificar uma aproximação entre as construções correlatas consecutivas e as orações introduzidas pela construção *tanto que* após pausa, elas não são idênticas, pois, além das diferenças sintáticas e semânticas, há uma diferença discursiva entre elas. A proximidade entre as sentenças correlativas consecutivas e as introduzidas pela construção *tanto que* após pausa pode ser verificada em alguns aspectos sintáticos, em que, em orações consecutivas, os elementos *tanto* e *que* podem estar em adjacência, mas não após pausa.

No exemplo 27 (*recuperado a seguir*), é possível perceber essa proximidade, pois há duas ocorrências de *tanto que*, uma após pausa, que introduz argumento de comprovação e de evidência; e outra que, apesar de ter os dois elementos em adjacência, não está após pausa e não insere argumento de evidência. A grande diferença entre as duas ocorrências está no fato de que, na primeira ocorrência, *tanto* e *que* integram a mesma sentença e, na segunda ocorrência, eles integram duas sentenças distintas que compõem, semanticamente, uma relação de causa e consequência.

27. (*aqui recuperado*) “Os políticos entendem muito bem de pesquisas, **tanto que** recorrem a elas com frequência. Alguns contratam mais de um instituto para trabalhar com os dados. Os políticos gostam **tanto que** querem as pesquisas só para eles”, afirma Paulino. (FOLHA UOL, 09 de fevereiro de 2015)

Outra proximidade entre os dois tipos de ocorrência da construção *tanto que* discutidos está em ocorrências como a do exemplo 30 (a seguir recuperado). Neste exemplo, apesar de introduzirem e fazerem parte de uma mesma sentença, *tanto* e *que* não estão em adjacência, pois têm entre eles o verbo *é* e o advérbio fórico *assim*. Essa estrutura com os dois elementos separados nos remete, sintaticamente, às demais ocorrências correlatas, porém delas se distancia no aspecto semântico, uma vez que seu apelo discursivo é muito maior que o das consecutivas correlatas.

30. *(aqui recuperado)* (...) a taxa de juros, virtualmente zerada nos Estados Unidos, pode subir agora que a economia volta a crescer mas a operação tem que ser cuidadosa para evitar que o dinheiro que se dirigiu aos emergentes, com juros altos, volte desordenadamente aos países ricos, mais seguros, causando a turbulência cambial que é o tema do momento na agenda econômica global.

Tanto é assim que o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, fez hoje, em voz alta, pedido idêntico ao que o governo brasileiro faz em voz baixa, enfatizando a "necessidade de uma saída ordenada da política monetária não-convencional [juros baixíssimos], de forma a evitar prejudicar as perspectivas de crescimento do mundo em desenvolvimento" (AMR NOTÍCIAS, 05 de agosto de 2014)

No próximo capítulo, apresentamos uma análise da construção *tanto que* sob a perspectiva da gramaticalização a fim de compreender se houve um processo de mudança linguística nos usos linguísticos com tal construção. Dentre as teorias sobre gramaticalização, adotamos a proposta, no Brasil, por Ataliba de Castilho e que propõe que os elementos linguísticos sejam analisados a partir de uma perspectiva multissistêmica.

5 – *TANTO QUE* - PERSPECTIVA MULTISSISTÊMICA

As considerações tecidas em relação às ocorrências com *tanto que* levaram-nos a verificar que seria arriscado analisá-las apenas do ponto de vista de uma gramaticalização unidirecional. As mudanças no aspecto sintático, no aspecto semântico e também a funcionalidade discursiva da construção *tanto que* nos mostraram que uma abordagem multidirecional seria mais pertinente

Ressaltamos que nosso trabalho não se constitui em uma simples aplicação de teoria, mas em uma busca para explicar, com base em uma teoria plausível, cuja perspectiva considere aspectos funcionalistas da língua, a funcionalidade da construção *tanto que* em determinadas construções do português contemporâneo.

Em função disso, neste capítulo, apresentamos a funcionalidade de *tanto que* considerando a abordagem multissistêmica proposta, no Brasil, por Ataliba de Castilho. Para isso, entendemos a língua de um ponto de vista radial, levando em conta aspectos de *tanto que* na gramática (gramaticalização), na semântica (semanticização) e no discurso (discursivização). Não serão abordados neste trabalho os aspectos lexicais de *tanto que*.

5.1 Semanticização

Antes de definir semanticização, apresentaremos o sistema da semântica. Castilho (2003, p. 17) define a Semântica como um sistema configurado pelas seguintes categorias: referenciação, predicação, verificação, foricidade e junção. Esse sistema é responsável pela criação dos significados, a qual ocorre com base “em estratégias cognitivas tais como o emolduramento da cena, a hierarquização de seus participantes, a organização do campo visual, a movimentação real ou fictícia dos participantes, sua reconstrução através da metáfora e da metonímia, etc”. A partir dessa definição de Semântica, é possível compreender mais claramente o que o autor entende por semanticização.

A semanticização é entendida como o processo de criação, de alteração e de categorização do significado linguístico. Esse processo é administrado pelo

dispositivo sociocognitivo. Segundo Castilho (2006), a semanticização tem como produto: os sentidos das palavras (Semântica lexical); os significados composicionais das expressões multivocabulares (Semântica sintática – em 2010, o autor adota a nomenclatura Semântica Gramatical ou Composicional) e as significações inferenciais (Semântica pragmática).

Para o autor, em função de, no processo de criação e de modificação dos sentidos, estarem envolvidas várias estratégias, essa mudança dos sentidos configura-se como um processo contínuo para o qual devemos dedicar cuidadosa atenção.

Precisamos sem dúvida entender mais claramente os mecanismos semânticos das línguas naturais, para configurar a agenda da semanticização. Parece inadequado derivar sentidos abstratos de sentidos concretos, o que teria por fundamento pressupor mentes primitivas, restritas à produção de sentidos concretos, de que teriam resultado mentes mais desenvolvidas, capazes de alçar vôos para domínios abstratos. Outra dificuldade, como já disse, está nas explicações que aludem a um desbotamento semântico (“bleaching”, “fadindg”), como se a permanente criatividade de que é feita a língua implicasse em perdas, sem ganhos, em desmaios, sem despertamentos. (CASTILHO, 2003, p.22)

Castilho propõe que o campo da semântica é organizado pelas seguintes categorias: dêixis e foricidade, referenciação (no sentido de denominação), predicação, verificação, conectividade, inferência e pressuposição, metáfora e metonímia. Neste trabalho, interessa-nos a categoria de predicação.

A predicação ocorre na relação entre um termo e seu escopo, em que o escopo recebe do termo predicador propriedades das quais não dispunha antes. Essa transferência de propriedades está relacionada à categoria cognitiva de Movimento e ocorre por meio de um movimento fictício em que “Traços semânticos inerentes decolam de sua “base”, ou classe predicadora, e aterrissam na classe-escopo” (CASTILHO, 2010, p.127). Para esse autor, essa operação de transferência de traços semânticos pode se movimentar pela sentença e pelo texto, permitindo identificar três grandes mecanismos:

a) a transferência afeta a intensão da classe-escopo: ocorre uma predicação por qualificação (Ex: livro *divertido*)

b) a transferência afeta a extensão da classe-escopo: ocorre uma predicação por quantificação (Ex: *tanta* alegria)

c) a transferência afeta a modalidade da classe-escopo: ocorre uma predicação por modalização (como ocorre em sentenças asseverativas. Ex: **De fato**, *aquele velhinho está lendo atentamente um livro divertido*)

Em relação a *tanto que*, consideradas as ocorrências no português contemporâneo, observemos os exemplos que seguem:

39. O protagonista deseja **tanto** escapar da realidade dura do país natal **que** começa a crer na própria mentira, enquanto a mulher permanece cética ao lado da filha falsa. (FOLHA ILUSTRADA, 22 de maio de 2015)

40. Marcelo Castro (PMDB-PI), que era o relator da extinta comissão, chegou a flertar com a ideia. Apanhou **tanto** nas redes sociais **que** recuou. (VEJA, 25 de maio de 2015)

41. A gente tem **tanto** medo, mas **tanto** medo do SUS, **que** pode faltar qualquer coisa em casa, menos o plano. Uma amiga, demitida, cortou manicure, massagista, faxineira, jantarzinho, penhorou as joias, vendeu tudo que comprou em Miami nas últimas férias. Ficou infeliz, mas não ficou sem plano. (FOLHA UOL, 21 de maio de 2015)

Nos exemplos de 39 a 41, verificamos que os itens *tanto* e *que* ocorrem separados, figurando em sentenças distintas. Em função disso, consideraremos aspectos semânticos de *tanto* no nível intrasentencial e, posteriormente, as relações semânticas intersentenciais.

Nesses exemplos, identificamos a categoria semântica de predicação, pois o advérbio *tanto* predica as palavras sobre as quais recai, isto é, atribui-lhes um conjunto de traços semânticos (papéis temáticos). Essa identificação corrobora a afirmação de Castilho (2010) de que, do ponto de vista semântico, os advérbios são palavras predicativas. Nos exemplos 39 e 40, *tanto* funciona como um qualificador

graduador intensificador, cuja função é graduar “para mais”, propriedade passada para sua classe-escopo, isto é, os verbos *desejar* e *apanhar*, respectivamente. Por outro lado, em 41, *tanto* funciona como um predicador quantificador, o qual quantifica o substantivo não contável *medo*.

A predicação é uma relação semântico-sintática entre o predicador e seu escopo. Nesses exemplos, evidenciamos o funcionamento de *tanto* como predicador de primeira ordem, isto é, ele toma por escopo uma expressão referencial, como *deseja*, *apanhou* e *medo*.

No nível intersentencial, o predicador *tanto* está correlacionado a uma segunda sentença introduzida pela conjunção *que*, e ambos atuam como conectores sentenciais. A conectividade é uma categoria semântica que se encontra gramaticalizada nas sentenças por conjunções. Nos exemplos 38, 39 e 40, *tanto* e *que* constituem uma conjunção complexa, a qual correlaciona sintaticamente as duas sentenças em questão. Semanticamente, essas sentenças articulam entre si relações de causa e consequência, em que, prototipicamente, *tanto* introduz a *causa* e *que*, a *consequência*.

Em outros exemplos, como 42 a seguir, não identificamos a relação semântica de predicação. Primeiramente, devemos levar em consideração que *tanto* e *que* integram a mesma sentença. Em segundo lugar, se analisarmos *tanto*, individualmente, como um predicador, não encontraremos uma classe-escopo para a qual ele transfere suas propriedades; sua abrangência está além da sentença. Não encontramos, todavia, características para enquadrá-lo como um modalizador, o que, dependendo da interpretação, poderia caracterizá-lo como um predicador discursivo ou um predicador pragmático. Além disso, não podemos afirmar que *tanto* ainda tenha as propriedades de um quantificador indefinido ou de um advérbio graduador intensificador.

42. Durante meu casamento nunca me senti tão reprimida. Eu sempre falava o que eu queria. **Tanto que** Fausto às vezes lia uns pedaços de texto para mim e falava: “Agora você lê isto e isto”. (PERRONE, M.P.B., 2003)

5.2 Discursivização

Castilho (2010) entende o discurso como o conjunto de negociações entre um locutor e um interlocutor, por meio do qual, a) se instanciam as pessoas do discurso e são construídas suas imagens; b) se organiza a conversação por meio do tópico discursivo e das ações sobre o outro; c) se reorganiza a interação por meio do procedimento de correção sociopragmática; d) se inserem parênteses e digressões, os quais têm objetivos discursivos a serviço do falante. Muitas são as teorias que se propõem a estudar o discurso; o que todas elas têm em comum é “a determinação de ultrapassar a sentença como limite máximo da análise linguística” (*ibid.* p. 133).

Assim como são variadas as teorias que estudam o discurso, também são variadas as compreensões do que seja discurso. Neste trabalho, ater-nos-emos à compreensão de discurso em uma perspectiva funcionalista cognitivista, considerando-o uma estrutura (texto) e também uma conversação ou uma interação linguística em que estão envolvidos um locutor, um interlocutor e um tema. Essa opção segue aquela do estudo de Castilho (2010), que opta por examinar os processos cognitivos do discurso levando em conta a Análise da Conversação, Linguística do Texto e o Dispositivo Sociocognitivo (DSC) no sistema discursivo.

Entendemos o texto oral ou escrito como a manifestação material do discurso. Desse modo, investigaremos aspectos textuais/discursivos de *tanto que* e, para isso, iniciaremos discutindo os Conectivos Textuais.

5.2.1 Conectivos Textuais

A noção de conectividade está presente tanto no nível oracional quanto no nível textual, tendo uma importante função na articulação discursiva. Quando tratamos no tópico anterior sobre semanticização, *tanto* e *que* funcionavam como conectores sentenciais, pois sua atuação limitava-se ao nível da sentença. Neste tópico, o que consideramos conectores textuais ou conectivos textuais são elementos que ultrapassam o oracional.

Castilho (2010), a partir da análise de conectivos textuais, afirma que os itens lexicais devem ter certos requisitos para atuarem como conectores textuais. Entre as características dos conectivos analisados, o autor identifica que:

- a. são expressões fóricas: retomam o que foi dito e anunciam o que se segue;
- b. situam-se fora da sentença, do ponto de vista gramatical;

É importante, antes de seguirmos adiante, salientarmos o que entendemos por conectivos textuais e o que entendemos por marcadores discursivos.

Nos estudos linguísticos, não há muita coerência em relação ao que se considera marcador discursivo e, muitas vezes, tudo o que não se encaixa em determinada classe gramatical é considerado um marcador discursivo. Na Gramática Textual-Interativa, os marcadores são entendidos como uma classe formada por expressões linguísticas que atuam no gerenciamento dos processos de construção textual, como a referência e a repetição, por exemplo. Para Fraser (1999), os marcadores discursivos constituem expressões lexicais as quais são tiradas das classes de conjunções, sintagmas adverbiais e preposicionais e sinalizam uma relação entre o segmento do qual fazem parte e o segmento anteriormente apresentado. Já para Portolés (1988, p. 23-34), os marcadores discursivos

são unidades linguísticas invariáveis, não exercem função sintática no marco da predicação oracional e possuem uma incumbência coincidente no discurso: o de guiar, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação.

Neste trabalho, entendemos que os marcadores discursivos constituem um grupo mais amplo de unidades que, como entende Schiffrin (1987), atuam no nível da coerência discursiva e não se enquadram em uma só classe linguística. Esses elementos alcançam níveis extraoracionais que vão desde o textual até níveis inferenciais.

Castilho (2010) entende que há muitas formas pelas quais os marcadores discursivos se apresentam: as classes gramaticais, o lugar que ocupam no enunciado, a função que desempenham. O autor os considera classe polifuncional, em que um item opera em mais de uma função, e que pode ser dividida em: marcadores pragmáticos ou marcadores interpessoais (orientados para o

interlocutor) e textuais ou ideacionais (orientados para o texto). Segundo Castilho (2010), alguns marcadores discursivos podem desempenhar o papel de conjunções textuais.

Os estudos sobre os marcadores discursivos, que já eram amplos, foram ainda mais ampliados, estendendo-se para além do texto falado. O trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006), o qual tem como fundamento a Perspectiva Textual-Interativa, entende os marcadores discursivos como expressões que contribuem para a organização discursiva por meio da articulação tópica dos segmentos textuais ou contribuem para a codificação da interação entre os interlocutores, ou seja, atuam na construção textual/interativa do discurso. Os autores caracterizam os marcadores discursivos a partir de traços concernentes a nove parâmetros de análise:

1. articulação de segmentos do discurso;
2. orientação da interação;
3. relação com o conteúdo proposicional;
4. relação sintática com a estrutura oracional;
5. autonomia comunicativa;
6. demarcação prosódica;
7. padrão de recorrência;
8. transparência semântica;
9. massa fônica;

A partir desses parâmetros, os autores distinguem entre marcadores prototípicos (possuem todos esses traços) e os não prototípicos (não possuem 1 ou 2 traços). Outra distinção presente na proposta dos autores é feita entre marcadores basicamente sequenciadores tópicos e marcadores interacionais. Essa segunda divisão parece ser similar à proposta por Castilho (2010), que utiliza a nomenclatura *marcadores textuais* e *marcadores interpessoais*.

Assim, entendemos que há marcadores que atuam no nível textual e há conectivos que atuam no nível extratextual. Os primeiros, que podem ser representados pelos conectivos textuais, atuam na conexão, na articulação sequencial das ideias do texto etc.; os segundos atuam diretamente na interação entre os interlocutores. Sendo assim, verificaremos, neste trabalho, se os itens *tanto*

e *que* constituem um conectivo textual, isto é, se são marcadores orientados para o texto.

Em relação a *tanto que*, nos exemplos que seguem, traçamos algumas considerações a respeito de sua funcionalidade no sistema discursivo.

43. Na arquibancada, observar torcedores era até cômico. Metade se levantava quando uma das equipes atacava, a outra comemorava quando o perigo era afastado. A emoção de gremistas ou colorados era atenuada pelo acompanhante, sempre que possível. Xingamentos - principalmente ao árbitro Jean Pierre Lima - e apoio eram vistos como em outras áreas do Beira-Rio.

Tanto que a área isolada sob o viaduto Dom Pedro I, na esquina da avenida Borges de Medeiros com a Rua José de Alencar, que receberia os torcedores gremistas e colorados, ficou vazia. O clima pacífico reinou. Por isso, a confraternização foi na rua fechada mesmo. E um mar de azul e vermelho misturados foi visto, em situação que geralmente acontecia em Gre-Nais no interior do estado, em Porto Alegre. (GLOBO ESPORTE, 02 de março de 2015)

No exemplo 43, a ocorrência de *tanto que* não ilustra uma relação entre sentenças, como verificamos em estruturas correlativas consecutivas. Entendemos que nesse caso, a construção *tanto que* assume a função de um conectivo textual, pois articula segmentos do texto, contribuindo para a argumentação discursiva. Em relação às três características propostas por Castilho (2010) para enquadrar os conectivos textuais, verificamos que:

1. devem ser expressões fóricas:

- *tanto que* funciona como uma expressão fórica, pois retoma o que foi dito em parágrafos anteriores do texto. O primeiro parágrafo diz respeito a um jogo realizado, no dia 1º de Maio de 2015, entre as equipes do Internacional e do Grêmio e que contou com torcida mista (mil torcedores de cada time juntos na

arquibancada). No segundo parágrafo, a construção *tanto que* realiza um movimento anafórico de retomada da informação do primeiro parágrafo e também introduz informações que estão a elas relacionadas no segundo parágrafo:

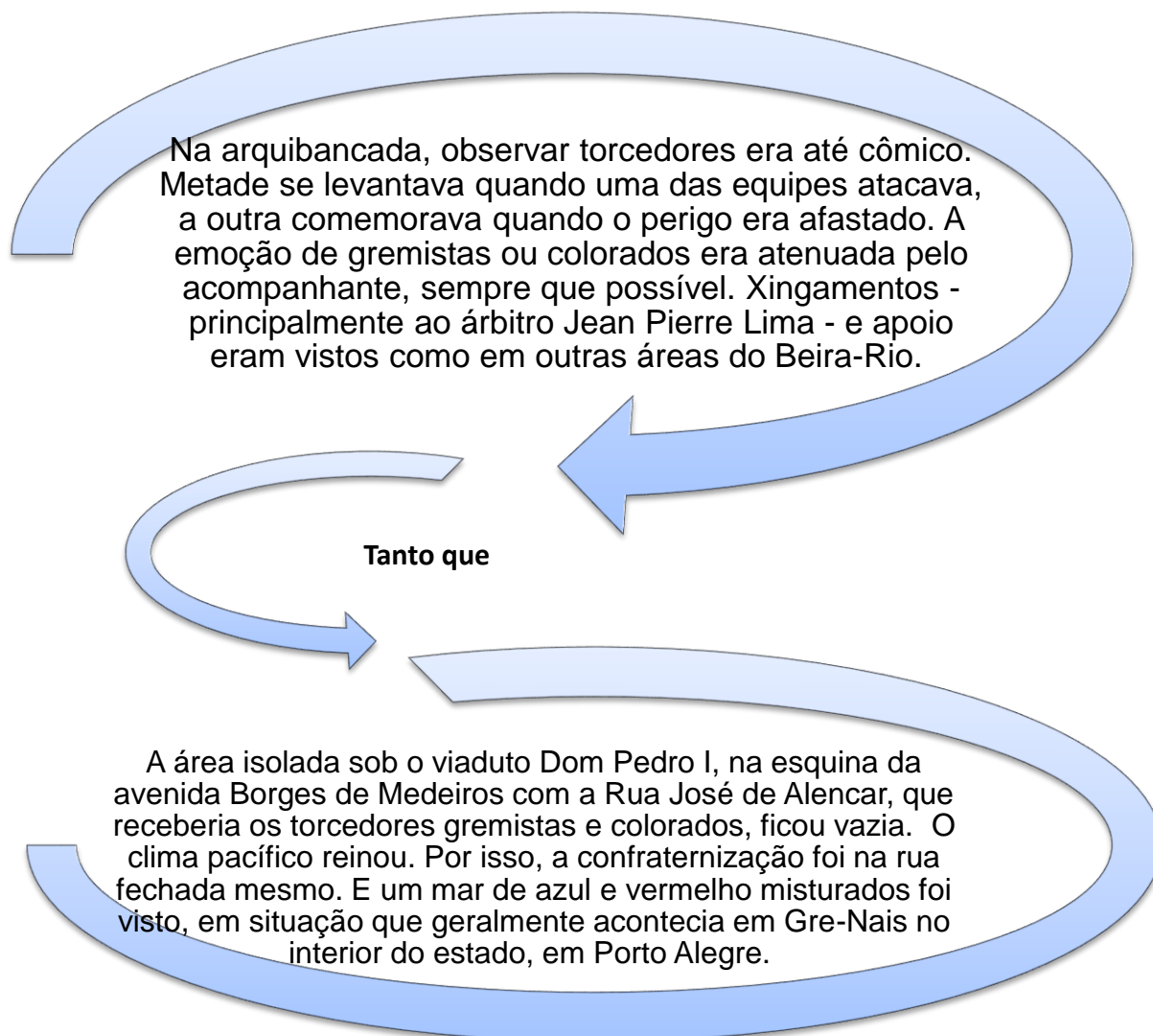


Figura 5: Movimento fórico textual realizado pela construção *tanto que* (exemplo 43, aqui retomado).

No exemplo 43, a construção *tanto que* introduz uma informação evidentemente fórica, mas nem sempre há uma relação direta e próxima entre a construção *tanto que* e o referente fórico textual. Observemos o exemplo que segue:

44. Comércio iniciam troca de sacolas plásticas por biodegradáveis em GO

Em Catalão, empresa que não substituir será multada a partir de agosto. Produção de sacolas ecológicas e recicláveis prospera no estado.

A redução do uso de sacolas plásticas é uma tendência em vários municípios goianos. Em Catalão, no sudeste de Goiás, por exemplo, multas vão ser aplicadas, a partir de agosto, aos supermercados que não usarem sacolas biodegradáveis. Já em Porangatu, no norte, uma comerciante produz e até exporta sacolas ecológicas para municípios da região.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, são distribuídas, por hora, cerca de 1,5 milhão de sacolinhas plásticas no Brasil. Para sua produção são consumidos petróleo ou gás natural, água e energia.

A sacola plástica pode levar até 400 anos para se degradar. "A sacola biodegradável consegue se degradar no meio ambiente com o tempo. Em média, em até oito meses essa sacola vai ser totalmente degradada. Enquanto a sacola plástica normal vai ficar na natureza por 400 anos sem se decompor", explica o engenheiro ambiental Anselmo Claudino de Sousa.

Catalão

Empresas de Catalão já se preparam para o fim do uso das sacolas plásticas, conforme determina uma lei municipal promulgada em 2009. Fiscal de caixa de um supermercado da cidade, Ozânia Mendes explica que o comércio aderiu, por enquanto, ao produto semibiodegradável. "Para o cliente não sentir a transição e, futuramente, retirar a sacola tradicional e ficar só com a ecologicamente correta", diz.

O secretário Municipal de Meio Ambiente, Marcelo Mendonça, destaca a importância de a comunidade mudar o comportamento.

"Se trata agora de criar uma agenda consensuada, em parceria com o empresariado e os consumidores, que também têm um papel importantíssimo, pois, a partir do momento que eu compro e eu exijo que a sacolinha seja biodegradável, estou contribuindo sobremaneira para que o meio ambiente seja preservado", afirma.

Porangatu

Grande parte dos moradores do norte goiano mudou o comportamento. **Tanto que** o negócio de Evaldina Momenté não para de crescer. Atualmente, são produzidas, por

dia, de 500 a mil peças ecológicas, que são retornáveis. Cada unidade custa, em média, R\$ 3,50.

<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/05/comercios-iniciam-troca-de-sacolas-plasticas-por-biodegradaveis-em-go.html>. Acesso em 30 de Maio de 2015.

O exemplo 44 já é constituído pelo texto na íntegra, pois não é possível compreender o referente sem que todo o texto seja considerado. Em relação às informações retomadas e introduzidas por *tanto que*, podemos questionar:

- a. grande parte dos moradores do norte goiano mudou o comportamento em relação a quê?
- b. quem é Evaldina Momenté?
- c. qual o negócio de Evaldina Momenté?
- d. quais são as peças ecológicas produzidas e por quem elas são produzidas?

A resposta para essas perguntas está no decorrer do texto quando o autor escreve que “uma comerciante produz e até exporta sacolas ecológicas para municípios da região”. Apesar de a informação sobre essa comerciante ser introduzida no primeiro parágrafo do texto, o nome dela só consta no último parágrafo: Evaldina Momenté. Em função disso, não é possível compreender as informações do último parágrafo sem levar em consideração todo o texto, isto é, não é possível compreender o movimento fórico textual realizado, dentre outros, pela construção por *tanto que*, considerando apenas informações do último parágrafo, conforme podemos visualizar na figura que segue:

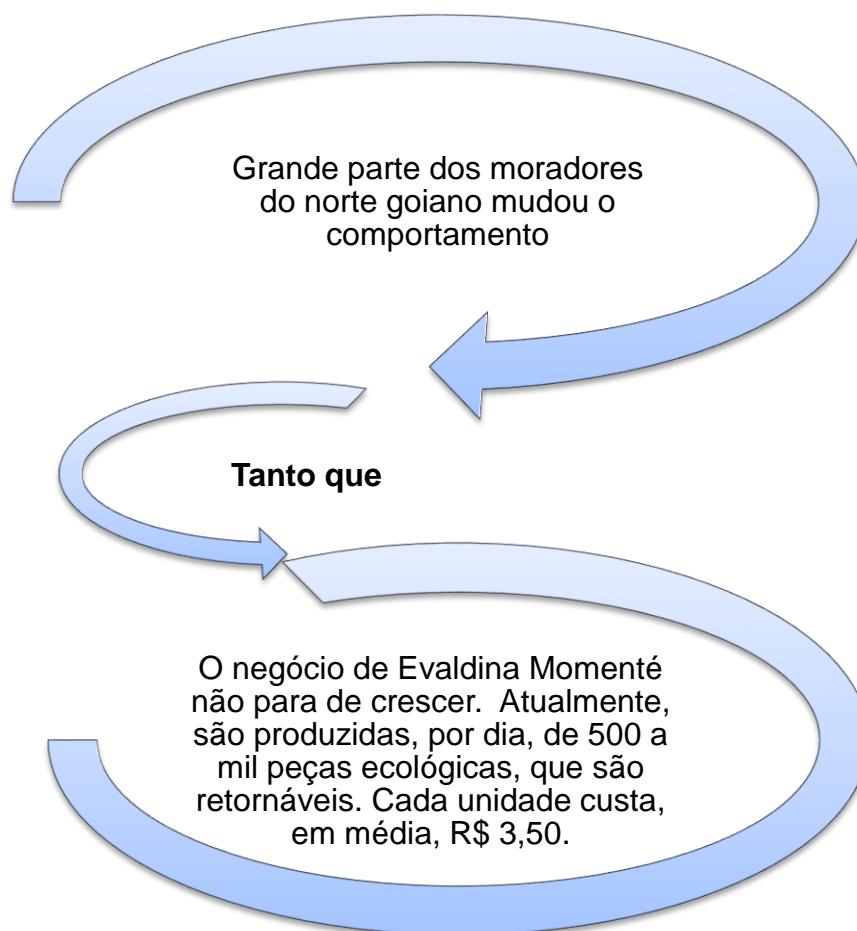


Figura 6: Movimento fórico textual realizado pela construção *tanto que* (exemplo 44, *aqui retomado*).

Nessa figura, verificamos que há um referente para a construção *tanto que* (grande parte dos moradores do norte goiano mudou o comportamento). Entretanto, esse referente está “amarrado” a todo o texto que o precede, sendo necessário retomar todo o texto para entender o contexto de ocorrência de *tanto que*. Esse tipo de exemplo poderia levar o leitor a questionar se a construção *tanto que* não está sendo utilizada indiscriminadamente na organização textual, sem ponderar a coerência textual e os referentes alcançados por essa construção. A resposta é não, pois tal uso de *tanto que* leva em conta o todo de sentido constituído pelo texto, em que os elementos textuais são “amarrados” uns aos outros, dando sequência coesiva e coerência às ideias do texto. Esse uso também pode estar justificado nos elementos de produção que envolvem o texto, por exemplo, o contexto, o meio de divulgação etc.

Para contextualizar alguns dos elementos que estão envolvidos na produção dessa notícia, selecionamos algumas informações relevantes. O site G1 faz parte do

portal *globo.com* o qual faz parte das organizações globo. Segundo Ferreira, Lopes e Pedrini (2014, p.56) o portal globo

hoje é dividido em cinco editorias que direcionam o internauta para outros portais. Elas são denominadas como: notícias (<http://g1.globo.com>), esporte (<http://globoesporte.globo.com>), entretenimento (<http://etc.globo.com>), tecnologia (<http://www.techtudo.com.br>) e vídeos (<http://globoTV.globo.com>).

O site g1.globo.com.br, responsável pelas notícias sobre as organizações globo, com a globalização do webjornalismo, passou a olhar para as notícias locais, para o apego das pessoas à sua região, à sua cultura regional e às notícias que dela advêm. Sendo assim, como outros portais, o G1 passou a ter portais específicos para cada região, contemplando cidades interioranas, além dos grandes centros. De acordo com Peruzzo (2005), as mídias locais obtêm sucesso junto aos seus receptores e garantem sua aceitação, pois

lidam com os assuntos que dizem respeito mais diretamente a vida das pessoas no espaço vivido do seu cotidiano. Sua marca é a proximidade, sintetizada nos sentimentos de pertencimento, de identidades e nos elos do cotidiano. (PERUZZO, 2005, p.77)

A regionalização do portal G1 contemplou as regiões Centro-oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul. Na região Centro-oeste, são contemplados o Distrito Federal e os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato grosso do Sul. A notícia do exemplo 44 faz parte do site g1.com do estado de Goiás e traz uma notícia da cidade de Catalão, a qual tem, aproximadamente, 100 mil habitantes e fica a 256 km da capital do estado. O fato de a notícia atender a uma região específica e também dizer respeito a uma cidade específica faz que a linguagem utilizada seja mais intimista, pois muitas das informações divulgadas já fazem parte do conhecimento do público leitor do site. Entendemos, assim, que a construção *tanto que* não está sendo utilizada erroneamente, pois sua retomada fórica considerada o todo do texto e é, também, complementada por elementos extralinguísticos, que são o conhecimento cultural da população e a intimidade contemplada em uma publicação regional.

Consideramos, também, o caráter amplamente discursivo dessa construção, pois, por introduzir um argumento de comprovação para algo, o referente anafórico de *tanto que* pode retomar elementos amplos e que podem estar/ficar muito distante ou, até

mesmo, estar no turno de fala de outra pessoa, como observamos no exemplo que segue, retirado da dissertação de Santos (2009):

DOC – o senhor não acha que a, a greve está um pouco desgastada (sup.)

*LOC – Ah, eu acho, eu acho. **Tanto que** esse ano houve greve, não se conta.*

Eu não sei o instrumento da greve está desgastado. (Oc-B-9R-2m-001)

Na ocorrência acima, a construção *tanto que* ocorre em adjacência, introduzindo sentença e tendo por função discursiva comprovar o porquê de o LOC achar que a greve está um pouco desgastada. A referência à greve, cuja informação está na afirmação do DOC, fica implícita na segunda sentença em que o LOC diz: “Ah, eu acho, eu acho (**que a greve está um pouco desgastada**). Tanto que esse ano...”. De modo semelhante, o exemplo 45 tem uma ocorrência de *tanto que*, constituindo um argumento que tenta desconstruir uma verdade, para isso é utilizado o advérbio de negação **não**. O argumento de negação, entretanto, ocorre em turno de fala diverso daquele em que está a verdade a ser desconstruída, pois se trata de uma entrevista e a resposta leva em consideração a afirmação feita pelo entrevistador.

45. Há relatos de pressão de Lula e do PT para que a senhora demitisse o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo.

Tanto não é verdade que José Eduardo saiu no final. E para o lugar dele foi um procurador [Eugênio Aragão]. (FOLHA UOL, 26 demaio de 2016)

Esse distanciamento na fala pode estar ocorrendo, também, em textos escritos em que se faz uso da construção *tanto que*, mas nos quais não há preocupação com seu escopo de incidência, isto é: o que ela comprova?; e como ela comprova?

Em relação às três características propostas por Castilho (2010) para enquadrar os conectivos textuais, além de serem elementos fóricos, o autor destaca que eles:

2. devem figurar sintaticamente fora da sentença:

- *tanto que* pode ser retirado do parágrafo que introduz sem que haja prejuízo sintático. Prova disso está nas figuras que ilustram os exemplos 42, 43 e 44, em que a construção *tanto que* foi retirada do segundo parágrafo, ficando isolada entre os dois parágrafos, sem lhes causar prejuízo sintático.

Além de identificar que os conectivos tetuais podem figurar fora da sentença e que são elementos fóricos, Castilho (2010) também cita a pesquisa de Risso (1993), em que a autora, a partir de uma análise do conectivo *agora*, identifica que ele não é passível de enquadrar-se como foco de orações clivadas. Em relação a essa característica do conectivo *agora*, verificaremos se o mesmo ocorre com nosso elemento de análise, a construção *tanto que*, isto é, verificaremos sua relação com a clivagem.

A clivagem pode ser entendida como um recurso sintático da língua utilizado para focalizar elementos linguísticos. De forma geral, pode-se entender como oração clivada uma oração que responde a uma pergunta como:

A: Quem comeu o bolo?

B: Foi o Paulo que comeu o bolo.

Entretanto, não há muito consenso no que diz respeito à definição e/ou caracterização das orações clivadas entre os pesquisadores. Sob o rótulo da clivagem há construções que partilham certas características e distoam em outras. Como ressalta Braga (2009, p. 178),

ao lado dos estudiosos que defendem que as mesmas representam uma oração complexa, formada por oração com o verbo copular *ser* e uma oração relativa/tipo relativa, existem os que sustentam que elas são uma oração simples, não obstante a presença de dois verbos.

Para essa autora, no Português Brasileiro, há duas famílias de orações clivadas cujos membros centrais são: as Clivadas (com *é que* - correspondentes às *it-clefts* do inglês) e as Pseudoclivadas (com *que* - correspondentes às *Wh-clefts*). A autora ainda considera, em proximidade às primeiras, as chamadas Construções *é*

que e as Construções *que*; e, em proximidade às últimas, as Pseudoclivadas Invertidas, as Pseudoclivadas Extrapostas e as Construções Foco Ser. Os exemplos a seguir foram propostos por Braga (2009, p. 180-181):

CLIVADAS:

E: *Mas aí quando você for mudar para... qual é o bairro que você quer ir?*

F: *Não sei, aí vai depender do problema financeiro. É Isso que vai ter que ver primeiro.* (Amostra 80, fal. 11, mulher) (grifo nosso)

F: *Foi dois SUSto bem grande que eu levei.* (Amostra 80, fal.04, mulher) (grifo nosso)

CONSTRUÇÃO É QUE

F: *Mas aparece muita lanternagem. LanterNagem É QUE tem muita.* (Amostra 80, fal. 25, homem) (grifo nosso)

CONSTRUÇÃO QUE

F: *Baiano não fala muito mal, não. Ruim pra falar é paraíba. Os paraíba BRAbo lá do fundo que... que fala mal.* (Amostra 80, fal. 25, homem). (grifo nosso)

PSEUDCLIVADAS

F: *E eu não estava com a chave. Quem estava com a chave era o jardineiro.* (Amostra 80, fal 18, mulher) (grifo nosso)

PSEUCLIVADAS INVERTIDAS

F: *... ela também estraga mais depressa então você tem que por no congelador. Então... Blfe é o que mais caro sai hoje em dia na cozinha. Porque você suja o fogão.* (Amostra 80, fal 48, mulher) (grifo nosso)

PSEUDOCLIVADAS EXTRAPOSTAS

F: *Eu digo: “ Olha, não fui EU quem tirou a medida, foi sua mãe.”* (Amostra 80, fal. 18, mulher) (grifo nosso)

CONSTRUÇÕES FOCO SER

F: *Os meus foram amamentados de início assim, mas como eu não tinha muito leite, não dava para nada, eles choravam mesmo, que era pouco, quer dizer que tinha que fazer era mamadeira MESmo.* (Amostra 80, fal. 11, mulher) (grifo nosso)

Em relação à construção *tanto que*, verificamos que ela mesma já possui um dos elementos que fazem parte da clivagem: o *que*. Para construirmos uma sentença prototípica, então, basta colocarmos o verbo copular antecedendo *tanto*. Em nosso exemplo, essa inserção é sintaticamente possível.

43. (*aqui recuperado*) Na arquibancada, observar torcedores era até cômico. Metade se levantava quando uma das equipes atacava, a outra comemorava quando o perigo era afastado. A emoção de gremistas ou colorados era atenuada pelo acompanhante, sempre que possível. Xingamentos - principalmente ao árbitro Jean Pierre Lima - e apoio eram vistos como em outras áreas do Beira-Rio.

É tanto que a área isolada sob o viaduto Dom Pedro I, na esquina da avenida Borges de Medeiros com a Rua José de Alencar, que receberia os torcedores gremistas e colorados, ficou vazia. O clima pacífico reinou. Por isso, a confraternização foi na rua fechada mesmo. E um mar de azul e vermelho misturados foi visto, em situação que geralmente acontecia em Gre-Nais no interior do estado, em Porto Alegre. (GLOBO ESPORTE, 02 de março de 2015)

Em sentenças em que há o mecanismo sintático da clivagem, há que se considerar a presença da categoria pragmática/discursiva do foco, isto é, as sentenças clivadas constituem-se como focalizadoras. Nessas construções, há a presença de um verbo copular e do *que*, o qual funciona como um focalizador. Observemos outros exemplos com variantes da construção *tanto que* e sua relação com a clivagem.

46. A comparação com as gravadoras que formavam o panteão do soul dos 1960 e 1970, porém, tem limites. "Se quiserem chamar de revival, ok. Só

não chamem de retrô, pois parece que sou uma jovem imitando, querendo substituir alguém", conta. "Não sou jovem e não imito ninguém. Sou uma cantora de soul."

Tanto é que, como uma legítima diva do soul, usa a voz para criticar o racismo nos EUA e as mortes de jovens negros por policiais americanos. (FOLHA ILUSTRADA, 22 de maio de 2015)

Nesse exemplo, *tanto é que* funciona como uma variante de *tanto que*, na qual há a presença do *é*, verbo copular, entre *tanto* e *que*, constituindo uma sentença clivada com *é que*, cuja funcionalidade discursiva é o foco. Em relação às construções *é que*, em seu artigo de 2009, Braga analisou que essas construções não fazem concordância modo-temporal ou número-pessoal, demonstrando que esses elementos ficam imunes à interferência de material linguístico entre eles. A partir disso, a autora entendeu que a expressão *é que*, em determinados contextos, está se gramaticalizando como uma locução indicadora de foco e que os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional.

Neste trabalho, não é nosso objetivo investigar a gramaticalização da expressão *é que*. Ressaltamos, entretanto, que, em nossos exemplos, essa expressão constitui evidentemente uma sinalizadora do foco oracional. Além disso, mesmo considerando que a construção *é que* seja/esteja mais cristalizada, não é possível compreender nossos exemplos sem que haja a presença de *tanto*, isto é, se a expressão *é que* é considerada uma expressão sinalizadora de foco, a expressão *tanto é que* pode ser considerada, como mostram nossos exemplos, um conectivo textual fórico e introdutor de foco.

Em outros exemplos, ainda há a presença da clivagem, mas a foricidade torna-se mais evidente e acaba sendo transferida para um elemento além de *tanto* e *que*:

47. Até pouco tempo, o PSDB não assumia uma posição clara. Agora, o partido parece aspirar a um protagonismo no debate da maioria penal. **Tanto é assim que** até o senador Aécio Neves que apesar de rivalizar em (quase) tudo com Dilma Rousseff, passou a defender matizes na questão. Ele coincide com a presidenta ao defender o aumento da pena de adultos que cooptam jovens para o crime organizado – alternativa que

pode ajudar a combater a criminalidade juvenil, fortemente defendida pelo PT. (BRASIL – EL PAÍS, 10 de junho de 2015)

48. Se avaliam como relevante o noticiário policial, político e judicial brasileiro, poderiam escalar correspondentes menos medíocres e publicar editoriais de profissionais que pelo menos tivessem lido nossa Constituição. A mesma desculpa não serve para o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa, que tem publicado *posts* francamente mentirosos ou desinformados e agora resolveu dizer que o presidente que assumiu, Michel Temer, o fez de forma anômala, pois não teve votos. Se tivesse consultado alguém capaz de lhe dar informação exata, ele poderia ter sido informado que (1) o vice teve exatamente a mesma votação da candidata a presidente – **e tanto isso é verdade que** a dupla é ré no Tribunal Superior Eleitoral em conjunto, e não isoladamente; e (2) Dilma só chegou ao segundo turno nas duas eleições que disputou porque recebeu votos do PMDB. Ao se tornar um vassalo petista, o ex-presidente do STF põe a reputação. (ESTADÃO, 13 de maio de 2016)

No exemplo 47, o advérbio *assim* funciona como um fórico textual cuja função é reforçar a retomada tópica argumentativa introduzida por *tanto*. Em 48, outro elemento fórico ocupa o lugar de *assim*. O pronome demonstrativo *isso*, que tem entre suas propriedades a foricidade, atua como fórico textual, dessa vez ao lado do verbo *é* e do substantivo *verdade*, constituindo, dessa maneira, um *sintagma nominal* que ocorre entre *tanto* e *que*.

Nesses exemplos, verificamos que os elementos *tanto* e *que* atuam, juntamente com suas variantes, na articulação textual, como conectivos textuais, pois relacionam partes do texto e são importantes na comprovação do que foi apresentado em parágrafo(s) anterior(es). Ademais, compreendemos que seus valores ultrapassam o aspecto semântico, pois a ocorrência de *tanto que* também atua diretamente no convencimento do outro, na construção de um argumento de verdade. Há, assim, uma evidente subjetividade do falante presente nos usos dessa construção.

Entendemos que há entre as partes do texto uma subordinação discursiva impressa pela construção *tanto que*, não sintática. Essa subordinação discursiva ocorre em função de uma relação de intersubjetivação entre os sujeitos, uma vez que o falante busca, por meio da inserção desse argumento, convencer seu interlocutor da verdade do que está afirmando. A veracidade da informação apresentada é, de certo modo, validada pela sentença introduzida por *tanto que* (e suas variantes), em um movimento anafórico/catafórico cujo objetivo é o reforço à argumentação discursiva.

5.3 Gramaticalização de *Tanto que*

Na perspectiva de Castilho e de outros autores, como Charles Morris (1938), Carlos Franchi (1976 e 1991), que entendem a língua como um multissistema, a gramaticalização não é um processo unidirecional e derivacional de mudança que ocorre quando itens lexicais adquirem características gramaticais e itens gramaticais tornam-se mais gramaticais.

Na perspectiva multissistêmica, a gramaticalização consiste em um dos processos de mudança que pode ocorrer nos sistemas linguísticos, do mesmo modo que a lexicalização, a semanticização e a discursivização. Esses processos ocorrem simultaneamente, sem hierarquia entre eles, de forma multidirecional. O sistema da gramática é constituído pelos subsistemas: fonologia, morfologia e sintaxe. Dessa forma, na gramaticalização, uma palavra pode sofrer alterações fonológicas, morfológicas e sintáticas. Os processos nos subsistemas da fonologia (fonologização), da morfologia (morfologização) e da sintaxe (sintaticização) ocorrem de forma simultânea e não há primazia de um subsistema sobre o outro. Conforme explica Castilho (2003, p 23),

A gramaticalização cinde-se em três subprocessos: fonologização (alterações no corpo fônico das palavras), morfologização (alterações que afetam o radical e os afixos) e sintaticização (alterações que afetam os arranjos sintagmático e sentencial). Esses subprocessos ocorrem simultaneamente, sem uma hierarquia de precedência entre eles. Entretanto, observa-se um ritmo unidirecional no tratamento das

palavras no interior de cada um desses subprocessos. Acredito que a ação do dispositivo sociocognitivo mencionado em (6), uma vez mais detalhado e melhor entendido, fornecerá as bases teóricas para o entendimento da gramaticalização, da regramaticalização e da desgramaticalização. O produto da gramaticalização são as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Neste trabalho, não dedicaremos atenção ao subsistema da fonologia e da morfologia. Dedicaremos atenção ao subsistema da sintaxe, considerando aspectos referentes à sintaticização de *tanto que*.

Como já destacado em outro momento de nossas considerações, nas construções consecutivas correlatas com *tanto que*, esses elementos ocorrem em sentenças distintas e estão em interdependência sintática. Em relação a *tanto*, ele ocorre identificamos ocorrências desse elemento no núcleo do sintagma verbal, em posição posterior ao verbo, e também ocorrências que ele intensificando o núcleo do sintagma nominal, em posição anterior ao nome (exemplo 50).

49. A Anistia Internacional, uma das organizações que questionam a operação, recebe denúncias contra a Rondesp nos últimos meses.

Como o senhor vê essas denúncias?

Eu acho que a forma de atuação da polícia, não só aqui na Bahia, como no Brasil, é como a própria sociedade pede. Já chegou ao ponto em que a violência cresceu **tanto que** ela pede isso. (CORREIO 24 HORAS, 02 de março de 2015)

50. Moeda da Venezuela já perdeu tanto valor que é usada como guardanapo. (INFOMONEY, 19 de Agosto de 2015)

Identificamos outras ocorrências em que a construção *tanto* não tem como escopo um termo e não ocorre posposto ao verbo ou ao substantivo que intensifica. Nos exemplos 51 e 52, *tanto* ocorre em função predicativa, posposto ao sintagma nominal que intensifica. Nesses casos, o escopo da predicação semântica é ampliado e a posição no eixo sintagmático é alterada, pois, em relação ao SN, *tanto* prototipicamente ocorre em posição anterior ao nome.

51. *O temor de novos congestionamentos é **tanto que** até os fornecedores sugerem o aumento das encomendas para evitar situações como a do feriado da República - quando lanchonetes tiveram de fechar as portas por falta do que servir.* (FOLHA UOL, 20 de dezembro de 2013)
52. Ainda naquele ano, Jimenez escreveu em seu diário de viagem que o *clima de tensão nas reuniões com a empresa francesa era **tanto que** executivos chegavam a sair da sala. “Ficou tão insuportável que pedi que a reunião fosse suspensa. A Alstom se comportou vergonhosamente”, escreveu.* (VEJA, 11 de agosto de 2013)

Em outras ocorrências de *tanto que*, a estrutura sintática altera-se e os dois elementos linguísticos passam a ocorrer em uma mesma sentença, em contiguidade, após pausa – vírgula ou ponto.

53. Na partida, o Brasil teve apenas quatro jogadoras que foram campeãs mundiais - Amanda, Mayara, Elaine e Deborah -, mas mesmo assim não teve dificuldades para vencer, **tanto que** fechou o primeiro tempo ganhando por 17 a 8, pois conseguiu conter o ataque dominicano, além de encontrar espaços na defesa adversária. (NOTÍCIAS AO MINUTO, 02 de fevereiro de 2014)
54. Outra mudança que surtiu efeito: Luciano no lugar de Malcolm, que mal pegou na bola e, em seu primeiro lance, aos 31, ampliou para o Timão. Depois, aos 43, acertou cruzamento para Guerrero fechar o placar. Frágil, o Mogi mal conseguia ultrapassar a linha de meio-campo. **Tanto que** Cássio foi um mero espectador durante boa parte da etapa final. (GAZETA WEB, 01 de março de 2015)
55. Eu me refiro ao Nuno chamando-o de “Mestre”. Com ele, ganhei mais do que imaginava. **Tanto que** fiz uma maratona. Nunca estive em meu planejamento correr uma maratona. (RIBEIRO, N.C. 2005)

Os exemplos de 53 a 55 são semelhantes sintaticamente às ocorrências de *tanto que* identificadas do século XIII ao século XIX, cujo papel era de locução conjuntiva temporal, como podemos verificar nos exemplos retirados da dissertação de Bellay (2011) e no exemplo 2, recuperado aqui:

2. **Tanto que** chegou ao rryo de Jordam braadou-lhe hũa voz. (Vida de Santa Maria Egipcíaca)

[**Assim que** chegou ao rio de Jordão, uma voz lhe bradou.]

Consideramos também, novamente, a inserção de elementos entre *tanto* e *que*. Nos exemplos que seguem, a posição sintática de introduzir sentença é mantida por *tanto que*, todavia, em todos eles, temos a inserção de algum termo entre esses dois elementos:

56. Não foi só a nível financeiro que se processou o esvaziamento do órgão de desenvolvimento do Nordeste. Isto ocorreu também nos planos administrativo e funcional. **Tanto é que** se impõe atualmente a necessidade de se reformular por completo o órgão, não apenas em termos de recursos, ma igualmente considerando-se seu novo papel na economia nacional. (ALVES FILHO, J., 1997)

57. O baixo comparecimento (só a metade dos inscritos votou) indica que os italianos continuam insatisfeitos com seus políticos, mesmo depois da regeneração prometida por Renzi.

Tanto é assim que o Movimento 5 Estrelas, antissistema por excelência, conseguiu a maioria relativa em três das sete regiões e firmou-se como o segundo partido italiano. (FOLHA UOL, 01 de junho de 2015)

58. A que o senhor atribui essa independência do Congresso, que impõe derrotas ao Executivo?

A relação estabelecida com determinado tipo de governo se esgotou. Isso leva o PMDB a estar mais dividido e a, portanto, se articular para pressionar mais o governo em função dos interesses fracionários. **Tanto é**

verdade que nem mesmo a pressão do PMDB é uma pressão unitária. Ela é fragmentada em diversas lideranças e em diversos interesses. É o que tem ocorrido, na reforma política, na apuração dos casos de corrupção, na questão das terceirizações. (O DIA, 17 de julho de 2015)

59. O dispositivo acrescenta que o salário mínimo deve ser capaz de atender às necessidades vitais básicas do trabalhador e de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social. E assegura reajustes periódicos que preservem o seu poder aquisitivo.

Não é necessário ser especialista em matemática financeira para saber que basta o item da alimentação para concluir que esse dispositivo constitucional está fora de sintonia com a realidade. **Tanto isso é verdade** que a sobrevivência das famílias, mesmo nas condições mais modestas, é baseada em fatores que levam em conta rendas compostas de dois, três ou mais salários mínimos. (CRUZEIRO DO SUL, 06 de junho de 2015)

Em todos esses exemplos, identificamos que *tanto* e *que* não fazem parte de uma estrutura correlata, não expressam uma relação de causa e consequência e não fazem parte de uma oração que esteja subordinada sintaticamente a outra. A subordinação existente entre as orações introduzidas por *tanto que* e o restante do texto é discursiva, e não sintática. Ademais, verificamos também que a construção *tanto que*, apesar de apresentar uma posição fixa introduzindo sentença após pausa, ainda apresenta bastantes variantes, pois permite introduzir, entre os dois termos, até mesmo orações. Isso, entretanto, não nos permite afirmar que esses termos tenham adquirido uma função gramatical específica, por exemplo, de uma locução conjuntiva comprovativa do mesmo modo que ocorria com as locuções temporais que foram identificadas até o século XIX, segundo os dados do trabalho de Bellay (2011).

Neste capítulo, apresentamos uma análise multissistêmica da construção *tanto que* nos sistemas da gramática (no subsistema da sintaxe), da semântica e do discurso. Verificamos, assim, as diferenças entre as construções estudadas por nós

e as correlatas consecutivas. Entre elas: a diferença sintática, pois as construções com *tanto que* estudadas por nós ocorrem após pausa, com os dois elementos em adjacência, e introduzindo sentença; já nas correlatas consecutivas, os elementos *tanto* e *que* ocorrem em sentenças distintas, intersubordinadas sintática e semanticamente. A diferença semântica está na função de *tanto* como predicador, pois, em construções correlativas, seu escopo de incidência é um termo presente na oração de causa; em construções com *tanto que* não-consecutivas, por outro lado, o escopo de incidência de *tanto* pode corresponder a um termo, a uma sentença e até a um ou mais parágrafos.

Nos aspectos discursivos, constatamos que a construção *tanto que* pode ser entendida como um conectivo textual, pois estabelece uma relação entre partes do texto. Além disso, contempla, plenamente, duas características destacadas por Castilho para a caracterização de conectivos textuais, isto é, são expressões fóricas e podem figurar fora da sentença que introduzem.

Em relação à característica discursiva e argumentativa da construção *tanto que*, consideramos importante destacar a sua ocorrência em textos escritos a partir de retextualização da fala e também sua contribuição para a constituição de textos argumentativos. Na análise de nosso *corpus*, identificamos ocorrências da construção *tanto que* em gêneros diversos, tais como: entrevistas, contos, artigos de opinião, textos acadêmicos e, especialmente, notícias. Em relação ao último gênero, identificamos ocorrências em notícias sobre política, sobre celebridades, sobre crimes, sobre mortes e sobre futebol, nas quais a construção *tanto que*, em sua maioria, faz parte de uma retextualização do texto oral para o escrito, isto é, há a fala de alguém materializada em texto escrito, seja em discurso direto ou indireto. Segundo Marcuschi (2001, p. 49), “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”.

Vale ressaltar que, em nosso trabalho, a maioria das notícias foram extraídas de textos online, os quais, por si só, já admitem uma escrita diferente das notícias materializadas em mídias impressas.

Em sua forma prototípica, a notícia tem por característica apresentar, em 3ª pessoa, um fato, desvinculado de qualquer avaliação subjetiva de seu produtor. Entretanto, para reforçar a veracidade desse fato, as notícias utilizam falas retextualizadas de autoridades no assunto, de testemunhas do acontecido ou de

algum dos envolvidos no fato relatado. Sobre esse assunto, Lage (2001, p.35) reforça que

A notícia exclui a argumentação, salvo quando a reproduz de outro texto (de um depoimento, por exemplo). Isto elimina de nossas cogitações os discursos dialéticos, tanto quanto o raciocínio silogístico. A notícia não questiona, afirma; não contrapõe formulações contraditórias, embora possa apresentá-las; não investiga causas ou conseqüências, embora possa ser o resultado de uma investigação.

No exemplo 60, há uma notícia sobre política, em que está retextualizada, em um discurso direto, a fala do magistrado Enrique Ricardo Lewandowski, ministro do Supremo Tribunal Federal e autoridade no assunto tratado. Do mesmo modo, no exemplo 61, está retextualizada, em discurso indireto, a fala de um policial envolvido no fato relatado na notícia.

60. Contudo, ninguém mais confirmou ou forneceu detalhes do envolvimento do líder do PR. "As demais partes envolvidas não reconhecem o interesse de Anthony Garotinho na 'compra' do controle do PTdoB ou na negociação de decisão judicial favorável a um dos grupos que visava assumir a direção da agremiação política, **tanto que** o partido sequer apoiou o referido parlamentar no ano de 2004", disse Lewandowski, na decisão divulgada nesta quinta-feira no *Diário de Justiça*. (VEJA, 26 de setembro de 2013)

61. O delegado Mário Henrique, responsável pelo caso, afirmou que vai indiciar os organizadores por homicídio com dolo eventual e por lesão corporal. Segundo o policial, eles assumiram o risco, **tanto que** contrataram uma ambulância para acompanhar a festa. (EM NOTÍCIAS, 01 de março de 2015)

Nas notícias sobre futebol e também sobre celebridades, constatamos um diferencial das notícias sobre outros temas, pois as notícias sobre esporte têm em si,

além de retextualizações, comentários do próprio repórter esportivo, os quais são dotados de juízo de valor. As notícias sobre celebridades, por sua vez, aproximam-se do gênero fofoca, por terem avaliações do produtor do texto, nas quais se especulam assuntos confidenciais da vida alheia, fazendo comentários positivos ou negativos. Essas características são ainda mais reforçadas em função de serem textos divulgados na mídia online. Nos exemplos que seguem podemos observar essas características.

62. **Parada...** Juninho Pernambucano fará exames hoje para saber exatamente o grau de sua lesão, mas o jogador já avisou seu estafe que são mínimas as chances de não se aposentar ao fim da temporada. **Tanto é que** já está sendo elaborada sua despedida dos gramados. (FOLHA UOL, 12 de novembro de 2013)

63. **Goleiro diz que não faltou vontade: “Tanto que fizemos 1 a 0”**

Procuramos dar nosso melhor, **tanto que** fizemos 1 a 0, o que demonstra que queríamos o resultado. A equipe deles acabou se mandando para cima, até pela situação que se encontram na tabela. Conseguiram o empate e se mandaram de vez. Tivemos ocasiões para vencer o jogo e sofremos o gol no finalzinho. (NETFLU NOTÍCIAS, 24 de agosto de 2015)

64. O Jiangsu Sainty ainda não fez o pagamento dos 5 milhões de euros (R\$ 16,2 milhões) e Jadson treinou normalmente nesta terça (24), no Centro de Treinamento do Corinthians. Mas o próprio clube brasileiro considera uma questão de tempo para selar a transferência do meia.

Tanto assim que Jadson não está relacionado para a partida contra o Linense, nesta quarta (25), em Lins, pelo Campeonato Paulista. (FOLHA UOL, 24 de fevereiro de 2015)

64. Não foi só a nível financeiro que se processou o esvaziamento do órgão de desenvolvimento do Nordeste. Isto ocorreu também nos planos administrativo e funcional. **Tanto é que** se impõe atualmente a necessidade de se reformular por completo o órgão, não apenas em termos de recursos, ma igualmente considerando-se seu novo papel na

economia nacional. (ALVES FILHO, J., 1997)

Nesses exemplos, e em muitos outros analisados em nosso *corpus*, observamos que, como nas entrevistas, nas notícias as ocorrências da construção *tanto que* ainda são partes de exemplos de falas retextualizadas para a escrita, isto é, mesmo estando materializadas na modalidade escrita da língua, as ocorrências são oriundas da modalidade falada, sendo constituidoras de argumentos de valor e de comentários avaliativos. Essa observação demonstra a proximidade da construção *tanto que* com a língua falada, na qual há mais espontaneidade e maior flexibilidade na construção de argumentos de verdade.

Observamos, também, que, quando não estão em retextualizações, as ocorrências de *tanto que* estão em subtipos de notícias cujas características permitem construções de avaliações e de comentários pelo produtor do texto. Essa característica reforça a constituição da construção *tanto que* e de suas variantes como introdutoras de argumentos, ocupando diversos gêneros, mas tendo destaque naqueles que propiciam a argumentação e em gêneros escritos, mas com proximidade com a fala, e em sua maioria textos online, como podemos observar nos exemplos que seguem, os quais são artigo de opinião e entrevista, respectivamente.

65. Dilma não estava blefando quando sinalizou que seu ministro da Fazenda, Joaquim Levy, tinha carta branca para ser ele, e não ela, o chefe da equipe econômica.

Tanto é assim que o reforço do ajuste fiscal, anunciado na última sexta-feira (27), surpreendeu pela dureza. (FOLHA UOL, 03 de março de 2015)

66. ENTREVISTA com JEAN-BERTRAND PONTALIS

É o caso de Proust (*Marcel Proust, o maior dos escritores modernos franceses*). Ele teve uma profusão de amigos, mas no monumental *Em Busca do Tempo Perdido* há um julgamento severo sobre amizade. Ele diz, em resumo, que ela requer um “eu superficial” – que a profundidade do “eu” passa longe da relação com um amigo. Está claro que sofreu uma decepção com amizade. **Tanto que** terminou seus anos fechados num

quarto, isolado, escrevendo a obra que considerava ser sua “verdadeira vida”. (VEJA, 30 de agosto de 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a ocorrência de construções *tanto que* cujas propriedades sintáticas são diferentes de outras construções com *tanto que* tradicionalmente classificadas como adverbiais consecutivas. No português brasileiro, esses elementos linguísticos estão, prototipicamente, presentes em orações complexas correlativas consecutivas, nas quais correlacionam duas sentenças, criando entre elas uma relação de intersubordinação. Nessa estrutura correlata consecutiva, *tanto* funciona como um intensificador ou quantificador presente na oração que expressa causa, e o elemento *que* introduz a oração que expressa a consequência.

Nosso objeto de estudo, entretanto, teve como foco as construções com *tanto que* cuja estrutura sintática se distancia das correlativas consecutivas, pois esses elementos ocorrem após pausa (vírgula ou ponto). Nossa hipótese era de que esses elementos não têm como aspecto semântico a expressão da causa e da consequência. Sendo assim, investigamos as construções com *tanto que* considerando os pressupostos das correntes funcionalistas da linguagem, com ênfase nas teorias sobre a gramaticalização e sobre a articulação de orações.

Para subsidiar nossas análises por meio de uma contextualização histórica da construção *tanto que*, apresentamos, brevemente, os resultados do trabalho de Bellay (2011), no qual a autora já distinguia, em outros séculos, a ocorrência de três valores semânticos assumidos por essa construção, a saber: o valor consecutivo (existente até hoje), o valor temporal (não mais presente no PB contemporâneo) e o valor que a autora denomina evidencial, cuja estrutura sintática se assemelha aos exemplos que encontramos e analisamos em nossas ocorrências contemporâneas. Assim, o trabalho de Bellay (2011) contribuiu para nos mostrar que as construções que estudamos não são algo recente no PB, pois já ocorriam desde o século XVI.

Nossos resultados nos ofereceram subsídios para afirmar que, realmente, estamos diante de construções diferentes das correlativas consecutivas. Trabalhos que fizeram considerações sobre os tipos de construções que estudamos as consideraram consecutivas, funcionando fora do eixo da predicação. A partir desses pressupostos, evidenciamos que nessas construções não há mais a relação de causa e consequência, como ocorre nas consecutivas, pois a reinserção desses

elementos no eixo da predicação, sem alterações significativas, não possibilita a construção prototípica de uma oração de causa, na qual está presente o intensificador/quantificador *tanto*, e de uma oração de consequência, a qual é introduzida pelo elemento *que*.

Após nos certificarmos dessa diferença, nosso objetivo foi verificar se essas orações com as “novas” construções com *tanto que* teriam passado por um processo de gramaticalização. Para isso, optamos pela concepção teórica que entende a língua como um multissistema, no qual a gramaticalização configura apenas um dos processos de mudança que podem ocorrer. Dessa maneira, analisamos as propriedades da construção *tanto que* no sistema da semântica, buscando verificar se houve semanticização; no sistema da gramática, analisando a gramaticalização a partir do subsistema da sintaxe; e no sistema discursivo a fim de verificar aspectos de discursivização.

Do ponto de vista semântico, em uma construção consecutiva, *tanto* funciona como intensificador ou como quantificador e uma de suas propriedades é a predicação, na qual há a relação entre um predicador (*tanto*) e seu escopo, para o qual ele transfere papéis temáticos. Nas construções diferentes das consecutivas, observamos que, analisado individualmente do ponto de vista da predicação, *tanto* não transfere papéis temáticos para UM elemento na sentença, isto é, não há unicamente uma classe-escopo para a qual ele transfere suas propriedades; pois sua abrangência está além da sentença. Esse aspecto poderia enquadrá-lo como um modalizador, mas não identificamos características para enquadrá-lo como um modalizador o que, dependendo da interpretação, poderia caracterizá-lo como um predicador discursivo ou um predicador pragmático. Além disso, não podemos afirmar que *tanto* ainda tenha as propriedades de um quantificador indefinido ou de um advérbio graduador intensificador.

Do ponto de vista gramatical, sintaticamente, nas construções consecutivas correlatas com *tanto que*, esses elementos ocorrem em sentenças distintas e estão em interdependência sintática. Em relação a *tanto*, ele ocorre em posição prototípica, posposto ao verbo, quando intensificador, e, quando quantificador, sua posição prototípica é anteposto ao nome. Nas outras ocorrências com *tanto que*, verificamos que sempre há presença de pausa, vírgula ou ponto antes dessa construção. Além disso, *tanto* e *que* ocorrem na mesma sentença,

adjacentes um ao outro ou intercalados por clivagem, elementos anafóricos e até sentenças (caso em que eles passam a ocupar sentenças distintas).

Observamos, todavia, que em todos os nossos exemplos não correlativos, constatamos que *tanto* e *que* não fazem parte de uma oração que esteja subordinada sintaticamente a outra. A subordinação existente entre as orações introduzidas por *tanto que* e o restante do texto é discursiva, e não sintática. Ademais, verificamos que a construção *tanto que*, apesar de apresentar uma posição fixa introduzindo sentença após pausa, ainda apresenta bastantes variantes, pois permite introduzir, entre os dois termos, até mesmo orações.

Em relação aos aspectos discursivos, investigamos *tanto que* a fim de identificar se essa construção funciona como conectivo textual. Para isso, partimos de características identificadas por Castilho (2010) para caracterizá-los, a saber: são expressões fóricas: retomam o que foi dito e anunciam o que se segue; e situam-se fora da sentença, do ponto de vista gramatical. Analisamos também uma característica identificada por Rizzo (1993) em que a autora verifica que o conectivo *agora* não pode se enquadrar como foco de orações clivadas. Nossas análises demonstraram que nossa construção atende aos princípios identificados por Castilho (2010), mas possui restrições quanto à característica identificada por Rizzo (1993), uma vez que há exemplos em que o próprio elemento *que* contribui para a construção da clivagem, exemplo: *tanto é que*. Apesar disso, por ter, plenamente, duas características dos conectivos, entendemos que essa construção pode ser entendida como um conectivo textual.

Os resultados de nossa pesquisa nos levaram a confirmar nossa hipótese de que as construções analisadas apresentam aspectos sintáticos, semânticos e discursivos distintos das construções correlatas consecutivas. Essas construções introduzem não uma construção de causa e consequência, mas um argumento de verdade, com o intuito de confirmar o que foi dito anteriormente ou o que está em partes anteriores do texto. A inserção do argumento com a construção *tanto que* sinaliza o objetivo do usuário da língua em persuadir/convencer o outro, seu interlocutor, da verdade do que afirmou. Essa busca pelo convencimento do outro demonstra um uso intersubjetivo dessa construção, por meio do qual se evidenciam argumentos e se constroem verdades.

Entendemos, porém, que essas construções não estão plenamente distantes das correlatas consecutivas, tendo com elas, em alguns casos, proximidades sintáticas e semânticas.

O resultado de nosso trabalho contribui para a explicação dos usos de elementos linguísticos a partir da língua em funcionamento, em especial no que diz respeito às orações e como elas contribuem para a organização argumentativo-discursiva. Nosso trabalho, no entanto, limitou-se à análise de propriedades relacionadas às ocorrências de construções com *tanto que* na modalidade escrita da língua. Embora tenhamos trabalhado com ocorrências da língua escrita e sem gêneros específicos, conseguimos perceber que há uma primazia do gênero notícia nos exemplos analisados. Além disso, apesar de fazerem parte da modalidade escrita da língua, nossos exemplos, em sua maioria, contam com transcrições de fala, em retextualizações presentes em notícias ou entrevistas. Essa observação evidencia que há uma aproximação da construção *tanto que* com língua falada, apesar de estar materializada em textos escritos.

Por nosso trabalho não ter estendido nossas análises para textos de língua falada, existe a necessidade de que se investiguem outros aspectos dessa construção, especialmente a partir de seus usos na modalidade falada da língua, ressaltando, por exemplo, aspectos prosódicos. É importante, também, investigar a relação dessa construção com outros gêneros textuais, a fim de confirmar se há maior ocorrência em gêneros da ordem do argumentar, uma vez que seu uso contribui justamente para a confirmação de argumentos e, nas ocorrências analisadas por nós, mesmo no gênero notícia, ela tem sido utilizada, em sua maioria, em retextualizações a fim de introduzir argumentos de autoridade, que auxiliam a confirmar ou complementar o fato noticiado. Além disso, ela tem aparecido, também, em notícias sobre celebridades ou sobre o futebol, em que o caráter informacional da notícia cede espaço para uma subjetividade do autor do texto.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BELLAY, R. **O Processo de Gramaticalização do uso de *tanto que* (e variantes) em corpora dos séculos XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2011.

BISANG, W. Grammaticalization and Language Contact, Constructions and positions. In: RAMAT, A. G., HOPPER, P. J. (eds.) **The limits of grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, p. 13-58, 1998.

BRAGA, M. L. **Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista**. Matruga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 173-196, 2009.

BRINTON, L.; Traugott, E. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.) **A handbook of historical linguistics**. London: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J., PERKIN, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World**. Chicago: University of Chicago Press. 1994.

CASTILHO, A. de. (Org.). **Historiando o português brasileiro - história das línguas: variedades, gramaticalização, discursos**. Blaubeuren: 2003. [Relatório das atividades desenvolvidas ao abrigo do Programa CAPES-DAAD-PROBAL].

_____. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In: RAMOS, Jânia; ALCKMIM, Mônica (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**, vol. V: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003a.

_____. Proposta funcionalista de mudança linguística. Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 223-296.

_____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E.R.de *et al* (Orgs, **Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas**, São Paulo: Contexto, 2012. 17-42.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Mudança Linguística Multissistêmica**, p. 505-518, 2010a. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_510.pdf. Acesso em 25 de Abril de 2015.

CASTILHO, A.T de, ILARI, R. Advérbios Predicadores. In: NEVES, M.H.M., ILARI, R. (Orgs) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de Palavras e Processos de Construção**, vol. II, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

CUNHA, F. da C.; CINTRA, L.F.L. **Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, F. da C. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8ª Ed.; Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 73-87.

FOLEY, W., VAN VALIN, R. D. Jr., **Functional syntax and universal grammar**, Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

FRASER, B. What are discourse markers? In: **Journal of Pragmatics**, n. 31, p. 931-952, 1999.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 93-105, 1996.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E.(Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-55, 2003.

GIVÓN, T. **Discours e and Syntax, Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax: A functional-typological introduction**. Volume II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

_____. **A compreensão da gramática**. Trad.: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: Edufrn, 2012.

GONÇALVES, S. C. L. et al.(org.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GUNDEL, J. K. Topic, focus and the grammar pragmatics interface. In J. Alexander, N. Han and M. Minnick, eds. **Proceedings of the 23rd Annual Penn Linguistics Collnquiun**. Penn Working Papers in Linguistics, vol. 6. 1999.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HENGEVELD, K., MACKENZIE, J.L. Gramática Discursivo-Funcional. Tr. Marize Dall'Aglio Hattnher. In Edson R. de Sousa (ed.), **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**, São Paulo: Editora Contexto, p. 43-86, 2012.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B., KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). **Approaches to Grammaticalization**, v. 1, Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES J. (eds). **Sociolinguistics: Selected Readings**. Harmondsworth: Penguin, p. 269-293, 1972.

ILARI, R. As conjunções. In: NEVES, M.H.M., ILARI, R. (Orgs) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de Palavras e Processos de Construção**, vol. II, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1969.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: **Manual de linguística**. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 2012.

LAGE, N. Ideologia e Técnica da Notícia – 3ª edição revista, Florianópolis: Insular-Edufsc, 2001.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Philadelphia: John Benjamins. 1988, p. 181-225.

_____. **Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change**. *Lingua e Stile*, 20.3: 303-318, 1985.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução Luís Carlos Borges e Anibal Mari, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MACHADO TEIXEIRA, A.C. **Micro-Construções e Gramaticalização: Uma Análise a partir de Vá Lá e Vamos Lá.** LETRAS & LETRAS,- Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, V. 27, N. 1, jan./jun. 2011.

MACKENZIE, J.L., Prefácio. In Edson R. de Sousa (ed.), **Funcionalismo Linguístico: análise e descrição.** São Paulo: Editora Contexto. p. 7-8, 2012.

MATTOS E SILVA, R.V. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1989.

MARCUSCHI, L.A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.24-40.

MARTELOTTA, M. E.; ROCHA, A.R. A base corporal da metáfora In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 71-81

MARTELOTTA, M.E. **Gramaticalização de Conectivos Portugueses: Uma Trajetória do Espaço para o Texto.** CLUNL: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 2008 m. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/PT/?id=1557&det=1141&mid=>. Acesso em: 12-02-2013.

_____. Funções da Linguagem In: MARTELOTTA, M. (Org.). **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2012.

MIRA MATEUS, Maria H. et alii. **Gramática da língua portuguesa.** 5a ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MÓDOLO, M.. **Correlação: estruturalismo versus Funcionalismo.** Pré Publications, Dinamarca, v. 168, p. 35-42, 1999.

_____. **Gramaticalização das conjunções correlativas no Português.** Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Correlacionando as orações na língua portuguesa.** Estação da Luz da Nossa Língua, 2005.

_____. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, M. H. de M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Classes de palavras e processos de construção.** Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1089- 1102

MORAES DE CASTILHO, M. Quantificadores Indefinidos. In: NEVES, M.H.M., ILARI, R. (Orgs) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de Palavras e Processos de Construção**, vol. II, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

NASCIMENTO, M. do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. In: **DELTA**, São Paulo, v. 6, n.1, 1990, p. 83-98.

NEVES, M.H.M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos dos português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A Gramática e suas interfaces**. São Paulo: Alfa (ILCSE/UNESP), v.51, p.81 – 98, 2007.

NEVES, M.H.M., BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. 2. São Paulo: Unicamp, 2008.

NEVES, M. H. M. & DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Construções comparativas. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do Português Falado** (volume VIII: Novos estudos descritivos). Campinas: Editora da Unicamp, 2002. pp. 123-183.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar . **Annual Review of Anthropology**, n. 43, p 97-117, 1984.

NUYTS, J. **Aspects of a cognitive-pragmatic theory of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. **Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure**. *Linguistic* 31: 933 -969, 1993.

PEZATTI, E.G. O Funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218.

PORTOLÉS, J. **Marcadores del discurso** . Barcelona: Ariel, 1998.

RISSO, M. S. et al. **Marcadores discursivos traços definidores**. In: KOCH, I. G. V. (org.) **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: Ed. Da UNICAMP/FAPESP, 1996.

ROSÁRIO, I.da C. do. **Gramaticalização- Uma visão teórico-epistemológica**. *Revista Palimpsesto*, nº 11, ano 9, 2010. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num11/dossie/palimpsesto11_dossie02.pdf. Acesso em: 22-12-2013.

_____. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R. et al. (Eds.). **Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p.219-250.

RIOS DE OLIVEIRA, M. **Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas** Estudos Linguísticos, São Paulo, 42 (1): p. 148-162, jan-abr, 2013. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/EL-42_vol1_148_162_MR_Oliveira.pdf. Acesso em: 14-02-2013.

_____. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: Edson R. de Sousa (Ed.), **Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROOTH, M. "Focus." **The Handbook of Contemporary Semantic Theory**. Lappin, Shalom (ed). Blackwell Publishing, 1997. Blackwell Reference Online. 28 December 2007 <<http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode>

SANTOS, E. C. M. dos. **Gramaticalização da noção de consequência nos processos de combinação de cláusulas**. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado) – UFRJ. <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosECM.pdf>

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers** . Cambridge: Cambridge University Press, 1987

SILVA, A G. **Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista**. 2011. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

TAVARES, M. A. Gramática Emergente e o Recorte de uma Construção Gramatical. IN.: SOUZA, Edson Rosa de (org). **Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.

VOTRE, S. J. Um Paradigma para a Linguística Funcional In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 15-23, 1996.

VOTRE, S. NARO, A J. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: **DELTA**, São Paulo, v.5, n. 2, 1989, p.169-184.